

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – ICHF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PFI**

**HEIDEGGER LEITOR DE TOLSTÓI:  
O COLAPSO DO MORRE-SE IMPESSOAL**

**SARAH MARIA BARRETO**

**LINHA DE PESQUISA: ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE**

**ORIENTADOR: PATRICK ESTELLITA CAVALCANTI PESSOA**

**NITERÓI, 2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – ICHF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PFI**

**SARAH MARIA BARRETO**

**HEIDEGGER LEITOR DE TOLSTÓI:  
O COLAPSO DO MORRE-SE IMPESSOAL**

Banca Examinadora

.....

Prof. Dr. Patrick Estellita Cavancanti Pessoa

Universidade Federal Fluminense

.....

Prof. Dr. Bernardo Barros Coelho de Oliveira

Universidade Federal Fluminense

.....

Prof. Dr. Ecio Elvis Pisetta

Universidade Federal Do Estado do Rio de Janeiro

Nitério

Outubro de 2018

Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.

Fernando Pessoa, *Lisbon revisited* (1923)

## Agradecimentos

Entrar no mestrado foi um processo difícil, que envolveu muita expectativa e esforço, mas isso não se compara aos dois anos de curso. Escrever uma dissertação é uma tarefa muito difícil. Encontrar um tema e desenvolvê-lo necessita de muito comprometimento pois ele será como um companheiro por toda essa caminhada. Passamos tanto tempo debruçados sobre tal tema que ele se introjeta e se torna parte de quem nós somos. Escrever uma dissertação é uma tessitura muito complexa, como a de Penélope de Homero que precisa tecer durante o dia e desfazer o trabalho durante a noite, e isso incontáveis vezes. Escrever sobre o colapso do *morre-se impessoal*, por vezes, pareceu que eu estava tecendo a minha própria mortalha, mas tal qual Laerte, sogro de Penélope, eu sobrevivi e ela não foi necessária. Sobrevivi à dissertação, com muito esforço e dor, e hoje posso celebrar.

Posso comemorar o fato de não ter passado por essa caminhada sozinha. Por ter pais maravilhosos, que sempre me apoiaram e cuidaram de mim, não medindo nunca os esforços para que eu e os meus irmãos pudéssemos ter uma vida boa e feliz. Por ter tido a incansável companhia de meu namorado, Francisco, que por muitas vezes me ouviu falando a respeito de Heidegger e de Tolstói, que leu as milhões de versões dos capítulos, que sempre segurou a minha mão, me encorajou e me fez acreditar que eu conseguiria. Por você nunca ter desistido de mim, eu também não desisti. Você me faz mais forte. Por ter dois irmãos maravilhosos, que são os meus amigos mais antigos, que me conhecem profundamente e mesmo assim gostam de mim. A vocês cinco todo o meu amor, eu agradeço muito, todos os dias, por partilharem a vida comigo.

Outros motivos para festejar são os bons encontros que tive: os pais do Francisco, Rizio e Regina, por me apoiarem em um momento muito complicado. A minha querida Tia Zane por se importar comigo, cuidar de mim, me ouvir e fazer ótimos almoços. A Hanna, por todas as conversas, tortas, filmes, vinhos, por sua amizade e carinho, eu sou muito grata. Aos amigos Felipe Ayres, João Leopoldo e Bruna por nossa caminhada de mais de dez anos de amizade, assistindo aos sucessos e aos dias ruins uns dos outros com a leveza que só a amizade nascida no colégio pode oferecer. Também aos amigos da UFF, Ottavio, Thiago, Bianca e Marcus, que me acompanharam nesses dois anos, mesmo eu frequentando pouco a Universidade, eles sempre estiveram lá com um café, uma cerveja gelada e uma boa conversa. A Rita Migliora e Maria Avelino, por tornarem os meus dias na livraria tão memoráveis e felizes.

Gostaria de agradecer ao Patrick Pessoa, por sua paciência, atenção, carinho e orientação cuidadosa. Ao Bernardo Oliveira por ter aceitado fazer parte dessa banca, por suas aulas e indicações de leitura. Ao Ecio Pisetta, por acompanhar a minha caminhada, por estar presente em

minha vida desde o curso de introdução aos problemas metafísicos, em 2011, se dispondo a ser meu orientador da monografia e de iniciação científica, a você agradeço por ter me ensinado tanto sobre Heidegger, e mesmo após a conclusão da graduação por ter continuado a me acompanhar. Agradeço aos três pela paciência, carinho e disposição para a leitura dessa dissertação. Obrigada por fazerem parte disso, levarei comigo todo o aprendizado e orientação que me deram. Vocês formam uma banca incrível e eu sinto-me honrada por terem aceitado fazer parte desse capítulo tão importante em minha vida. Também gostaria de agradecer a Luciene por sempre ser gentil comigo quando vou à secretária.

E a vida, por ter me deixado ver mais um dia, mais uma vitória e mais uma finitude. Completar um mestrado é certamente motivo de festa!

A alegria é a prova dos nove.

### Resumo:

Em nossa dissertação pretendemos analisar a nota de rodapé 140, do livro *Ser e Tempo*, que nos diz: “Em seu conto ‘A morte de Ivan Ilitch’, L. N. Tolstói expôs o fenômeno do abalo e do colapso desse morre-se impessoal.” Para tanto desmembraremos a nota para podermos compreendê-la melhor. No primeiro capítulo conceituaremos a presença e veremos como ela é, especialmente em seu modo de ser impessoal, em que ela tem linguagem, cria discurso sobre a realidade, é curiosa e ambígua. Veremos o que cada um desses modos significa e trataremos em seguida dos conceitos acerca do ser para a morte, analisando os discursos que a presença tece sobre a finitude. No segundo capítulo, averiguaremos o conto de Tolstói a fim de descobrir como, segundo Heidegger, essa obra expõe o colapso do discurso impessoal sobre a morte. Nesse capítulo, dissecaremos o livro de Tolstói à luz dos conceitos apresentados no capítulo anterior. Já no terceiro capítulo veremos a disposição da angústia e como ela pode influenciar na vida e nos discursos.

## Sumário

- Introdução .....	8
- Capítulo 1: O ser para a morte em Heidegger .....	11
1.1 : Quem é a presença?.....	11
1.2: A presença cotidiana.....	14
a) O impessoal.....	15
b) Fala e falação.....	17
c) Curiosidade .....	23
d) Ambiguidade .....	25
e) Decadência.....	29
1.3: Ser para a morte.....	30
1.4: O discurso do impessoal sobre o ser para a morte...33	
- Capítulo 2: O colapso do ser para a morte em “A morte de Ivan Ilitch”.....	37
2.1: Proêmio.....	38
2.2: Ivan Ilitch e o impessoal.....	43
2.3: O surgimento da doença e a ruptura da vida impessoal de Ivan.....	47
2.4: Os discursos sobre o ser para a morte – a fala e a falação .....	48
a) Os discursos da falação.....	48
b) Os discursos da fala.....	55
2.5: O ser para a morte de Ivan Ilitch e os seus discursos sobre a morte.....	58
- Capítulo 3: Angústia.....	71
3.1: O que é o medo para Heidegger?.....	72
3.2: O que é a angústia para Heidegger? .....	74
- Conclusão.....	81
- Posfácio .....	88
- Bibliografia.....	93

## Introdução

A presente dissertação se propõe a fazer um estudo de duas obras, uma filosófica e a outra literária, a saber: *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, e *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói. O fio condutor de nossa pesquisa são os discursos que criamos para falar acerca da morte e as consequências deles para as nossas vidas. No livro de Heidegger, somos apresentados a um ente que possui uma existência especial, a presença (*Dasein*). Nós somos esse ente, e, diferentemente dos outros entes, nós temos a capacidade de saber que somos mortais e somos dotados de linguagem. Assim nós podemos falar sobre a morte, numa tentativa de compreender tal fenômeno. Criamos muitas narrativas, fazemos filmes, escrevemos livros e teorias acerca do tema, conversamos com os nossos amigos e familiares, alguns de nós se fiam na religião acreditando que existe uma vida eterna depois da morte, ou ainda que reencarnaremos, outros acreditam que tudo acaba quando o coração parar de bater e a respiração cessar. A morte é um assunto recorrente e, apesar de todo esse volume de coisas que dizemos, pensamos, pesquisamos e criamos acerca do tema, não conseguimos compreendê-lo e ele permanece um enigma. Para Heidegger nós permanecemos na obscuridade, pois, na maior parte das vezes, nós falamos impessoalmente a respeito da morte.

Impessoal é o modo de ser que todos nós assumimos em sociedade, em que nos tornamos um com as pessoas que estão a nossa volta, levando todos uma vida um pouco parecida, partilhando os mesmos comportamentos e hábitos. Assim, ao vivermos misturado à multidão, também falamos todos quase do mesmo modo e criamos interpretações de mundo muito parecidas e que são passadas de pessoa para pessoa, seja por meio da educação, do que nos é ensinado pelos nossos pais e pela escola, seja pela mídia e pelas redes sociais. Estamos trocando informações e formando a nossa opinião a partir dos outros. Não é diferente com o nosso entendimento cotidiano quanto à morte.

“O impessoal também já assegurou uma interpretação para esse acontecimento. A fala pronunciada ou, no mais das vezes, ‘fugidia’ sobre a morte diz: algum dia, por fim, também se morre, mas, de imediato, não se é atingido pela morte.”<sup>1</sup> Essa fala coloca a morte em um futuro distante, faz com que, por ora, nos sintamos seguros e confiantes de que, se tomarmos os cuidados necessários, ela demorará muito para nos alcançar. Radicamos essa certeza em um tempo longínquo e a tratamos como se ela não fosse nos atingir de imediato. Com isso, não nos permitimos encarar o que é a nossa morte. Essa interpretação faz com que acreditemos que sempre vamos ter o dia seguinte para resolver o que não foi resolvido, para falar o que não foi falado, para fazer aquela viagem e realizar aquele sonho e vamos vivendo todos os dias como se eles fossem uma sequência

---

<sup>1</sup> Heidegger, 2013, p. 328.



homogênea e igual do tempo, como se todos os dias fossem o mesmo dia, como se cada hora fosse a mesma hora e tivéssemos a garantia da próxima. O discurso impessoal não assume que talvez não exista a próxima hora.

“A interpretação pública da presença diz: ‘morre-se’ porque, com isso, qualquer outro e o próprio impessoal podem dizer com convicção: mas eu não; pois esse impessoal é o ninguém.”<sup>2</sup> O impessoal é todo mundo e ao mesmo tempo ninguém, todos são o sujeito do impessoal, mas sem se assumirem como tal. Assim, ao pronunciarmos ‘morre-se’, sabemos que a morte irá pôr fim à vida de alguém, mas não assumimos como possibilidade a nossa morte. Conseguimos compreender que as outras pessoas morrem, e, por mais difícil que seja essa tarefa, ela é mais simples do que assumir o “eu morro”. Se não conseguimos sequer falar do assunto, como poderemos compreendê-lo? O que mudaria em nossa vida se nós efetivamente soubéssemos que iremos morrer? Não como impessoalmente se pensa, que vamos morrer velhinhos, mas se passássemos a pensar que poderíamos morrer agora, nesse minuto, que diferença faria?

Não podemos falar sobre o que acontece depois da morte, mas podemos falar sobre o que acontece na vida. Heidegger tem o conceito de ser para a morte, que é justamente saber que vamos morrer e continuar vivendo, mas podemos viver acreditando no morre-se, isto é viver impessoalmente, ou podemos encarar o eu morro como uma possibilidade iminente, que pode acontecer a qualquer momento. Talvez a fala impessoal não nos ajude a entender o nosso ser para a morte, mas na nota de rodapé 140 de *Ser e Tempo* nós temos a indicação de um caminho. Ela nos diz: “Em seu conto ‘A morte de Ivan Ilitch’, L. N. Tolstói expôs o fenômeno do abalo e do colapso desse morre-se impessoal.”<sup>3</sup> Dessa nota surge o nosso interesse de usar as duas obras para compreender o discurso impessoal sobre a morte assim como a possibilidade de seu colapso.

Desde muito cedo, Liev Tolstói, se viu cercado pela morte: sua mãe morre quando ele tinha apenas dois anos, o pai vem a óbito quando ele tinha nove. Dois de seus irmãos falecem durante a sua juventude, um dos quais morre em seus braços. Quando adulto teve treze filhos e seis desses morrem sob os seus olhos. Depoimentos de pessoas próximas relatam que ele tinha uma obsessão com a morte, que colhia a maior quantidade de informação possível acerca da morte de amigos. Lev, filho dele, chegou a afirmar que durante trinta e cinco anos o pai falou da morte todos os dias.<sup>4</sup>

“Gorki informa que Tolstói afirmou certa vez: depois que um homem aprende a pensar, pensa sempre na própria morte, pouco importa em que esteja pensando. Todos os filósofos fizeram assim. E que verdade pode haver uma vez que existe a morte?”<sup>5</sup> É esse o autor de “A morte de Ivan

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 329.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 330.

<sup>4</sup> RONAI, 2009, p. 90.

<sup>5</sup> Ibidem.

Ilitch”, que faz a morte de um burocrata russo do século XIX ser tão comovente como se fosse a morte de um ente querido. Ele descreve a vida pregressa de Ivan como sendo absolutamente normal, ordinária e exatamente igual à de seus conterrâneos, até que ele é acometido por uma doença e passa a ver a vida com outros olhos. Segundo Martin Heidegger, existe algo nesse livro que faz o discurso do morre-se entrar em colapso. Para tanta empreendemos um estudo dessas duas obras a fim de compreender como é o discurso impessoal acerca da morte e por que ele precisa entrar em colapso.

## Capítulo 1 – O ser para a morte em Heidegger

### 1.1) Quem é a presença?

*Presença* é a tradução, escolhida pela filósofa Márcia Cavalcante, para o conceito heideggeriano de *Dasein*. Para começar a investigar esse conceito precisamos dividir a palavra em duas partes: pre e sença, em que “pre” designa um movimento de aproximação, de antecipação, que pode ser tanto espacial, no sentido de se movimentar do ponto A para o ponto B, quanto a projeção desse movimento, no sentido de saber que se vai fazer esse movimento e se planejar para fazê-lo, ou seja, de antecipar mentalmente esse movimento no sentido de poder projetar-se no futuro. O pre é a parte constitutiva da presença que designa que ela pode antecipar o seu futuro e seguir para ele. É o antecipar-se a si mesmo da presença. Já “sença” designa o ser. Assim, presença é o ser em devir, é o ser que é capaz de antecipar o seu movimento, as suas transformações. É o ser que nós mesmos somos. Mas o que nos diferencia dos demais entes? Antes de avançarmos na direção da presença, precisamos descrever os seres que não são presença, que são conceituados em *Ser e Tempo* como *seres simplesmente dados*. Compreende-se por ser simplesmente dado todos os objetos, animais, seres da natureza, o mundo, os números, os sonhos, as formas matemáticas. Tudo o que existe no mundo e que é destituído do modo de ser da presença. Mas se ser simplesmente dado é tudo no mundo que for diferente da presença, temos que voltar para a nossa tarefa de descobrir quais são os modos de ser da presença que a diferenciam de todos os outros entes.

“Ser-aí enquanto ser-no-mundo significa: estar de tal modo no mundo que este ser designe: lidar com o mundo, permanecer nele num modo de fazer algo, de realizar, de efetuar, mas também de contemplar, de questionar e de determinar por observação e comparação. O ser-no-mundo está caracterizado como cuidar”<sup>6</sup> A presença é *ser no mundo*. Isso significa que ela não apenas está no mundo, como a água está no copo – a água não habita o copo, ela está contida no copo – já presença e o mundo possuem uma relação de outra ordem, pois a presença, por ser o ente dotado de linguagem, pode criar o mundo, ela pode produzir – e produzir é um conduzir as coisas para a diante, é um fazer aparecer no mundo, não apenas de objetos mas também de significados. Assim, *cura* é a lida da presença com as outras pessoas e com os outros entes presentes no mundo.

A primeira definição que aparece em *Ser e Tempo* sobre a presença é que ela é o ente que tem a habilidade de questionar<sup>7</sup>. A presença se torna presença na medida em que ela pode dizer, pensar, questionar e assim, nessa experiência da linguagem, compreender o mundo. Os seres simplesmente dados apenas estão no mundo, mas não podem criar mundo, isto é, criar significados,

---

<sup>6</sup> Heidegger, 1997. P. 17-19

<sup>7</sup> Heidegger, 2013, p. 44.

e também não podem compreender ou questionar o ser, pois a eles foi negado estar na *clareira do ser*, que se manifesta na linguagem – como veremos mais a frente –, por isso a essência deles pode ser definida e se mantêm sempre a mesma. “Porque as plantas e os animais estão mergulhados, cada qual no seio do seu ambiente próprio, mas nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só assim é ‘mundo’ –, por isso falta-lhes linguagem.”<sup>8</sup> Esses entes estão sempre em um eterno tempo presente, o da ausência da linguagem, e para eles cada segundo é só aquele, o único. Eles vivem em um tempo homogêneo, sempre igual. Assim, desde o surgimento deles no mundo, eles estão prontos, são informados pelos seus instintos ou pela sua constituição físico-química e sabem tudo o que precisam saber para viver e não podem transformar-se em outra coisa, já são o que sempre serão, e, por isso, podemos dizer que a essência de cadeira é ser cadeira, de um gato é ser sempre um gato, de uma pedra é ser sempre uma pedra, pois esses entes não podem transformar-se, não podem assumir outro modo de ser, um gato não pode decidir deixar de ser gato e passar a ser cachorro, por exemplo. A presença não é um ser já pronto, ela precisa aprender a ser. A presença, graças à linguagem, pode pensar o ser e se projetar no futuro e no passado, criando uma experiência diferente com a temporalidade. Essa é a estrutura do *pre*, que designa que a presença pode pensar e dizer tanto o que já passou quanto o que ainda não aconteceu.

A segunda definição é a de que “em seu ser, isto é, sendo, este ente se relaciona com o seu ser. Como um ente deste ser, a presença se entrega à responsabilidade de assumir seu próprio ser”.<sup>9</sup> A presença, que carrega em si a possibilidade de pensar o ser, também tem em mãos a capacidade de pensar o próprio ser. Na presença o seu ser está sempre em jogo, ela tem a completa responsabilidade de se assumir enquanto ser, de se pensar enquanto ser. O ser da presença é um ser a cada vez, ela está em constante transformação e criação. O que nos leva à terceira definição:

A 'essência' da presença está em sua existência. As características que se podem extrair deste ente não são, portanto, “propriedades” simplesmente dadas de um ente simplesmente dado que possui esta ou aquela “configuração”. As características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso. Toda modalidade de ser deste ente é primordialmente ser. Por isso o termo presença reservado para designá-lo não exprime a sua quiddidade como mesa, casa, árvore, mas sim o ser.<sup>10</sup>

Dizer que a essência da presença é a sua existência significa que quando perguntado pelo *quid* da presença, pelo que ela é, não basta responder que a essência da presença é ser presença, pois em termos de presença isso significaria muito pouco. Diferentemente dos seres simplesmente dados – que, desde o surgimento no mundo, estão prontos, a presença em existindo se cria, se molda, se

---

<sup>8</sup> Heidegger, 1979, p. 156

<sup>9</sup> Heidegger, 2013, p. 85

<sup>10</sup> Ibidem, p. 85-86

transforma e é um ser a cada vez, é como se ela precisasse aprender a ser. “A presença se constitui pelo caráter de ser minha, segundo este ou aquele modo de ser”<sup>11</sup>. A sua essência reside na sua existência pois ela pode assumir ora um modo de ser ora outro, sem deixar nunca de ser presença.

Até agora chegamos à delimitação de que a presença é o ente que nós mesmo somos e que é um ser que é um tornar-se. “O quem responde a partir de um “sujeito”, do si mesmo. O pronome quem é aquilo que, nas mudanças de atitude e de vivência, mantém-se idêntico, e, assim, refere-se a esta multiplicidade”.<sup>12</sup> A presença, que está aberta às possibilidades, pode ao longo da vida ser de muitos modos, mas conservando algo que em todas essas mudanças permanece inalterado. Esse algo é justamente a resposta pessoal do quem. Por exemplo, eu sou a Sarah e agora estou sentada escrevendo esta dissertação, portanto agora sou mestranda, mais tarde vou trabalhar em uma livraria, onde serei uma funcionária, à noite, junto aos meus pais, serei filha, aos meus irmãos, serei irmã, com o meu namorado, serei namorada, e adotarei um modo de ser diferente para cada uma dessas funções. Nesse exemplo Sarah, no entanto, não responde ao quid da presença, Sarah é um nome de uma presença que tem o dever de se construir, de se criar, que tem a responsabilidade sobre o próprio ser e que, como dito no exemplo, é um ser a cada vez, se modificando junto com o contexto, pois para Heidegger a essência da presença é a existência. “Deve-se dizer 'eu sou' com reservas. O eu é uma indicação formal, não estreita ou limitada, de algo que, em cada contexto, pode revelar-se o seu contrário.”<sup>13</sup> Estamos em constante transformação, vivemos muitos modos de “eu”, por isso o “não eu” não designa a falta de ser, mas uma mudança de modo de ser, em comparação com um primeiro momento. O eu da presença está sempre aberto para as possibilidades, e, portanto, não limita a presença a um único modo de ser, podendo transformar-se a cada momento.

Nós somos o quem da presença. A presença, em sendo, tem a tarefa de se construir, de se criar, de tornar-se quem se é. Tem a habilidade de questionar, de pensar o ser e o mundo que está a sua volta. A presença é essencialmente um tornar-se, é em sendo que ela vai se criando, a cada dia, a cada escolha, a cada resposta. Ela é possibilidade para possibilidade. E, como dito anteriormente, ela tem toda responsabilidade sobre o seu ser. Não é algo externo que a define, ela vai ser tal qual se fizer.

“E porque a presença é essencialmente sua possibilidade ela pode, em seu ser, isto é, sendo, ‘escolher-se’, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se aparentemente.”<sup>14</sup> Heidegger, ao afirmar que a presença pode tanto ganhar- se quanto perder- se, sem que exista um juízo de valor entre esses caminhos, sem que um seja melhor que o outro, está reafirmando que a

---

11 Ibidem, p. 86.

12 Ibidem, p. 170.

13 Ibidem, p. 172.

14 Ibidem, p. 86.

presença está aberta para diversas possibilidades e que ela pode assumi-las de modo próprio ou impróprio. Autenticidade e inautenticidade são portanto modulações do modo como cada presença assume suas possibilidades.

Outra característica da presença é que ela é *ser com*, não existe uma pessoa isolada no mundo, a presença está sempre em um mundo compartilhado, tanto com outras pessoas como com os seres simplesmente dados. Assim começamos a seguir para o próximo capítulo, em que conceituaremos a presença lançada no mundo, na convivência com as outras pessoas e em sua possibilidade de ser própria ou imprópria. Na presença cotidiana podemos ver a concretude da presença, podemos ver como ela é na maior parte do tempo e com isso poderemos conhecer mais sobre ela, e não apenas como ela é conceitualmente.

## 1.2 ) A presença cotidiana

Desde o momento em que a presença nasce ela se encontra lançada em um mundo, que já existia muito antes de ela existir e que vai continuar existindo muito depois. Na medida em que ela cresce, é inserida em um conjunto de símbolos e significados de uma língua e de uma cultura. A presença é fruto de seu tempo histórico. Ela vive em um mundo compartilhado onde está sempre em convivência e em relação com outros entes que estão presentes no mundo. Ser no mundo é sempre ser-com, ser com as outras pessoas e também com os seres simplesmente dados. É apenas na medida em que se vive em um mundo compartilhado que se abre a possibilidade da convivência cotidiana com os outros. “Os outros não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais se está.”<sup>15</sup> Os outros são *copresença*, e portanto são os entes que também são dotados do modo de ser da presença, a nossa relação com eles é diferente da nossa relação com os entes que são simplesmente dados.

Antes de seguirmos para a explicação da relação entre as pessoas necessitamos fazer um adendo: a ocupação abarca dois conceitos que são: ser simplesmente dado e *manualidade*. A palavra alemã, usada por Heidegger, para definir a manualidade é *zuhanden* e poderia ser traduzida como ‘à mão’, e são os utensílios, equipamentos, instrumentos, ou seja, são os entes na possibilidade do uso, quando temos para eles uma utilidade. Nesses casos é a própria lida com esses entes que orienta o nosso saber sobre eles, ou seja, nós conhecemos esses entes no uso, na prática. Por exemplo, conhecemos primeiro o lápis no exercício da escrita, mas se então a ponta quebra e precisamos interromper a escrita para pensar no lápis, ele deixa de ser o instrumento de uso cotidiano e surge como um *ser simplesmente dado* – que se diz em alemão *Vorhandenseiende*,

---

15 Ibidem, p. 174.

formado pelo substantivo *hand* (mão) e da preposição *vor* (antes ou diante de algo). A pergunta pelo *quid* do ente, pelo que ele é antes de qualquer definição dada pelo uso, que visa teorizar, filosofar ou ainda criar um saber científico sobre esse ente, é, segundo Heidegger, sempre derivada e só surge quando se dá uma quebra na ocupação com os entes no modo da manualidade (*Zuhandenheit*).

Já a relação entre as pessoas é *preocupação*, é cuidado com o outro, mas também pode ser “o ser por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros são modos possíveis de preocupação.”<sup>16</sup> Preocupação não precisa ser entendida no sentido afirmativo da palavra, indica apenas a relação interpessoal, e essa relação também pode ser de um modo indiferente, competitivo, ou de não querer bem, e esses são apenas alguns exemplos de muitos modos possíveis da preocupação. A essa relação Heidegger denomina como convivência cotidiana. Estamos sempre junto com outras pessoas, até o estar sozinho só é possível porque a presença é essencialmente ser-com. É no “mundo” das ocupações que o outro se desvela, isso quer dizer que vamos ao encontro dos outros a partir das nossas atividades. Por exemplo, na infância é na escola, na praia, no parquinho que as outras crianças nos são apresentadas e inseridas em nosso convívio. É no brincar com, brigar com, aprender com, que vamos desenvolvendo o nosso ser com os outros.

Na convivência cotidiana podemos conhecer a presença concretamente, tal qual ela realmente é e se mostra na maior parte do tempo. Para explicar melhor esse ente, que nós mesmo somos, Heidegger descreve modos de ser da presença, que se desvelam na presença cotidiana. Eles são: a) impessoal, b) fala e falação, c) ambiguidade, d) curiosidade e e) decadência. A seguir veremos esses modos de ser e quais são as suas implicações para a presença.

#### **a) O impessoal**

Em uma primeira análise a presença é o que ela empreende. Isto é o que ela faz na maior parte do tempo, com o que ela se ocupa, desse modo a primeira resposta de uma presença para a pergunta acerca do que ela é, é o que ela empreende, não se atendo à questão ontológica pelo sentido do ser. No impessoal, a presença vive pensando onticamente, isto é, no ente já dado, que já está à mão, e não no plano ontológico, na questão direta pelo ser, pelas essências, deixando inclusive de pensar o próprio ser. Esse fenômeno se dá porque na maior parte do tempo a presença está fazendo algo, e nesse modo de estar sempre ocupada com algo, ela se afasta de si e vai ao encontro dos outros no modo do impessoal.

“Neste afastamento constitutivo do *ser com* reside, porém: a presença enquanto convivência

---

16 Ibidem, p. 178.

cotidiana está sob tutela dos outros. Não é ela mesma que é, os outros lhe tomam o ser.”<sup>17</sup> Como dito anteriormente, o ser da presença é um ser a cada vez, e a estrutura do ‘eu’ não é uma estrutura fechada ou limitadora, ao contrário, é aberta e passível de mudanças a todo tempo. Assim, no impessoal, a presença assume um modo de ser que não é o modo de ser próprio e autêntico, mas o modo de ser que segue uma tendência ditada pelos outros.

No alemão, para indicar uma ação impessoal usa-se a partícula *man*, que expressa uma despersonalização das pessoas que agem. No português, a partícula que é equivalente é o *se*. Por exemplo: eu faço porque se faz, eu penso porque se pensa, eu jogo porque se joga. Nesse *se* aparecem os outros, são as ações que todos fazem e pelas quais ninguém se responsabiliza, ou seja, no *se* acontece a despersonalização do sujeito da ação, tal qual no *man* em alemão.

“O impessoal prelineia a primeira interpretação do mundo e do ser no mundo.”<sup>18</sup> Desde o nascimento a presença é inserida em um mundo compartilhado, sempre cercada pelos seres simplesmente dados, os brinquedos, a cama, a casa, e também cercada pela família. As primeiras coisas que aprende são copiadas das pessoas que a cercam, os movimentos, as palavras. Na medida em que vai crescendo a convivência com os amigos da escola, com os professores, com os familiares, com os desenhos animados que assiste, tudo vai mostrando para a presença como ela deve ser, como deve agir, para ser socialmente aceita. Desde cedo ela vai sendo inserida num modo de ser impessoal, isto é, diluída no modo de ser dos outros e com os outros. Seguindo acordos sociais sem questioná-los, sem pensar muito neles, ou em como eles surgiram, agindo apenas no modo de reprodução desses hábitos. Em parte, é disso que surge a força do impessoal, do fato de a presença ser apresentada a ele desde o início de sua vida e viver nele a maior parte do tempo.

É importante ressaltar que falar do impessoal, dizer que nesse modo de ser a presença está sendo de modo inautêntico, que nele ela segue uma tendência de agir como as outras pessoas, não é nenhum juízo de valor. Para a compreensão desse ente, é importante observar como ela é na maior parte das vezes e na maior parte do tempo, como ela está assumindo as possibilidades de modo impessoal.

O impessoal encontra-se em toda a parte, mas no modo de sempre ter escapulado quando a presença exige uma decisão. Porque prescreve todo julgamento e decisão, o impessoal retira a responsabilidade de cada presença. O impessoal pode assumir tudo com a maior facilidade e responder por tudo, já que não há ninguém que precise responsabilizar-se por alguma coisa. O impessoal sempre foi quem... e, no entanto, pode-se dizer que não foi 'ninguém'. Na cotidianidade da presença, a maioria das coisas é feita por alguém de quem se deve dizer que não é ninguém.<sup>19</sup>

---

17 Ibidem, p. 183.

18 Ibidem, p. 187.

19 Ibidem, p. 185



O sujeito do impessoal não é ninguém determinado, e ao mesmo tempo é todo mundo, não como a soma de todas as pessoas do mundo, mas como uma correnteza que puxa cada uma delas. O impessoal é uma tendência de tranquilização, facilidade, familiaridade e superficialidade, que faz com que cada presença se sinta bem e confortável em ser no mundo. Como todo mundo e ninguém é o sujeito do impessoal, esse modo de ser retira da presença a responsabilidade sobre o próprio ser, a presença foge de si em direção ao modo de ser cotidiano e impessoal, em direção aos outros, se entregando a essa tendência.

“O impessoal não é o gênero da presença cotidiana, como também não pode ser encontrado neste ente como uma propriedade permanente (...) Impessoal é um existencial e pertence à constituição positiva da presença. A presença possui em si mesma diversas possibilidades de concretizar-se”.<sup>20</sup> Heidegger não acredita em algo como uma essência humana, tal qual a tradição acreditava, para ele, como supracitado, a essência da presença é determinada pela sua existência, assim, o impessoal não é o gênero humano, não é a essência da presença, como um sujeito universal comum a todas as pessoas, ao contrário, é uma possibilidade que se abre justamente pela presença ter uma existência aberta, não é uma propriedade permanente, a presença é um ser a cada vez e por isso carrega em si as possibilidades de ser e não ser impessoal.

O si mesmo da presença cotidiana é o impessoalmente si mesmo, que distinguimos do propriamente si mesmo, ou seja, do si mesmo apreendido como próprio. Enquanto impessoalmente si mesma cada presença se acha dispersa no impessoal, precisando ainda encontrar a si mesma. Essa dispersão caracteriza o 'sujeito' do modo de ser que conhecemos como ocupação.<sup>21</sup>

Na maior parte da vida, a presença se comporta como impessoalmente si mesma. No impessoal todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo. Todos estão misturados à multidão. O impessoal é uma tendência a deixar tudo parecido, até a diferença deve ser, de algum modo, aceita pelo impessoal. Diante disso, como a presença pode encontrar a si mesma? Se no impessoal a presença se afasta de si e vai ao encontro dos outros, como seria possível se reconduzir para o si mesmo? E o que isso significa? Para responder a essas questões, vamos continuar a nossa tarefa de compreender a presença em seu ser mais concreto, que é o cotidiano.

---

20 *ibidem*, p. 186.

21 *ibidem*, p. 186 - 187

## b) Fala e Falação

“O ser do homem se caracteriza como o ser vivo cujo modo de ser é, essencialmente, determinado pela possibilidade de falar”.<sup>22</sup> Dentre todos os entes que existem no mundo a presença é a única que fala, que tem uma articulação na linguagem com enunciado, significante e significado. A presença não apenas está no mundo, como os seres simplesmente dados estão, no modo de apenas ocupar um espaço nele. Ela diz o mundo – Heidegger, em *Ser e Tempo*, coloca fala e linguagem como sinônimos. “A fala é a articulação da compreensibilidade. Por isso, a fala se acha à base de toda interpretação e enunciado. Chamamos de sentido o que pode ser articulado na interpretação.”<sup>23</sup> A fala não é necessariamente vocalizada, mesmo a presença que é muda fala, através da linguagem de sinais e da escrita, por exemplo. A fala é a expressão da presença, é criação de sentido, é a partir dela que as pessoas podem se comunicar, pois como a presença é essencialmente ser com foi necessário construir uma ponte entre pessoas para que elas pudessem compreender umas às outras. “A fala é a articulação 'significativa' da compreensibilidade do ser no mundo, a que pertence o ser com.”<sup>24</sup> É a partir da fala que a presença compreende o mundo e o seu próprio ser no mundo, no sentido de se apropriar do que se apreendeu, de poder explicar e entender aquilo que viu, que viveu, aquilo que está no mundo. Esse fenômeno se dá porque fala é criação de significado.

Para entendermos melhor a fala e a linguagem, precisamos fazer um pequeno desvio para compreender o que criação de significado quer dizer. A ação de significar<sup>25</sup> permite que a presença possa descobrir os entes que estão no mundo. “A linguagem é o que conduz o ente como ente ao estado de manifesto.”<sup>26</sup> É a partir da linguagem que os entes se descobrem, se revelam, se abrem para a presença e esse fenômeno acontece a partir da nomeação. Ao nomear, a presença evoca os entes e consegue apreendê-los num modo de compreensão. Nomear é abertura de mundo, é produção de sentido, de significado. Pois não podemos conhecer um ente se não podemos falar dele, se ele não tem um nome, não temos via de acesso ao ente. “Só na medida em que a linguagem nomeia pela primeira vez um ente é que tal nomear traz o ente à palavra e ao aparecer.”<sup>27</sup> A nomeação traz para a presença o significado do ente, que se mantinha velado e fechado no próprio ente na falta de um nome, de uma palavra. Assim, no nomear, acontece a instauração do ente no mundo. Nesse momento, o ser é como aparece e aparece como é. Em outras palavras, é o fazer-se

---

22 Ibidem, p. 64.

23 Ibidem, p. 223.

24 Ibidem, p. 224.

<sup>25</sup> §18

26 Heidegger, 1990, p. 62

27 idem, p. 59

coisa da coisa. “A totalidade significativa da compreensibilidade vem à palavra.”<sup>28</sup> É a partir das palavras, dos nomes, que podemos compreender, isto é, significar os entes. Usaremos um exemplo para explicar melhor:

Tenho que escrever uma linha esta manhã porque uma coisa importantíssima aconteceu. Helen deu o seu segundo grande passo em sua educação. Aprendeu que tudo tem um nome e que o alfabeto tem a chave para tudo que ela quer saber. Hoje de manhã, quando se estava lavando, ela quis saber o nome da “água”. Quando quer saber o nome de alguma coisa, aponta para a coisa e bate na minha mão. Soletrei “á-g-u-a” e não pensei nisso até depois do café da manhã... [Mais tarde] saímos para ir até a casa das bombas, e fiz Helen segurar a caneca dela debaixo da bica enquanto eu bombeava. Quando a água fria jorrou, enchendo a caneca, eu soletrei “á-g-u-a” em sua mão livre. A palavra assim tão perto da sensação da água fria correndo-lhe pela mão pareceu assombrá-la. Deixou cair a caneca e ficou como que transfixada. Uma nova luz espalhou-se por seu rosto. Soletrou “água” várias vezes. Então se deixou cair no chão e perguntou o nome dele e apontou para a bomba e para a treliça e, voltando-se de repente, perguntou o meu nome. Soletrei “professora”. Durante todo o caminho de volta para casa ela esteve muito excitada, e aprendeu o nome de todos os objetos que tocou, de modo que em poucas horas havia acrescentado trinta novas palavras a seu vocabulário.<sup>29</sup>

Acima vemos a história de Helen Keller, uma criança surda, cega e muda, que muito dificilmente se expressava, até que um dia ela descobriu que todas as coisas têm um nome, cada uma o seu. E foi nesse dia que o mundo todo se apresentou para ela. O mundo cheio de significados estava se abrindo para a menina, e ela, igualmente, se abria para ele. Vemos neste relato o fenômeno da desocultação em sentido mais originário. O espanto, que é o motor da filosofia, fez com que a menina Helen se abrisse para o mundo. Esta é a fala poética<sup>30</sup>, que abre o mundo como mundo, os entes como entes e a presença como presença, e se desvela a partir da criação de significados, é a fala em sentido mais originário. É a partir da fala, como expressão, que as pessoas podem compreender o mundo em que vivem.

A estrutura da fala é: Toda fala tem algo sobre o que se fala, quem fala e com quem fala. É na fala que a convivência compreende e comunica. “O ser com é partilhado 'expressamente' na fala.”<sup>31</sup> É na fala que acontece a ponte entre as pessoas, é no modo de comunicação que a partilha desse mundo comum se manifesta, que a presença pode expressar seus desejos, suas certezas e suas dúvidas. Assim, a presença se mostra como o ente que é na fala.

---

28 Heidegger, 2013, p. 224.

29 CASSIRER, 1994, p. 46

30 Heidegger, 2013, p. 225.

31 Ibidem, p. 225.

“A fala que se pronuncia é comunicação. A tendência ontológica da comunicação é fazer o ouvinte participar do ser que se abriu para o sobre que se fala.”<sup>32</sup> Para Heidegger a linguagem é morada do ser, é nela que o ser se revela para a presença, a partir da nomeação, que desvela os entes e os torna compreensíveis, mas também na própria fala, pois nela a presença pode partilhar esse ser que se abriu para ela com outras pessoas, o ser se diz na linguagem e pela linguagem. Comunicar se diz no latim, *communicare*, tornar comum, participar, ter contato ou relações. Assim a fala possibilita essa troca entre entes que são dotados do modo de ser da presença, elas podem dividir com as demais pessoas a sua compreensão dos entes, do mundo e de si mesmas.

A fala está presente em todos os aspectos da vida da presença e, como tal, a presença não a utiliza apenas em seu modo ontológico. A presença, no modo cotidiano, também usa a linguagem para compreender o mundo em que vive, no modo da ocupação, falando sobre os entes já dados no mundo, no modo do uso, da finalidade, da manualidade, no modo ôntico, isto é, do ser já sendo, e não no modo ontológico, que investiga o ser desses entes. Esse segundo tipo de fala, que faz a ponte entre as pessoas, que comunica e que, na maior parte do tempo, expressa o ôntico, é denominado como falação. “A expressão 'falação' não deve ser tomada aqui em sentido pejorativo. Terminologicamente, significa um fenômeno positivo que constitui o modo de ser do compreender e da interpretação da presença cotidiana.”<sup>33</sup> Não devemos entender falação como um modo decaído de fala, ao contrário, como na maior parte do tempo a presença se comunica no modo de falação, ela contribui mais para compreender a presença cotidiana, que é o nosso objetivo. A fala e a falação são modos possíveis de linguagem que se abrem para a presença, que é o único ente capaz de ter fala.

Assim, “falar muito sobre alguma coisa não assegura em nada uma compreensão maior.”<sup>34</sup> É em falando que a presença compreende o mundo, mas não é a quantidade do que se fala que torna o ente mais ou menos compreensível. Existem, como dito anteriormente, dois tipos de falas, portanto dois tipos de compreensão, que se abrem a partir do modo de fala a que se referem. Na fala poética, podemos compreender o mundo de modo original, mas esse não é o modo mais acessível, pois na maior parte do tempo a presença está acessando o mundo impessoalmente e, portanto, criando um discurso impessoal sobre o mundo, que é a falação, e é a partir desse segundo modo que a presença expressa, compreende o mundo, tal qual cotidianamente o vive. Na falação a presença diz o mundo impessoalmente, ela fala sobre as suas ocupações, sentimentos, opiniões, coisas a que assistiu e que leu. Neste falar impessoal, ela será conduzida pelo impessoal, ela terá o seu discurso parecido com os discursos das outras pessoas, seguindo a tendência do seu ser com.

---

32 Ibidem, 232.

33 Ibidem, p. 231.

34 Ibidem, p. 228.

“As coisas são assim como são porque é assim que delas (impessoalmente) se fala. Repetindo e passando adiante a fala, potencia-se a falta de solidez. Nisso se constitui a falação.”<sup>35</sup> A estrutura da fala é ter um objeto sobre o qual falar, uma presença para falar e uma presença para ouvir. Já a estrutura da falação é a fala repetida tantas vezes que se esvazia. Nesse modo de fala a reflexão é deixada de lado, potencializando a falta de solidez da falação. Assim, a fala da falação também é uma fala que cria significados para o mundo, também é a expressão da presença sobre a sua compreensão de mundo e de ser no mundo, mas é em um modo repetido e sem reflexão, apenas seguindo a correnteza do que todos estão dizendo no impessoal. A força da falação é a repetição, de tanto repeti-la e passá-la adiante, a sua compreensão de mundo se torna inquestionável e incontestável, justamente por ter se tornado a voz uníssona do impessoal. É como aquele dito popular: “uma mentira contada mais de cem vezes vira verdade.” Na falação, de tanto repetir o que os outros dizem, todos acabam tomando esse dito como a verdadeira interpretação do falado, do fato, pois é aceito e repetido por todos.

“A falação é a possibilidade de compreender tudo sem ter se apropriado previamente da coisa.”<sup>36</sup> Como a falação é o discurso sobre o ser já sendo, sobre os entes já no mundo das ocupações e das preocupações, ela dispensa a necessidade de se apreender o ser desses entes ontologicamente. A falação é sempre da ordem do que é ôntico, lida com o ente e não com o ser dos entes. Assim, a compreensão na falação é uma compreensão que repete e passa adiante o já sabido, que conhece o ente no uso, ou seja, já na relação com ele, e que não se apropria previamente dele, reforçando a falta de solidez característica desse discurso.

A fala que pertence à constituição do ser essencial da presença também perfaz a sua abertura. Ela traz a possibilidade de se tornar falação e, com isso, de manter o ser no mundo não tanto numa compreensão estruturada, mas de trancar e encobrir os entes intramundanos. Para isso, não necessita da intenção de enganar. A falação não tem o modo de ser em que apresenta conscientemente algo como algo. O que é sem solo ou fundamento já lhe basta para transformar a abertura em fechamento. Pois o que foi dito já foi sempre compreendido como algo “que diz”, ou seja, que descobre. A falação é, pois, por si mesma, um fechamento, devido à sua própria abstenção de retornar à base e ao fundamento do referencial.<sup>37</sup>

A fala tem uma natureza dupla: ela pode ser abertura de mundo e pode ser fechamento de mundo. O modo de ser de abertura é o da fala, que desvela os entes e os torna compreensíveis através de um discurso originário e poético. O modo de ser que fecha o mundo é o da falação. Nela os entes ficam encobertos no modo da ocupação e do uso, a presença se relaciona com eles, fala

---

35 Ibidem, p. 232.

36 Ibidem, p. 232.

37 Ibidem, p. 233.

deles, sem pensar no ser deles, na entidade do ente. E por isso ela tem o caráter de fechamento, pois ela não faz pensar o fundamento, ela dá a aparência de que a presença já sabe tudo sobre o ente. Assim os entes, na falação, são conhecidos no modo de não serem conhecidos, ou de serem apenas superficialmente conhecidos, carecendo de fundamento e solidez.

“Este fechamento é, de novo, potenciado por a falação pretender ter compreendido o referencial da fala com base nessa pretensão de reprimir, postergar e retardar toda e qualquer questão e discussão.”<sup>38</sup> Na falação as pessoas têm a sensação de saberem das coisas, de terem compreendido o mundo e os entes, não sentindo falta de averiguar os fundamentos, de pensar nas essências, elas se contentam com a pluralidade de informações disponíveis, com verdades que se tornaram verdades por terem sido repetidas muitas vezes. No entanto, o motivo da falação ser assim é porque ela é o modo impessoal da fala, e, como o impessoal, tem uma tendência à facilitação e à superficialidade, com o intuito de deixar a presença confortável com o seu ser no mundo. Por isso, a falação reprime e adia as discussões e as questões, assim, ela apenas conhece e deixa conhecer as coisas superficialmente, pois o saber dos fundamentos, o saber que aprofunda, poderia tirar a presença dessa tranquilidade mediana.

Este tipo de interpretação própria da falação já se consolidou na presença. É dessa maneira que aprendemos e conhecemos muitas coisas. É dessa maneira ainda que não poucas coisas jamais conseguem ultrapassar uma tal compreensão mediana. A presença nunca consegue subtrair-se a essa interpretação cotidiana em que ela cresce.<sup>39</sup>

Desde que nascemos estamos inseridos no impessoal, aprendemos a falar tal qual o impessoal nos dita. Na escola apenas aprendemos sobre os entes já sendo. Somos informados pela televisão, pelos jornais e principalmente pela internet. Na era das mídias digitais esse fenômeno se destaca. Pessoas falando sobre assuntos que elas não dominam. Na internet todo mundo é cientista político, é crítico de arte, tem uma opinião polêmica e o máximo de pesquisa e aprofundamento requerido nesses casos é uma rápida busca no Google. A presença está inserida nesse tipo de interpretação superficial, a presença emite e recebe esse tipo de informação o tempo todo, informação que não se aprofunda e não se torna conhecimento, mas que se mantém na superfície.

Como ser no mundo, a presença que se mantém na falação cortou suas remissões ontológicas primordiais, originárias e legítimas com o mundo, com a copresença e com o próprio ser em. Ela se mantém oscilante e, desse modo, sempre é e está junto ao 'mundo', com os outros e consigo mesma. Somente um ente cuja abertura é constituída pela fala compreensiva e

---

38 Ibidem, p. 233.

39 Ibidem, p. 233.

sintonizada numa disposição, ou seja, que tenha o seu pre, que é e está no mundo, nessa constituição ontológica, é que também traz a possibilidade ontológica de um tal desenraizamento. Mais do que um não ser, esse desenraizamento perfaz sua realidade mais cotidiana e mais persistente.”<sup>40</sup>

Na falação a presença abre mão de uma relação mais originária com o mundo e consigo mesma. No impessoal a presença é impessoalmente si mesma, isto é, ela abraça o seu ser com de tal modo que se une com os outros num modo de ser impróprio, onde todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo. Nesse impessoal, já que a relação com o seu ser e com os outros é inautêntica, a sua relação com a linguagem também o é, e assim a presença corta as suas relações ontológicas com o mundo e adota relações ônticas e superficiais. A língua não vai mais dizer o mundo, criar o mundo através de significações e nomes. Embora ainda o possa fazer, na cotidianidade ela vai aceitar os nomes e os sentidos já dados e se relacionar com tudo nesse modo de ser do já acabado, do à mão, do simplesmente dado. Mas essa possibilidade só se abre para um ente dotado da habilidade de abrir o mundo através da fala, é só para ele que o mundo pode também se fechar pela fala – podendo também transitar entre um e outro.

A falação tem a característica de tudo compreender sem ter de fato se apropriado disso que se compreendeu. Isso quer dizer que a falação produz informações e conhecimentos superficiais. Um aspecto importante do falado na falação é a falta de solidez e fundamento. A falação está presente em todos os lugares, justamente por ser o modo cotidiano da fala, de modo que cria a sensação de que nós sabemos, ou podemos saber, tudo e por vezes isso parece bastar e as pessoas se contentam em saber sobre o ente e não sobre o ser. Assim, na falação a presença acredita que conhece tudo, quando na verdade ela só abriu a possibilidade de conhecer a superfície. A falação abre a presença para a informação, para o saber sem solidez e rápido. Dessa velocidade da informação, de passar de um assunto para o outro, surge a curiosidade.

### **c) Curiosidade**

“Curiosidade liberada, porém, ocupa-se em ver, não para compreender o que vê, ou seja, para chegar a ele num ser, mas apenas para ver. Ela busca apenas o novo a fim de, por ele renovada, correr para uma outra novidade. Esse acurar em ver não trata de apreender e nem de ser e estar na verdade através do saber, mas sim das possibilidades de abandonar-se ao mundo. Por isso, a curiosidade caracteriza-se, especificamente, por uma impermanência junto ao que está mais próximo. Por isso também não busca o ócio de uma permanência contemplativa e sim a excitação e inquietação mediante o sempre novo e as mudanças do que vem ao encontro. Em sua impermanência, a curiosidade se ocupa da possibilidade contínua da

---

40 Ibidem, p. 234



dispersão.”<sup>41</sup>

A curiosidade é um fenômeno que se abre no mundo graças à falação. A falação é uma tendência à superficialidade do conhecimento, buscando não conhecer algo, mas apenas se informar rapidamente sobre o assunto, perdendo o interesse logo em seguida. Assim constituída, a curiosidade não busca a verdade do ser, as essências, ela não tem tempo para isso. Ela é uma compulsão pelo novo, não se atendo muito tempo a nada. No momento em que uma notícia ou uma informação são absorvidas, já são consideradas velhas e substituídas por algo ainda mais novo.

Para a presença no impessoal, a curiosidade é uma ocupação leve e divertida, que garante a tendência de facilitação e superficialidade. Nela a presença se interessa por algo apenas por algum tempo. Algumas pessoas, por exemplo, trocam de celular uma vez por ano, mesmo que o novo seja só um pouquinho diferente do antigo; a geração atual dá preferência às séries, pois essas possuem episódios mais curtos se atendo à necessidade da presença de variar e mudar o foco da atenção. Até mesmo as polêmicas têm uma duração reduzida. E assim sucessivamente, a presença vai de uma coisa para outra, buscando sempre a mais nova e se desinteressando por essa novidade assim que algo ainda mais novo surge. Sempre buscando excitação e inquietação. A característica mais marcante da curiosidade é a sua impermanência, sempre mudando de foco e de objeto, ela sempre mantém a presença ocupada, dando pouquíssima abertura para a contemplação, para a busca por um saber mais profundo, ou para qualquer coisa que requeira da presença dedicação e tempo.

“A curiosidade, que nada perde, e a falação, que tudo compreende, dão à presença, que assim existe, a garantia de 'uma vida cheia de vida', pretensamente autêntica.”<sup>42</sup> Esses dois modos se complementam e mantêm sempre a presença no modo impessoal. Elas oferecem diversão, fofoca, muitas informações, deixando a presença sempre interessada nesse modo de ser. A falação deixa a impressão na presença de que ela compreendeu tudo, de que ela sabe, ou tem a possibilidade de saber tudo. Já que toda a informação está à mão, ela não precisa buscar o conhecimento, ela não precisa se esforçar para ir em direção aos fundamentos, tudo o que ela precisa conhecer já está sob seu domínio. A curiosidade mantém a presença sempre excitada, num modo de sempre buscar pelo novo, se cansando rapidamente dele e seguindo para outra novidade. Também deixa a presença acreditar que apreendeu tudo isso que lhe foi apresentado. Nesse modo, a presença é mantida sob as garras do impessoal, mas acredita viver uma vida autêntica, acredita que apreendeu tudo, que conheceu tudo.

---

41 *ibidem*, p. 237

42 *Ibidem*, p. 237.



#### d) Ambiguidade

Como dito anteriormente, a fala tem dupla função, ela pode tanto abrir o mundo originariamente quanto pode fechá-lo, no sentido de enclausurar o ente apenas no seu sentido simplesmente dado. O falado na falação é dito ambigualmente. Isto quer dizer que se tem a impressão de que a presença tem o domínio do significado do que foi dito, que ela compreendeu, quando ela na verdade não compreendeu. No modo da falação a presença não compreendeu o mundo originariamente, ela apenas apreendeu o mundo tal qual todos, no impessoal, concordam que o mundo deve ser, isto é, ela formou um saber sobre o mundo que não é um saber, mas uma ilusão de saber. Na falação cotidiana, “tudo parece ter sido compreendido, captado e discutido autenticamente quando, no fundo, não foi.”<sup>43</sup> Nesse modo de ser a presença entregue à curiosidade até discute, faz alguma pesquisa, reflete sobre o assunto e assim que um outro assunto estiver mais na moda ela dá por encerrado e entendido o primeiro assunto e muda para o segundo, tendo a impressão de que tudo compreendeu e sabe sobre o assunto, quando na verdade não sabe.

Não somente todo mundo conhece e discute o que se dá e ocorre, como também todo mundo já sabe falar sobre o que vai acontecer, o que ainda não se dá e ocorre, mas que 'propriamente' deve ser feito. Todo mundo sempre já pressentiu e farejou de antemão o que os outros já pressentiram e farejaram. Essa atitude de estar na pista e, na verdade, a partir do ouvir dizer – quem autenticamente está 'na pista' não fala sobre isso – é o modo mais traiçoeiro em que a ambiguidade propicia à presença possibilidades, a fim de sufocá-la em sua força.<sup>44</sup>

A presença tem em si a estrutura do pre, isto é, da antecipação. Ela é o ente dotado da capacidade de antecipar o futuro, a partir da fala, do tempo verbal futuro, podemos dizer coisas que ainda não acontecerem, não com certeza, pois o futuro é aberto, mas como uma estrutura de saber em que uma coisa se segue de outra, em que um dia se segue ao outro, em que um planejamento pode ter ou não sucesso, em que alguns meses são no verão e outros no inverno. E por isso a presença pode se planejar.

Nesse sentido, a presença conhece, ainda que de no modo do não conhecer verdadeiramente, algo que está acontecendo no presente. Por exemplo, atualmente estamos em ano de eleições presidenciais no Brasil. Os jornais, revistas e a internet estão cheios de informações sobre isso, e algumas das pessoas estão se informando e coletando o máximo de informações possíveis a fim de formar uma opinião e poder emitir um juízo, como o candidato “A” vence a eleição, uma vez que o candidato “B” estará preso e o candidato “C” estará com problemas no partido. A presença tem a capacidade de emitir esses juízos, de formar opiniões, de no presente prever algo que acontecerá no

---

43 Ibidem, p. 238.

44 Ibidem, p. 238

futuro (esse é o pre da presença). No entanto, o impessoal também tem o domínio dessas previsões, a presença emite essas opiniões, na maioria das vezes, pautada na opinião dos outros, do que a mídia está dizendo, os professores, os amigos e familiares. Em cada voz que emite uma opinião há dezenas de vozes ecoando.

A força da ambiguidade vem de a presença conhecer não conhecendo, achar que as suas convicções são só suas e que não sofreu nenhuma influência para chegar a elas, quando na verdade isso tudo é fruto do impessoal. Na ambiguidade os dois discursos repousam em plano equivalente, tanto o autêntico quanto o inautêntico, mas a presença, na maior parte do tempo, fala no modo da falação, isto é, no modo inautêntico.

Supondo que aquilo que impessoalmente se pressentiu e farejou seja, algum dia, de fato transformado, será justamente a ambiguidade quem terá cuidado para que morra imediatamente o interesse pela coisa realizada. Esse interesse só subsiste no modo da curiosidade e da falação, ao dar-se como a possibilidade de um mero pressentimento em comum, sem nenhum compromisso. Quando e enquanto se está na pista de alguma coisa, o mero estar junto recusa o compromisso do acompanhamento no momento em que se dá início à realização do que se pressentiu. É que, com a realização, a presença se vê sempre remetida a si mesma. A falação e a curiosidade perdem seu poder. E, por isso, se vingam. Face à realização do que se presente em comum, a falação lança logo mão de uma constatação fácil: isso qualquer um podia ter feito, pois também já tinha pressentido. Em última instância, a falação não está sequer empenhada em o que ela presente e constantemente requer que aconteça realmente. Pois, com isso, ser-lhe-ia arrancada a oportunidade de continuar pressentindo.<sup>45</sup>

Enquanto possibilidade de futuro a presença se mantém interessada, no entanto, quando essa possibilidade se torna real, se torna presente, a presença perde rapidamente o interesse. Esse fenômeno se dá porque no impessoal a presença também é levada pela curiosidade, pela compulsão pelo novo, pela velocidade das coisas, tendo mais interesse na possibilidade do que na realidade em si. Assim, quando a possibilidade se torna real, a presença até se atém nesse objeto ou assunto, por um tempo, mas segue e muda o foco de sua atenção para um próximo assunto, buscando sempre algo mais novo. Enquanto presença, estamos sempre lançados em um horizonte de possibilidades e temos que ir escolhendo entre elas e essas escolhas moldam o mundo que nos cerca, ou seja, formam a realidade. Em outras palavras: o real são as configurações do mundo, da realidade, já as possibilidades são o que forma esse real.

Na curiosidade e na falação, o discurso comum, fortalecendo a sensação de ser com e de familiaridade, só mantém a presença interessada no modo da possibilidade, do pressentimento de

---

45 Ibidem, p. 238

futuro, sem querer ter qualquer compromisso com quando essa possibilidade se realizar. Por exemplo, no momento em que o candidato “A” ganhar as eleições presidenciais, a presença perderá o interesse nesse assunto. Isso significa que, com a realização, a presença deveria se responsabilizar por aquilo que pressentiu como futuro, por aquilo que falou, votou (por exemplo) e fez acontecer. No entanto, ser chamado à responsabilidade retira a presença da facilidade do impessoal, e a reconduz para si mesma, e essa recondução pode ser breve e passar, a presença voltando a agir impessoalmente, ou pode transformá-la. No caso do presidente eleito, a presença poderia se responsabilizar por ser, junto com os outros eleitores, responsável por ter tal pessoa no poder, governando bem ou governando mal, mas em vez de se responsabilizar por esse ato e ir para as ruas em manifestações, cobrando que o governante seja melhor, a presença muda o foco de sua atenção para outro assunto.

Quando o pressentimento de futuro deixa de ser futuro e passa a ser presente, a falação e a curiosidade perdem seu poder. Isso é uma possibilidade radical, pois esse é o modo como a presença, que existe impessoalmente, pode vislumbrar uma existência diferente, uma existência autêntica. É como se na hora da realização o impessoal desse defeito, pois a presença se vê remetida a si mesma, depois de ter sempre se visto em remissão a todos os outros entes.

Diante desse vislumbre o impessoal reage, e tenta fazer com que a presença acredite que “qualquer outra presença poderia estar nessa situação”, que “todas as outras presenças pressentiram a mesma possibilidade e ela ter se tornado realidade poderia acontecer para qualquer presença” ou ainda que “você não é tão especial ou autêntico, pois isso que se tornou real não aconteceu só para você mas para todas as presenças”. Tentando vários discursos para a atenção da presença se voltar para o impessoal e seus domínios.

A falação não se empenha em tornar real aquilo que pressentiu, pois com isso abre a possibilidade de a presença ter um vislumbre de autenticidade e ela poderá perder a força e o domínio sobre essa presença, por isso sempre se força, usando um discurso ainda mais convincente para atrair a presença e mantê-la sempre impessoalmente si mesma.

Na ambiguidade, aberta na falação, reside a possibilidade de a presença deixar de ser impessoalmente si mesma e passar a ser autenticamente si mesma. Mas na maior parte do tempo, a presença volta a agir impessoalmente, pois a tendência de ser com os outros, de ser um com a multidão e de ter sua existência facilitada é muito atraente e a presença acaba sendo atraída de volta.

Em sua ambiguidade, a falação e a curiosidade cuidam para que aquilo que se criou de autenticamente novo já chegue envelhecido quando se torna público. Este só consegue libertar-se em suas possibilidades positivas,

quando a falação encobridora perde a voga, e o interesse 'comum' morre.”<sup>46</sup>

A falação e a curiosidade rapidamente transformam o que se abriu autenticamente em notícia velha, se apressando em conduzir a presença de volta para a sua cotidianidade mediana, assim antes que ela tenha tempo de se acostumar com o seu novo eu, de contar isso para as outras presenças, algo novo já aconteceu no mundo direcionando todas as atenções para esse evento, e essa presença acaba cedendo e se informando sobre o novo, criando uma opinião sobre ele, seguindo as outras presenças e se desinteressando das descobertas sobre si mesma.

No impessoal, o compreender da presença não vê a si mesmo em seus projetos, no tocante às possibilidades autênticas. A presença é e está sempre 'por aí' de um modo ambíguo, ou seja, por aí na abertura pública da convivência, onde a falação mais intensa e a curiosidade mais aguda controlam o 'negócio', onde cotidianamente tudo e, no fundo, nada acontece.<sup>47</sup>

No impessoal a presença não consegue se perceber autenticamente, quando ela vislumbra essa possibilidade é rapidamente arrastada de volta ao impessoal, pois algo novo e eletrizante aconteceu e todos estão falando disso, e tão logo ela começa a ser autêntica é tentada pela convivência com os outros para retornar ao impessoal. O discurso da falação controla a narrativa da vida da presença, sempre a mantendo no impessoal. Encobrimo mesmo as possibilidades mais autênticas e próprias da presença, como veremos mais a frente.

Mas se é tão difícil, uma presença pode realmente, e não apenas como possibilidade, deixar de viver impessoalmente e passar a ter uma existência autêntica? Ou ela está condenada a ser impessoalmente si mesma? Como ela faria para se manter autêntica em um mundo inautêntico? Se a presença rompesse com o discurso comum, se ela enfrentasse criar um discurso único e próprio, o que isso significaria? Ela conseguiria manter-se em convivência ou para manter essa postura seria necessário se isolar?

Um discurso autêntico só teria espaço se a falação deixasse de ditar o ritmo e as possibilidades da presença cotidiana, pois na maior parte do tempo ela encobre as outras possibilidades, com sua velocidade e falta de solidez, encobrimo, assim, até a possibilidade de a presença desenvolver um discurso autêntico, no modo da fala. É importante ressaltar que esse é apenas um dos modos da presença, e que, apesar de ser dominante na maior parte do tempo, pode entrar em colapso e dar lugar a um outro modo de ser, que não é necessariamente um modo permanente na presença.

---

46 Ibidem, p. 239.

47 Ibidem, p. 239.

## e) Decadência

“A falação, a curiosidade e a ambiguidade caracterizam o modo em que a presença realiza cotidianamente o seu pre, a abertura de seu ser no mundo. Nelas e em seu nexos ontológico, desvela-se um modo fundamental de ser da cotidianidade que denominamos com o termo decadência da presença”.<sup>48</sup>

A falação, a curiosidade e a ambiguidade caracterizam a presença tal qual ela é cotidianamente. Nesse modo de ser a presença se comporta de modo mediano, isto é, ela não desenvolve toda a potência de seu ser, se contentando apenas em estar nivelada com as outras presenças. Nesse modo do pre, a presença se afasta de si mesma e se lança em direção aos outros. A esse fenômeno Heidegger chama de decadência. Pois nesse modo de ser com a presença está decaída nas ocupações e no ser dos outros, em detrimento de um ser autêntico.

“Por si mesma, em seu poder ser si mesmo mais autêntico, a presença já sempre caiu de si mesma e decaiu no 'mundo'. Decair no 'mundo' indica o empenho na convivência, na medida em que esta é conduzida pela falação, curiosidade e ambiguidade.”<sup>49</sup> A presença, que é essencialmente ser com, na maior parte do tempo está em convivência com as outras presenças, compartilhando um mundo. Desse modo a presença está sempre em remissão às outras presenças, está sempre junto, tão junto que acaba por se perder do si mesmo se lançando sempre no modo de ser das outras presenças, sendo conduzida pelo impessoal, que incentiva a presença a caminhar sempre de uma novidade para outra, no modo da curiosidade; a desenvolver um discurso inautêntico sobre o mundo, um discurso que encerra o ente no próprio ente, um discurso ôntico, que não desvela o mundo, mas que o mantém fechado. Esses dois juntos mantêm a presença na ambiguidade, isto é, ela acredita que está sendo si mesma, que está tendo um discurso autêntico sobre o mundo, que conhece os entes, tudo isso em um modo de não saber acreditando que sabe.

“A pretensão do impessoal de nutrir e dirigir toda a 'vida' autêntica tranquiliza a presença, assegurando que tudo está 'em ordem' e que todas as portas estão abertas. O ser no mundo da decadência é, em si mesmo, tanto tentador como tranquilizante.”<sup>50</sup> O impessoal, que é uma tendência de facilitação, tranquilidade e familiaridade, deixa a presença pensar que ela tem uma vida boa, que tudo está no lugar certo, dá uma sensação de ordem e tranquilidade, por isso ser no modo da decadência é tentador pois deixa a presença em casa no mundo, ela se sente familiarizada e feliz.

“O ser no mundo decadente, tranquilizante, é também alienante.”<sup>51</sup> No impessoal, a presença é direcionada pela curiosidade, que busca saber um pouco de tudo mas de um modo ambíguo, pois

---

48 Ibidem, p. 240.

49 Ibidem, p. 240.

50 Ibidem, p. 242.

51 Ibidem, p. 243

ela sabe no modo de não saber. E por ter a atenção sempre voltada para o mais novo, a presença não se detém tempo o suficiente para compreender nada de fato. Assim, essa tendência tranquilizadora é também alienadora, pois fecha o mundo, encerra os entes em seu sentido simplesmente dado e a presença sequer percebe o que falta, portanto a questão pelo ser permanece, na maior parte das vezes, inquestionada.

“Essa alienação fecha para a presença a sua propriedade.”<sup>52</sup> Na falta de questionamento e no silenciamento da fala pela falação, a presença é mantida impropriamente si mesma, por não saber como ser si mesma, por não conseguir se libertar do impessoal, e até mesmo por não querer essa liberdade, ou por não saber que a quer. A presença no impessoal tem a impropriedade imposta sobre ela, não enxergando possibilidades de escape. Uma vez na decadência o retorno para o si mesmo é muito difícil.

A presença só pode decair porque nela está em jogo o ser no mundo no modo de compreender e dispor-se. Em contrapartida a existência própria não é nada que paire por sobre a decadência do cotidiano. Em sua estrutura existencial, ela é apenas uma apreensão modificada da cotidianidade.<sup>53</sup>

A impropriedade não é a essência da presença, ao contrário, a presença não tem uma essência fechada, ela é um tornar-se, inclusive, ela só pode decair porque em sendo o ser da presença está em jogo. Assim impropriedade é só um dos modos de ser possíveis para a presença. O que seria então ser autêntico? Como a presença faria para fugir da decadência e retornar para si mesma? Heidegger nos diz que a existência própria é apenas uma nova interpretação da realidade. O mundo é o mesmo, as outras pessoas também. O que mudaria então seria o olhar dessa presença para o mundo: seria ela compreendendo o mundo originariamente. Assim, a mudança deve ocorrer na própria presença, e não no mundo.

### **1.3) Ser para a morte**

Até agora analisamos a presença em seu ser/poder ser, como abertura para as mais diversas possibilidades, e vimos com especial atenção como ela é na maior parte do tempo, isto é, na cotidianidade. Agora veremos a temporalidade fundamental da presença: o seu ser para a morte.

Um relógio indica o tempo. Um relógio é um sistema físico, junto ao qual os sucessivos estados temporais idênticos constantemente são retomados sob o pressuposto de que este sistema físico não está submetido à mudança através de influência externa. A retomada é cíclica. Cada período tem duração temporal idêntica. O relógio fornece uma duração idêntica que

---

52 Ibidem, p. 243.

53 Ibidem, p. 245

constantemente se repete, à qual sempre é possível recorrer. A distribuição destes espaços de duração é indiferente. O relógio mede o tempo, na medida em que a extensão da duração de um acontecimento é comparada por idênticas sequências de estados do relógio e, a partir disso, determinada numericamente em sua quantidade.<sup>54</sup>

Heidegger define a medição de tempo feita pelos relógios. O tempo é dividido em partes iguais e todos os instantes são “agora”, sempre relacionados a um instante passado ou a um instante futuro, o que torna esse agora “indiferente”. Isto significa, por exemplo, que um ano é dividido em doze meses, cada mês é dividido em quatro semanas, cada semana é dividida em sete dias, cada dia é dividido em vinte e quatro horas, cada hora é dividida em sessenta minutos e cada minuto é dividido em sessenta segundos. O tempo assim medido é um tempo homogêneo, em que cada instante é indiferente, pois são todos numericamente iguais, numa completa abstração da singularidade.

O tempo da vida da presença é o entre o nascimento e morte e assim como o tempo do relógio é mensurável em anos, meses, dias, minutos e segundos, mas não é um tempo homogêneo, em que cada espaço de tempo é exatamente igual ao anterior, pois a presença experimenta o tempo de um modo especial, por sua estrutura do pre. “O ser- aí é o seu passar, é a sua possibilidade no antecipar a este passar. Neste antecipar sou eu o tempo, autenticamente tenho tempo.”<sup>55</sup> O filósofo nos diz que a presença não apenas está no tempo, como os seres simplesmente dados estão, pois estes estão apenas à mercê da passagem do tempo, a presença pode contar o tempo, dizer o tempo, planejar o futuro, aprender com o passado e se relacionar com o tempo de diversos modos. Não podendo, no entanto, fazer o tempo voltar nunca, até para esse ente privilegiado o tempo tem suas regras, ele está sempre em marcha. A presença tem o tempo, ela é temporalidade. Ela é ser no tempo, a própria estrutura da palavra presença designa isso, o pre é movimento (também) no tempo. No movimento do pre da presença de ser antecipação do que ainda não aconteceu, ela pode antecipar o seu ser para a morte, isto é, a presença sabe que é finita e que um dia morrerá.

Um dos modos de se relacionar com o ser para a morte é pensando na morte biológica. Quando uma presença morre, perde o ser. Ela deixa de existir enquanto presença, enquanto existência humana. Ela poderá torna-se a narrativa dos outros sobre ela, poderá permanecer nas fotos e vídeos, mas não será a mesma presença, estará destituída de vida, ela continuará existindo de diversos modos a partir das presenças que continuarem com vida. Assim, “levando-se ao extremo, o

---

54 HEIDEGGER, 1997, p. 13

55 Ibidem, p. 37



não mais ser no mundo do morto é também um ser, na acepção do ser simplesmente dado de uma coisa corpórea.”<sup>56</sup> A presença que perde a vida deixa o mundo, mas parte do que ela viveu pode permanecer, mantendo-a na existência de modos mais aparentados ao dos seres simplesmente dados, assim ela se mantém sendo, embora de um outro modo, e perde o pre que é a possibilidade de futuro, de tornar-se, de criar-se. Mas a presença ao morrer não pode compreender o fenômeno da própria morte, pois quando a morte chega carrega consigo o ser presença da presença. Ela não pode fazer a experiência da transição de presença para ser simplesmente dado, assim não é possível fazer a experiência da morte biológica e portanto devemos nos afastar dessa via, pois não podemos criar um discurso fundamentado sobre algo que nenhuma presença experimentou. Por isso devemos voltar a nossa atenção para aquilo que a presença experimenta que é o ser para a morte.

“Para a presença, o fim é o impendente. A morte não é algo simplesmente ainda não dado e nem o último pendente reduzido ao mínimo, mas, muito pelo contrário, algo impendente, iminente.”<sup>57</sup> A morte não é algo que está lá longe no fim da vida, esperando calmamente a presença envelhecer para encontrá-la em seu fim. A morte está à espreita em todos os lugares, ela é possível a todo o momento, ela é iminente e pode acontecer a cada momento. A presença é ser para a morte. Mas ser para a morte não significa apenas esperar a morte chegar, ao contrário, “a morte é um fenômeno da vida”<sup>58</sup> e portanto ser para a morte é a presença que se relaciona com essa temporalidade durante a vida, ser para a morte é na verdade vida.

A presença vive a sua finitude em tudo o que ela empreende. Ao raiar do sol já é possível prever que ele vai se pôr, ao entrar em uma sala já posso saber que vou sair, eu escrevo essa frase já sabendo que com o ponto final ela terminará. Toda a ação tem começo e fim, assim como a vida terá nascimento e terá morte. Portanto a finitude não é um fenômeno particular da vida, mas de tudo o que existe. A presença, que é ser para a morte, está sempre se relacionando com a finitude, o fim do dia, o fim do ano, o fim da hora, o fim da aula, o fim do almoço, o fim da infância, o fim da adolescência, o fim da faculdade, o fim do mestrado. Tudo o que existe que teve um começo terá necessariamente um fim. A presença é um ser a cada vez, isso significa que a cada novo modo de ser que assumir terá deixado de ser o modo anterior, terá experimentado a finitude.

“No morrer, evidencia-se que, ontologicamente, a morte se constitui pela existência e por ser, cada vez, minha.”<sup>59</sup> O morrer é igual para todas as pessoas, é o fim da vida, é a perda do pre, que é a

---

56 Ibidem, p. 312

57 Ibidem, p. 325.

58 Ibidem, p. 321

59 Ibidem, p. 314.



possibilidade de futuro, e é a transformação da presença em ser simplesmente dado. O que é diferente para cada presença é o modo como viveu o ser para a morte, ou seja, o modo como viveu. A morte iguala todas as presenças, a vida é que as torna únicas, que as singulariza. A morte é um fenômeno da vida e por isso ela deve ser pensada a partir da vida. Se a vida de todas as pessoas fosse igual seria como o funcionamento do ponteiro do relógio, seria homogêneo e, como vimos, na maior parte do tempo a presença vive impessoalmente, ela é como todos os outros são, forma a sua opinião pela dos outros, trabalha, estuda, se diverte, se mantém ocupada, sempre busca pelo novo. Urge então questionar como essa presença que vive impessoalmente lida com o seu ser para a morte, e ainda se o ser para a morte implica em vida, se é a vida, e não a morte, que diferencia uma presença da outra, o que isso significa sobre a presença que vive impessoalmente? Se essa presença não consegue assumir a sua vida, como será o seu ser para a morte?

#### **1.4) O discurso do impessoal sobre o ser para a morte**

No silogismo “todos os homens são mortais, Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal”, é fácil acreditar que Sócrates, ou que qualquer outra pessoa seja mortal. Mas essa crença não fica tão óbvia quando o sujeito do silogismo é o eu. Em princípio ninguém deseja morrer, ninguém quer acreditar que, mais cedo ou mais tarde, morrerá. Em outras palavras: “impessoalmente – para todo homem, a morte é altamente provável, mas não ‘incondicionalmente’ certa. Em sentido rigoroso, ‘só’ se pode atribuir à morte uma certeza empírica.”<sup>60</sup> No impessoal acredita-se que a morte é muito provável, que existem muitos casos de morte na história. Mas no fundo fica uma dúvida silenciosa: será que todo mundo vai morrer? Eu não conheço todo mundo. E se existir em algum lugar do mundo alguém escondido que tenha 700 anos? Será que alguém no Japão? Lá eles têm longevidade alta, vai ver lá tem um ancião muito velhinho que nunca vai morrer. Reduzindo a certeza de que “todos os homens morrem” a uma certeza empírica, abre-se a possibilidade de que talvez tenha algum que não morra e quem sabe esse sortudo não é justamente o eu. Tudo isso para manter encoberta a possibilidade mais extrema da existência da presença. O impessoal concede para a presença as ferramentas para pensar assim. A falação, a curiosidade e a ambiguidade – é a partir dessas três que o impessoal pode formar o discurso do “morre-se mas por enquanto estou seguro, estou vivo” para manter velada para a presença a radicalidade da morte, fazendo-a crer que ela não é tão radical assim e que pode haver esperança, para manter a presença sob sua tutela, para mantê-la tranquila e familiarizada, pois a certeza da morte própria retira a presença desse solo.

---

60 Ibidem, p. 333.

Permanecendo na certeza empírica, acima caracterizada, a presença não consegue, em absoluto, ter certeza da morte naquilo que ela é. Embora no impessoalmente público a presença aparentemente só ‘fale’ dessa certeza empírica da morte, no fundo ela não se atém, nem exclusiva e nem primariamente, aos casos de mortes recorrentes. Escapando de sua morte, o ser para o fim cotidiano tem outro tipo de certeza da morte distinto daquele refletido por uma reflexão puramente teórica.<sup>61</sup>

No modo da falação a presença está sempre falando de casos de morte, falando do que viu na novela, na série, da morte de alguém famoso ou até mesmo de alguém familiar, mas esse modo de fala não abre a presença para a compreensão de fenômeno algum, então não é apenas falando sobre a morte, reconhecendo que ela acontece no mundo, que a presença vai realmente se apropriar do que a morte significa. A falação só fala, não reflete, e por isso mantêm o assunto sempre na superfície. Assim, falar muito sobre a morte não significa compreendê-la. Saber que a morte vem, se ancorar no discurso impessoal sobre a morte, acreditar que por agora se está seguro e que a morte vai demorar a vir, dá apenas a certeza de que ela está segura, de que agora ela está vivendo e não se imagina morrendo em nenhum tempo próximo.

“O impessoal também já assegurou uma interpretação para esse acontecimento. A fala pronunciada ou, no mais das vezes, ‘fugidia’ sobre a morte diz o seguinte: algum dia, por fim, também se morre, mas de imediato não se é atingido pela morte.”<sup>62</sup> O discurso do impessoal mantêm a interpretação da morte na morte biológica, pensando nela apenas como o fim da vida, pensando que só o fato de ainda estar respirando basta para estar vivendo. Estar vivendo significa também estar morrendo. O impessoal encobre toda a vida que existe no ser para a morte. Mantendo a todos sob as suas rédeas, falando como todo mundo fala, pensando como todo mundo pensa, vivendo como todo mundo vive. A morte, como vimos, é igual para todos, e o impessoal mantêm encoberta para a presença a possibilidade de vida, de uma vida singular e autêntica.

Escapar da morte, encobrindo-a, domina, com tamanha teimosia, a cotidianidade que, na convivência, os ‘mais próximos’ frequentemente ainda convencem quem ‘está à morte’ de que ele haverá de escapar da morte e, assim, retornar à cotidianidade tranquila de seu mundo de ocupações. Essa ‘preocupação’ significa inclusive a tentativa de ‘consolar’ quem ‘está à morte’. Embora pretenda restituir-lhe a presença, não faz senão ajudar a velar-lhe ainda mais sua possibilidade de ser, mais própria e irremissível. É desta maneira que o impessoal busca constantemente tranquilizar a respeito da morte. No fundo, essa tranquilidade vale não apenas para quem ‘está á

---

61 Ibidem, p. 334.

62 Ibidem, p. 328.

morte' mas, sobretudo, para aqueles que 'consolam.'<sup>63</sup>

Diante de um ente querido que está prestes a morrer as pessoas próximas se apressam a consolá-lo dizendo que ele ficará bem, que voltará a trabalhar, a sair de casa, a fazer as coisas que mais gosta, dizendo que muito em breve ele retornará às ocupações e ao convívio cotidiano. Mesmo que elas saibam que esse discurso é falso e que a pessoa não vai melhorar, elas o proferem. Elas o fazem, na maior parte das vezes, para consolar a si próprias, pois a morte do outro relembra a presença de sua própria finitude. Mas não só com esse intuito, elas não o fazem tentando enganar a pessoa que está à beira da morte. Normalmente a presença está tão acostumada a negar a morte como possibilidade própria, a afastá-la de si, que mesmo olhando para alguém que está prestes a morrer, tem dificuldade de acreditar. O discurso do impessoal sobre a morte encobre o fenômeno, só o abrindo de modo inautêntico, isto é, sempre tentando afastar a possibilidade da morte da presença, fazendo-a crer que talvez um dia muito longe a morte chegue, mas agora não, agora está tudo bem. Mantendo velado o sentido iminente da morte, que é a vida.

A interpretação pública da presença diz: morre-se, porque, com isso, qualquer um outro e o próprio impessoal podem dizer com convicção: mas eu não; pois esse impessoal é o ninguém. A morte nivela-se a uma ocorrência que, embora atinja a presença, não pertence propriamente a ninguém. Se a ambiguidade é o próprio da falação, isso se dá, sobretudo, nessa fala sobre a morte. A morte, que é sempre minha de forma essencial e insubstituível, converte-se num acontecimento público que vem ao encontro do impessoal.<sup>64</sup>

O discurso impessoal do morre-se é um discurso em si ambíguo. Ao se dizer “morre-se” quer-se dizer que o sujeito do impessoal morre – e o sujeito do impessoal é todo mundo e ao mesmo tempo ninguém – transformando assim a possibilidade mais extrema da existência da presença em algo impessoal. Mas a característica da ambiguidade é que nela repousam as duas interpretações, tanto a do eu morro, quanto a do eu vivo. Ainda que na maior parte do tempo, a presença cotidiana repita o discurso impessoal e acredite nele, a ambiguidade também pode abrir a interpretação de que a morte é iminente e pode acontecer a qualquer momento, não se está seguro ou longe da morte, pois ela é uma possibilidade à espreita e por isso deve-se viver.

Heidegger nos diz na nota de rodapé 140, de Ser e Tempo, que: “Em seu conto ‘A morte de Ivan Ilitch’, L. N. Tolstói expôs o fenômeno do abalo e do colapso desse morre-se impessoal.”<sup>65</sup> Para entender como o discurso do impessoal entra em colapso e o que isso significa para a presença,

---

63 Ibidem, p. 329

64 Ibidem, p. 329

65 Ibidem, p. 330

faremos uma análise do conto de Tostói no capítulo seguinte.

## Capítulo 2: O colapso do morre-se impessoal em “A morte de Ivan Ilitch”

No livro “A morte de Ivan Ilitch”, somos apresentados a Ivan Ilitch Golivin. Ele teve uma vida simples e comum. Morreu no dia 4 de fevereiro de 1882, aos 45 anos. Foi um meio termo entre os irmãos, não era frio e metucioso, como o mais velho, nem destrambelhado como o caçula. Era considerado a ave rara da família. Era inteligente, ilustrado, agradável e decente. Coursou a faculdade de direito e brilhou nos estudos. “Na faculdade, ele já era aquilo que seria no decorrer de toda a existência: um homem capaz, alegre, bonachão, comunicativo, mas um severo cumpridor daquilo que considerava o seu dever.”<sup>66</sup> Não era adulator, mas gostava de se cercar de pessoas poderosas e copiava as maneiras e as opiniões delas. Durante o curso de direito se entregou à sensualidade, à vaidade e a um liberalismo moderado. Algumas vezes fez coisas que o enojavam, mas, como eram consideradas normais pela elite que o cercava, ele tentava não ficar excessivamente culpado por tê-las feito. Torna-se um juiz considerado brilhante.

Casa-se com Práscovia Fiodorovna Golovina. No início do relacionamento ele a considerava bonita, inteligente, vivaz, elegante e foram felizes por algum tempo. Com o passar dos anos, o nascimento dos cinco filhos e a morte de três deles, o relacionamento foi se desgastando e eles passaram a gostar cada vez menos da companhia um do outro. Práscovia torna-se egoísta, irritadiça, mas em público se mostra uma elegante mulher da corte russa. Em 1880, ano em que completavam 17 anos de casados, a vida do casal não ia bem. As brigas entre eles eram terríveis, não conseguiam concordar em nada. Os custos de viver em alta sociedade na cidade se tornaram muito altos. Ivan contraía muitas dívidas com o intuito de manter esse padrão de vida, perdera uma série de promoções no trabalho, e, no meio dessas crises, passam um verão na casa de campo do irmão de Práscovia, a fim de poupar dinheiro. Lá, Ivan fica extremamente infeliz e frustrado com a sua vida, então decide tomar uma atitude: voltar para a cidade em busca de um novo emprego, que ele consegue, mas que seria em outra província onde o custo de vida seria mais baixo e ele ganharia mais dinheiro.

Ivan vai à frente para preparar tudo para a sua família. Nessa época estão todos muito felizes e esperançosos de que essa nova vida seria boa. Ele escolhe uma casa, que aos seus olhos era perfeita. Cuida de perto de toda a reforma, tão de perto que em certa feita, ao não ser entendido por um de seus operários sobre como colocar uma cortina, ele demonstra pessoalmente como fazê-lo e, ao tentar instalá-la, cai da escada e bate muito forte na moldura da janela com a lateral do corpo. Sente dor, mas em seguida volta aos trabalhos. Ele não sabia que esse era o início de seu fim.

---

66 Tolstói, 2009, p.18

Reforma pronta, a família muda-se para a casa nova, eles curtem por um tempo as mudanças na vida até que Ivan é acometido por dores muito fortes. Ele se consulta com muitos médicos, os diagnósticos são imprecisos. Ele não se recupera e sua morte parece cada vez mais perto. Ivan, então, se vê diante do seu ser para a morte e dá início ao julgamento de sua vida, tentando ver algum sentido nela e na morte. Tenta descobrir se fora feliz, se aproveitara bem o tempo que tivera e se surpreende com as respostas. Até que um dia, depois de muita agonia, ele morre.

Nesse capítulo vamos conhecer a vida, a morte e o ser para a morte de Ivan Ilitch. Fazendo uma leitura desse livro à luz dos conceitos heideggerianos que abordamos no capítulo anterior, para ver como é o ser para a morte e o discurso do impessoal acerca da morte com a concretude deles na vida de pessoas, para assim compreendê-los melhor. A primeira parte desse capítulo será uma análise do próêmio, isto é, do início do livro – nas primeiras páginas somos apresentados a um Ivan Ilitch morto, temos a descrição do cadáver, vemos a recepção da notícia, o funeral. Somos apresentados aos amigos e familiares de Ivan e os seus sentimentos e discurso com relação à morte do juiz. Em seguida, analisaremos o impessoal e seus modos de manifestar-se à luz das vidas das personagens do conto de Tolstói; depois veremos a jornada de Ivan Ilitch em direção à morte e terminaremos o capítulo falando dos discursos sobre a morte tecidos no texto.

## 2.1) Próêmio

“Senhores”! – disse ele. – Morreu Ivan Ilitch.

– Será possível?

– Aqui está, leia – disse ele a Fiódor Vassílievitch, entregando-lhe o jornal fresco, ainda cheirando a tinta. Havia ali uma notícia, envolvida por uma tarja preta: Prascóvia Fiódorovna Golovina comunica, com dor na alma, a seus parentes e conhecidos o falecimento do seu amado esposo, o juiz Ivan Ilitch Golovin, ocorrido em 4 de fevereiro do corrente ano de 1882. O féretro saíra sexta feira, à uma da tarde. ”<sup>67</sup>

Assim começa o livro, com o anúncio da morte de Ivan. Em um dos gabinetes do tribunal da justiça, onde ele trabalhara, juízes e procuradores discutiam sobre um caso célebre que decorria na época enquanto Piotr Ivánovitch, que lia o jornal, se deparou com a notícia da morte do amigo e a comunicou para os colegas do tribunal. Todos os presentes conheciam e gostavam do finado, sabiam de sua doença e acompanharam, em partes, o doloroso fim da vida de Ivan, alguns por estarem presentes no tribunal enquanto ele presidia alguma sessão, outros por terem jogado cartas com ele nesse período e os mais próximos por terem-no visitado quando ainda estava moribundo.

---

67 *ibidem*, p.7

Ivan trabalhara durante o início de sua doença, mesmo quando se ausentou não fora substituído, mas todos à sua volta imaginavam, em caso de morte, quem ficaria com o cargo e toda a série de promoções que seguiriam aquela morte. Assim, quando souberam da notícia, a primeira reação foi pensar na própria ascensão na carreira e no aumento salarial que a acompanharia, mas isso cada um pensou em silêncio. Em seguida falaram sobre o caso da morte de Ivan, comentaram sobre sua doença e seu aspecto físico da última vez em que cada um deles o vira, comentaram a situação econômica da viúva, reclamaram do transtorno que era ir ao funeral, pois a casa do morto era longe, e troçaram de quem morava ainda mais longe. Mas em todos os presentes naquele gabinete um sentimento reinava:

“Além das considerações suscitadas em cada um por esta morte, sobre transferência e possíveis alterações no serviço, o próprio fato da morte de um conhecido tão próximo despertou, como de costume, em cada um que teve dela conhecimento, um sentimento de alegria pelo fato de que morrera um outro e não e não ele.

–Aí está, morreu; e eu não – pensou ou sentiu cada um.”<sup>68</sup>

Somos apresentados à interpretação impessoal sobre a morte já nas primeiras páginas do livro. Os conhecidos de Ivan, ao serem noticiados sobre a morte dele, sentem imediatamente alívio, por ter sido o outro a morrer. Essa é a interpretação impessoal sobre a morte que acredita que “algum dia, por fim, também se morre, mas de imediato não se é atingido pela morte”<sup>69</sup>. Vimos isto no capítulo anterior a formação desse discurso, agora veremos como ele entra em colapso, pois Heidegger nos diz que é nessa obra que Tosltói expõe o abalo desse discurso. No entanto, antes de mostrar a ruína dessa interpretação sobre a morte, ele nos apresenta a diversas variações desse discurso. Nessa interpretação o fenômeno da morte desvela-se como um acontecimento recorrente no mundo que ocorre todos os dias, mas que agora acontece com o outro e não com o eu. A morte é interpretada como a morte biológica, como o fim da vida, e é essa certeza que colapsará ao longo do livro.

O proêmio é narrado do ponto de vista de Piotr Ivánovitch, amigo de faculdade de Ivan, que ao sair do tribunal passa na própria casa para jantar e comunicar à sua esposa do falecimento. Eles conversam sobre a possível promoção do irmão dela para a província em que eles moram, ele veste um fraque e segue para o velório. Lá chegando, a primeira coisa que vê é a tampa do caixão que estava encostada a uma parede na antessala, pessoas vestindo preto, tudo era fúnebre. Ele avista um amigo que descia a escada e tinha uma expressão no rosto que dizia: “O que Ivan Ilitch fez foi uma

---

68 *ibidem*, p. 9

69 Heidegger, 2013, p. 328

tolice; você e eu somos de outro estofo”<sup>70</sup>. Em seguida, esse amigo o convida para um jogo de cartas ao fim da cerimônia, como se ele não fosse tocado pela morte de Ivan. Como se a própria morte fosse um atributo de Ivan que não lhe atingiria, isso ele diz com o olhar, que o amigo fora um tolo de morrer, ele queria mesmo era viver. Esse encontro e esse olhar destoavam do clima geral. Piotr estava desconcertado com toda situação, a leveza do amigo e a indiferença com relação à morte e ao morto o tiraram ainda mais do eixo, não sabia como se portar nessa situação, tudo lhe parecia estranho. Ele avista Guerássim, ajudante de copeiro da casa, e o reconhece de sua última visita – nessa ocasião ele notara que Ivan tinha grande estima pelo jovem mujique<sup>71</sup>, que em seus últimos dias o ajudava muito e servia como enfermeiro. Ele estava polvilhando algo no chão e, ao notar isso, Piotr percebe que o corpo já começa a feder, que já entrara em decomposição. É só então que ele nota o cadáver e se põe a examiná-lo.

“O morto estava deitado como sempre ficam deitados os mortos, de maneira particularmente pesada, afogado no forro do caixão, os membros endurecidos, a cabeça dobrada para sempre, apoiada no travesseiro, e alteava, como sempre fazem os mortos, a fronte amarela, cérea, umedecida sobre as têmporas reentrantes, e o nariz saliente, que parecia pressionar o lábio superior. Mudara muito, emagrecera ainda mais desde a última vez em que Piotr Ivánovitch o vira, mas como todos os defuntos tinha o rosto mais belo e, sobretudo, mais significativo do que fora em vida. Esse rosto expressava que fora feito o que se devia fazer, e que se fizera corretamente. Ademais nessa expressão, havia ainda uma censura ou uma lembrança aos vivos. A lembrança pareceu a Piotr Ivánovitch inconveniente ou pelo menos não lhe dizer respeito. Teve uma sensação desagradável.”<sup>72</sup>

O corpo do morto não é mais a pessoa que fora antes de morrer. Heidegger define que na morte biológica acontece a perda do pre da presença, isso quer dizer que a pessoa experimenta uma perda ontológica. Ela deixa de ser presença e passa a existir como ser simplesmente dado, como o corpo velado, como a lembrança dos outros, no entanto ela perde tudo o que a constitui como presença, perde o seu ser como possibilidade, o futuro, a linguagem. Vemos isso no funeral de Ivan Ilitch: o corpo que está ali deitado não é mais o brilhante juiz de instrução, não é mais presença. É um corpo morto com aspecto endurecido e magro, o rosto cor de cera, eternamente deitado no caixão, incapaz de jogar cartas, de presidir uma sessão no tribunal e de brigar com a esposa.

Ao morrer, deixamos o mundo – e é através deste que coexistimos com as demais pessoas. O morto não pode mais se relacionar com os que ficaram, mas estes podem ainda se relacionar com o morto através das cerimônias de adeus, por exemplo. No caso de Ivan, diante de seu cadáver, as

---

70 Tolstói, 2009, p. 9.

71 Como eram chamados os camponeses russos.

72 Ibidem, p. 11



pessoas podiam pensar em momentos que viveram juntos, podiam pensar na semelhança de seu filho caçula com ele quando tinha a mesma idade, podiam pensar nas promoções no tribunal que aquela morte acarretaria, mas o sentimento mais latente para a maioria era que aquela figura no caixão lembrava a todos de sua própria finitude. Esse lembrete pareceu a Piotr muito inconveniente e ele se sentiu desconfortável.

Ivan Ilitch, assim como qualquer outra pessoa, não pode fazer a experiência de sua passagem de presença para não mais presença. Mesmo o livro acompanhando os momentos finais de sua vida, que veremos mais à frente, quando a morte chega, retira da presença a possibilidade de compreender esse acontecimento. Assim só podemos saber acerca da morte biológica que ela põe fim à vida da presença como presença, nada podemos saber sobre o que acontece no momento que se segue à última respiração, o que podemos compreender, no entanto é o ser para a morte, isto é, a vida e a sua marcha inexorável para a morte, com todas as finitudes implicadas em viver.

Embora o morto não possa fazer a experiência de sua própria morte, os vivos experimentam a perda do outro e criam uma narrativa sobre a finitude. Piotr, ao se deparar com o corpo de Ivan, se sente desconfortável diante do lembrete de sua própria mortalidade, e sai rapidamente da sala, como que tentando afastar a morte de si. Já o amigo que ele encontra pouco tempo antes não se deixou afetar pelo clima fúnebre da ocasião, achando que Ivan foi um tolo em morrer e que isso não vai acontecer com ele, que os outros devem aproveitar a vida jogando cartas, jantando, bebendo e conversando após o velório. Ambos são exemplos de como se encara a temática da morte impessoalmente.

Piotr, ao sair da sala, reencontra o amigo e conversam sobre o jogo de mais tarde, mas a conversa é interrompida pela viúva que o convida para terem uma conversa no antigo gabinete de Ivan. Ao entrar na sala, revestida de cretone<sup>73</sup> cor de rosa, ele se lembra de que quando o amigo estava decorando aquele espaço pediu conselhos a ele sobre essa escolha. Um copeiro entra na sala e avisa para ela os preços dos jazigos, ela escolhe um e ele se retira. Depois disso, ela se põe a conversar com Piotr e conta-lhe detalhes dos últimos dias do marido.

– Ah, foi terrível! Nos últimos não digo minutos, mas horas, ele não parou de gritar. Gritou sem cessar três dias seguidos. Era intolerável! Não consigo compreender como suportei isso; ouvia-se tudo, atrás de três portas. Ah! O que tive de sofrer!<sup>74</sup>

Essa é uma das primeiras falas de Prascóvia e apresenta a personagem. Ela e Ivan ao longo de seu casamento tiveram uma convivência muito complicada e, no tempo da doença, o

---

<sup>73</sup> Tecido de algodão ou linho usado na confecção de papel de parede, tapete e cortina.

<sup>74</sup> Tolstói, 2009, p. 14

relacionamento deles piorou muito. Ela acreditava que, por um lado, a morte do marido seria boa, pois ela não precisaria mais conviver com aquele fardo, e, por outro lado, seria ruim, pois a renda da família diminuiria bastante e o culpava por isso. Ela fora bastante insensível com a doença dele e tudo o que fazia por ele, estava fazendo na verdade por si mesma – por exemplo, se ela dava-lhe os remédios para acalmar a dor não era para que o marido se sentisse melhor, era porque se ele não estivesse com dor ela ouviria menos as suas lamúrias – e em tudo o que fazia deixava isso bem claro para ele. Era uma mulher egoísta. Nos dias finais ela só conseguia pensar em como os gritos e a dor de Ivan eram um incômodo para o resto da família, especialmente para ela, e como seria bom para todo mundo que tudo terminasse logo. Assim, ao contar para Piotr sobre as dores do marido, ela não deixou de se lamentar pelas próprias dores. Contou-lhe que o marido tinha plena consciência em seus dias finais e que se despedira da família cerca de quinze minutos antes de morrer.

‘Três dias de sofrimentos terríveis, depois a morte. Bem que isto pode acontecer comigo também, agora a qualquer momento’ – pensou, e assustou-se por um instante. Mas imediatamente, ele mesmo não sabia como, acudiu em seu auxílio a ideia costumeira de que aquilo sucedera a Ivan Ilitch e não a ele, e que não devia e nem podia acontecer-lhe; que pensando aquilo ele se entregava a um estado sombrio de ânimo, o que não devia fazer.”<sup>75</sup>

Ao ouvir os sofrimentos de um amigo tão próximo, que Piotr conhecia desde criança, ocorreu-lhe um medo pela própria vida. Se Ivan Ilitch morreu, eu também posso morrer. Pensou e diante da repulsa que esse pensamento lhe causou rapidamente tentou afastar essa ideia da cabeça. Tentou acreditar que aquilo acontecera ao amigo, mas não aconteceria com ele, pois estava saudável, jogaria cartas depois dessas obrigações, não iria se entregar a esse estado de ânimo.

Mais uma vez vemos aqui a aparição do discurso impessoal do “morre-se”. O outro morre, eu estou seguro. Esse pensamento encobre o sentido do ser para a morte, ao colocar a morte e a finitude do ser humano apenas no seu fim biológico e assim encobrindo o fato de que estar vivo é estar experimentando sempre o fim. No velório de Ivan Ilitch, não tem apenas o fim da vida de Ivan, tem também, para todos os que ficam, o fim da convivência com ele, os outros jamais poderão voltar a conversar com ele, jogar cartas com ele, sentar-se à mesa e comer em sua companhia. Prascóvia deixou de ser esposa e passou a ser viúva. Esses são exemplos de finitude que todos naquela casa estavam vivendo e que não estavam percebendo, pois só estavam interpretando a finitude como o fim da vida.

---

<sup>75</sup> Ibidem, p. 15

Piotr afastou de si os sentimentos que a morte do amigo lhe trazia, de tristeza e de reconhecimento da própria mortalidade, tentando pensar no jogo que se seguiria ao velório. Prascóvia se desviava da morte do marido pensando em detalhes práticos, os jazigos, a cerimônia, a tentativa de receber uma pensão mais alta. Os únicos que pareciam realmente sentir a morte de Ivan eram o filho, que tinha os olhos vermelhos de tanto chorar, e Guerássim, que passava de uma atividade a outra e quando perguntado sobre a morte de Ivan disse: “É a vontade de Deus. Iremos todos para lá.”<sup>76</sup> De algum modo, que veremos mais à frente, o mujique compreendia a finitude de um modo diferente do impessoal, revelando isso no seu modo de tratar Ivan e em suas conversas com ele. O jovem camponês sabia que a morte também chegaria para ele, sabia que na morte o que importa é a vida que foi vivida. Os demais presentes pensavam ser uma vulgaridade chorar e se consolavam pensando que a morte era um atributo de Ivan e que só aconteceria com eles num futuro muito longínquo.

## **2.2) Ivan Ilitch e o impessoal**

No capítulo anterior, vimos que a presença é essencialmente ser com. Em outras palavras: somos e estamos sempre cercados de outras pessoas. Não existe uma pessoa isolada, existe uma família, uma nação, uma turma de escola, os vizinhos. Até a solidão se funda no ser com, pois só é possível se saber sozinho se antes se experimentou o ser com. No momento em que nascemos já somos ser com, com os nossos pais, com os médicos e enfermeiros. Aos poucos somos inseridos em um mundo de significados, aprendemos a andar, a falar, a nos vestir. Primeiro imitando os nossos familiares, depois os nossos amigos no parquinho, mais tarde vamos para a escola e lá aprendemos as regras da gramática, da matemática, da filosofia e somos inseridos gradativamente na língua e na cultura.

O impessoal se funda no ser com. É só na medida em que estamos em constante convivência com as outras pessoas que podemos nos misturar a elas de modo que nos tornamos “um” com elas. Quando muito pequenos o primeiro modo que temos de aprendizado é a cópia. É muito comum entre irmãos que o mais novo copie o mais velho, nas brincadeiras, nos gestos, nas palavras e que eles juntos copiem os comportamentos dos mais velhos da família. Mas isso não pára na infância, ao crescermos, seguimos as tendências da moda para nos vestirmos, nos comportamos como os nossos amigos se comportam, criamos opiniões a partir dos discursos dos nossos professores, das notícias, das mídias sociais. Mesmo na tentativa de ser diferente, de se vestir fora

---

<sup>76</sup>ibidem, p. 17,

do padrão, de pensar fora do padrão, busca-se um grupo que acolha essa diferença.

O impessoal é uma tendência e se expressa na partícula “se”: eu faço porque é o que se faz. Todos se comportam de modo muito parecido, aprovado pela sociedade que os cerca – não só aprovado como aconselhado. É como um acordo silencioso entre as pessoas, que as mantêm no mesmo nível mediano. Assim vivemos, pensamos, falamos como todos os que nos cercam, tentando nos sentir incluídos e familiarizados.

Viver impessoalmente é viver exatamente como todas as outras pessoas, de sua época e classe social, vivem. Vestindo-se igual, agindo igual, morando em casas iguais, constituindo famílias iguais, tendo os mesmos problemas, seguindo a mesma rotina todos os dias de modo a que um dia seja exatamente como o anterior. Assim viveu Ivan Ilitch, exatamente igual a todos os seus contemporâneos de classe média na Rússia czarista.

A expressão, no conto, que mais representa a ideia de impessoal é: “*comme il faut*”<sup>77</sup>. Ela expressa a necessidade de manter o status quo daquela classe social, dos funcionários públicos russos, que não eram ricos proprietários de terra, nem eram de famílias nobres, mas que viviam confortavelmente, e se consideravam parte da alta sociedade – algo como a classe média daquela época. “Tudo ocorria de mãos limpas, de camisa limpa, com palavras francesas, e, sobretudo, na mais alta sociedade, por conseguinte com a aprovação das pessoas altamente colocadas.”<sup>78</sup> Tudo o que Ivan fazia era no seio dessa alta sociedade, isto é, de pessoas com situação econômica igual ou superior à dele. Ele colocava expressões francesas no meio de suas frases, vestia roupas da moda, construía sua opinião baseada nas opiniões das pessoas de seu círculo social e sempre tentava se adequar ao modo de vida delas, mesmo que isso lhe causasse dívidas. Tolstói cria por meio de Ivan um retrato de um funcionário público da Rússia czarista: possuidor de alguns servos, que oferecia jantares e bailes em sua casa e que nas horas vagas jogava cartas com os amigos.<sup>79</sup> O jogo de uíste constituía o grande prazer de sua vida, como um bom homem russo de sua época.

“Desde a idade mais tenra, era atraído, como um inseto pela luz, pelas pessoas altamente colocadas na sociedade, assimilava as suas maneiras, a sua visão de vida, e estabelecia relações

---

77 como é preciso.

78 Tolstói, 2009, p. 20.

79 O jogo era um tema muito frequente na literatura russa contemporânea a ele, pois era um hábito muito comum. Dostoiévski certa vez apostara tudo o que possuía, ficando apenas com a roupa do corpo, depois disso ele escreve a novela “O jogador”, Púchkin apostara a própria poesia, perdendo valiosos manuscritos e escreve “A dama de espadas”, o próprio Tolstói precisa vender a própria casa para pagar dívidas de jogo- Bartlett, 2013, p. 124.

amistosas com elas”<sup>80</sup>. Ivan sempre se sentiu atraído pelas pessoas da classe alta e tentava manter com elas as melhores relações, tentando se tornar uma dessas pessoas, imitando seus comportamentos e suas opiniões. No início de sua vida adulta ele entra para a faculdade de direito, o que o proporcionaria se elevar à condição de funcionário público e permitiria que ele continuasse mantendo boas relações com pessoas abastadas. Na faculdade, ele se comporta exatamente como todos os outros jovens. Cometendo alguns atos que por um momento o deixavam envergonhado, mas, assim que ele percebia que todas as pessoas faziam o mesmo, ele deixava a culpa de lado e absorvia aquele comportamento para si. Ao fim do curso, rapidamente consegue um emprego e se muda para uma nova província, onde rapidamente se insere na sociedade de lá. Divertia-se ao mesmo tempo em que construía a sua carreira, tudo com a aprovação daqueles que o cercavam.

Após cinco anos, é promovido a juiz de instrução e muda-se novamente. Na nova província Ivan finalmente recebe um poder real, pois, na condição de juiz, bastava ele escrever algumas palavras em um papel timbrado<sup>81</sup> que qualquer pessoa, da menos até a mais importante, deveria ir correndo à sua presença. Saber que tinha esse poder era, para ele, a propriedade mais atraente do novo cargo. Ele era bom funcionário, aprendia as tarefas rapidamente e se adequava à sociedade que o cercava como uma luva. Em pouco tempo, Ivan já havia se instalado, feito amigos, nobres ou outros funcionários altamente colocados no judiciário, e construído para si uma vida muito decente e adequada a sua nova posição social. Ele começa a ganhar mais dinheiro, e se inicia no uíste.

Passados dois anos vivendo lá, ele conhece Prascóvia. Ela se apaixona por ele, era de uma boa família, bonita e possuía algum dinheiro. Ele não estava apaixonado e acreditava que poderia encontrar um partido melhor, mas diante da paixão da moça e da aprovação da sociedade ele se pergunta: “Por que, realmente, não me casar?”<sup>82</sup> E casou-se. Eles se mudam para uma casa que, aos seus olhos, era perfeita. Mas que era igual à casa de todas as pessoas da mesma classe social. Foram muito felizes no começo da vida conjugal, mas a chegada dos filhos atrapalhou um pouco a vida tranquila e decente do casal. Marido e mulher já não se entendiam mais, não concordavam em nada e brigavam sempre. A única coisa que a esposa ainda respeitava era o seu cargo e sua posição social, então Ivan passa a viver cada vez menos tempo em casa e no convívio da família – e cada vez mais tempo no trabalho. Infeliz em casa e feliz na carreira, ele foca toda a sua energia no mundo

---

80 Tolstói, 2009, p. 18.

81 Ibidem, p. 21

82 Ibidem, p. 23.

burocrático e, como recompensa, é promovido a suplente de promotor e, depois de alguns anos, é promovido de novo e se torna promotor, mas esse encargo é em uma nova província e eles se mudam de novo.

A vida em família se torna insuportável nessa nova província. O custo de vida mais caro, a esposa não gosta da nova casa, a situação piora ainda mais com a morte de três filhos, restando dois: Lisanka, então com 16 anos e o pequeno colegial Vassíli Ivánovitch. A educação deles era motivo constante de brigas entre o casal. E para fugir dos problemas de casa Ivan se lança novamente na vida burocrática, mas dessa vez a recompensa em forma de promoção não vinha. Para manter-se no seio da alta sociedade ele contrai muitas dívidas, se sente infeliz e frustrado, mas, em público, comporta-se sempre como esperado. Fazia tudo sem aborrecimento e sem prazer. Vivia como todas as outras pessoas de sua classe social viviam. Cumpria todos os seus deveres de promotor e era hábil em deixar de fora a opinião pessoal sobre o caso, mantendo separada a vida pessoal da profissional.

Assim vivia Ivan Ilitch no ano de 1880: endividado, infeliz e frustrado. No verão desse ano vai com a família para a casa de campo do cunhado, a fim de poupar dinheiro. Lá todos os sentimentos ruins que ele vinha sentindo se agravam, frustrado, sufocado, sentia que não poderia mais viver aquela vida e toma uma decisão: ir a São Petersburgo para conseguir um novo emprego, qualquer que fosse desde que pagasse cinco mil rublos. A viagem teve muito sucesso, já no trem recebera a notícia de um cargo vago, ao chegar à cidade ele acerta os detalhes, o novo emprego seria no ministério da justiça, onde já trabalhava, mas subiria duas classes e se tornaria superior aqueles que antes haviam lhe recusado as promoções. Isso deixara Ivan muito feliz.

Pela primeira vez em anos, marido e mulher conseguem ser felizes, concordar e fazer planos juntos. A mudança de província seria muito boa para a família. Ele vai à frente para preparar o lar para os seus. Consegue uma casa perfeita para as necessidades da família e cuida pessoalmente de todos os detalhes: a reforma do imóvel, a decoração, a encomenda dos móveis. Ele foca todo o seu esforço nessa tarefa, até que um dia:

De uma certa feita, subiu numa escadinha, a fim de mostrar ao forrador de paredes, que não o estava compreendendo, como ele queria o serviço, tropeçou e caiu, mas sendo forte e ágil, conseguiu segurar-se e chocou-se apenas de lado com o ressalto de uma moldura. O machucado lhe doeu, mas a dor passou logo.<sup>83</sup>

Ivan Ilitch não sabia, mas esse acontecimento mudaria tudo em sua vida. A vida que ele

---

83 Ibidem, p. 31

levava até aquele momento fora completamente impessoal, ele vivera exatamente como esperavam que ele vivesse. Sempre buscando aprovação das pessoas altamente colocadas, casou-se porque as pessoas se casam, teve filhos porque se tem filhos, jogava uíste, pois era o que se fazia para diversão, agia sempre sem surpresa, vivia um dia igual ao outro, tinha o seu ser tomado pelos outros. Ele era Ivan Ilitch, mas a história de sua vida até esse dia era exatamente igual à vida de tantos outros russos que viveram nos anos 1880. Ele viveu mais momentos impessoalmente, a mudança da família, a casa que era como todas as outras casas, os jantares, festas que davam e que eram exatamente como todos os outros jantares e festas que todas as outras pessoas de sua classe davam. Mas ele começou a notar os traços da hipocrisia e da impessoalidade de sua vida.

Desde que se mudou para a nova província a vida da família Golovin torna-se muito tranquila e até feliz. Eles recebem os amigos da alta sociedade para jantares e bailes. Nessas reuniões surge um bom partido para a filha, era Fiódor Pietrischtchov, herdeiro e jovem juiz de instrução. Ivan e Prascóvia ficam animados com a possibilidade de casar a filha com um rapaz tão promissor. Quando a família não estava em eventos sociais, comiam juntos, nessas ocasiões Ivan perguntava sobre a vida dos filhos, conversava com a esposa sobre alguma providência da casa que precisava ser tomada, todos estavam em harmonia.

Ivan seguia sua rotina rigorosamente: acordava as nove, tomava café, lia as notícias, vestia o uniforme e seguia para o tribunal. Lá chegando colocava a toga de juiz e, com ela, o personagem: excluía tudo de sua vida pessoal, suas opiniões políticas, limpava a cabeça, pois disso dependia o andamento dos processos de que tratava. Nessas ocasiões ele só poderia tratar de coisas que pudessem ser expressas em papel timbrado, não era a pessoa Ivan Ilitch, igual a todos, era ali o promotor Ivan Ilitch e tinha em suas mãos o poder e o dever de julgar as pessoas – e os casos. Ele sabia bem separar a vida privada da vida profissional, por isso era considerado brilhante em suas funções. Ao fim do turno, voltava para o lar, conversava com a família, às vezes, à noite ia jogar uíste, beber um pouco e conversar com os amigos juristas. Dormia e recomeçava mais um dia, exatamente igual ao anterior.

### **2.3) O surgimento da doença e a ruptura da vida impessoal de Ivan**

Tudo ia bem, até que Ivan é acometido por um gosto ruim na boca que não passava, e isso gerava nele um enorme mau humor. Tudo piorava na hora de comer e ele começava a brigar com a família, algo estava errado na casa, algo quebrara ou rasgara ou estava fora do lugar; o filho tinha algum problema na escola, a filha era descuidada. Ele sempre tinha alguma crítica a fazer e sempre fazia à mesa. A esposa e os filhos passaram a jantar mais rápido na tentativa de diminuir o convívio

com o ranzinza Ivan Ilitch. As brigas retornam ao lar, tão frequentes quanto antes. A esposa colocava nele toda a culpa pela infelicidade de todos. Ela sugere que ele esteja doente e que fosse procurar um médico.

Ele vai ao primeiro médico e lá percebe que a sua situação não é boa. O diagnóstico fora impreciso, pediram-lhe mais exames, passaram-lhe alguns remédios e uma dieta, com a promessa de que cumprindo bem as recomendações tudo ficaria bem. Mas Ivan pode sentir que isso não era verdade, que a doença era mais grave que o médico estava lhe falando e imediatamente se sente mais triste, sente o mundo inteiro à sua volta mais triste. Tenta se comunicar com a família, contando de suas preocupações com a saúde, mas a esposa e a filha não estão interessadas em ouvir os seus lamentos. Ivan olhava para o seu futuro e só via a morte, elas olhavam para o futuro e só viam vida: a filha estava quase noiva e as duas só conseguiam pensar em todas as coisas maravilhosas que vinham junto dessa promessa de casamento.

Ivan segue a mesma rotina: acordar às nove, ler as notícias, ir trabalhar, jogar uíste, dormir, recomeçar, mas acrescentara os remédios, a dieta, o medo de não se recuperar e morrer. Sentia-se sozinho, ninguém parecia entender a sua situação, nem os médicos queriam ouvi-lo. É então que ele se dá conta de sua marcha inexorável em direção à morte. Ele começa a pensar em sua vida e em seu inescapável destino.

#### **2.4) Os discursos sobre o ser para a morte: a falação e a fala**

Veremos neste subcapítulo os diversos discursos que as pessoas que cercam Ivan Ilitch tecem acerca da morte. Alguns desses discursos encaram-na como um acontecimento impessoal, e são falação: encobrem o fenômeno e, apesar de falarem muito sobre ele, nada sabem. O outro tipo de discurso é a fala. À medida que a doença vai piorando, Ivan se vê forçado a olhar a morte de frente, a encarar que esse fenômeno está prestes a acontecer para ele e que é urgente entendê-lo; esse é o discurso da fala autêntica que desvela o fenômeno e nos permite conhecê-lo. Dividiremos esta subseção em a) os discursos da falação – Prascóvia, os médicos e as mentiras; e b) os discursos da fala – Guerássim.

##### **a) os discursos da falação**

###### **Prascóvia:**

“Quanto mais se compadecia de si, mais odiava o marido. Passou a desejar que ele morresse, mas não podia desejá-lo, pois, se isto acontecesse, não haveria mais ordenado. E isto espicava-a contra ele ainda mais. Ela



considerava-se terrivelmente infeliz justamente porque mesmo a morte dele não poderia salvá-la.”<sup>84</sup>

Prascóvia culpava o marido pela situação que estavam vivendo e não se compadecia dele, sempre ocupada em julgá-lo. Quando Ivan adoece, é a primeira a se distanciar. Ele tentava conversar com ela sobre as suas dores e ela fingia que prestava atenção, apressada em terminar logo com esse tipo de conversação, para retornar à vida em sociedade, leve, agradável e decente, longe das manias hipocondríacas do marido. Quando ela pensava na possibilidade da morte do marido, tratava o assunto com um viés pragmático: quais seriam as consequências para a sua vida se ele morresse? Ela teria menos dinheiro, ficaria mais endividada e teria que criar sozinha os filhos, mas não teria mais que conviver com o marido. Ao fazer as contas percebia que aquela morte – apesar da benesse de não ter mais o marido por perto – não a ajudaria em nada e, por isso, ela se ressentia ainda mais de Ivan. Sentia-se infeliz por ter que conviver com ele, com os seus caprichos e estresse em troca de nada, já que nem a morte dele lhe traria paz.

A relação dela com ele e com sua doença é sempre a mesma (...) Ivan Ilitch sempre deixava de fazer algo que era necessário, ele mesmo era o culpado, e ela censurava-lhe isto amorosamente. E elaborando esse tipo de relação, ela já não podia mais desfazer-se dele.

– Mas ele não obedece! Não toma o remédio na hora. E, sobretudo, deita-se numa posição que certamente lhe faz mal: as pernas para cima.<sup>85</sup>

Prascóvia, depois que o marido adoece, cria uma relação com ele em que, não importa o que aconteça, a culpa recai sobre ele: não tomou o remédio na hora certa, importuna Guerrásim para manter a perna para cima, passa horas na casa dos amigos jogando uíste e esquece-se de se cuidar. Mas o erro mais grave de Ivan era ter ficado doente, pois, do ponto de vista dela, ele impôs um peso enorme em toda a família, deixando todos preocupados e expostos aos seus ataques, suas lamúrias, suas dores e sofrimentos. E ela não o perdoava por isso. Durante o tratamento de Ivan, ela sempre deixava claro para ele em tudo “faço isso por mim mesma”<sup>86</sup>, tudo que ela fazia para ajudá-lo fazia com a intenção de se beneficiar, se o ajudava com os remédios, o fazia porque sem dores ele reclamaria menos e não a incomodaria, se chamava outro médico famoso para uma consulta, e com isso gastava ainda mais o dinheiro da família, deixava claro que era um favor que fazia ao marido.

Não vemos no livro Prascóvia questionar se ela também morreria. Ela aborda o assunto como se a sua vida estivesse assegurada e apenas a de Ivan corresse risco. O marido era um fraco e

---

84 Ibidem, p. 36-37

85 - Ibidem, p. 61

86 Ibidem, p. 61

ficara doente, ela não cometeria o mesmo erro. Os seus discursos sobre a morte de Ivan Ilitch são sempre “coitada de mim, tive que aguentar os sofrimentos dele, os gritos de dores, não sei como suportei”. Ignorando o sofrimento dele e só focando nos inconvenientes que ele lhe causava. Mesmo diante da iminência da morte, ela cria um discurso para si que a protegia de pensar que a morte também viria para ela, que encobria a radicalidade da morte, pensando que Ivan estava morrendo, mas a culpa era dele que ficara doente, a sua saúde estava boa e ela continuaria vivendo, acreditava plenamente nisso.

### **Os discursos dos médicos:**

O doutor dizia: isto e mais aquilo indicam que o senhor tem no seu interior isto e mais aquilo... Somente uma questão tinha importância para Ivan Ilitch: a sua condição representava perigo? Mas o doutor não dava importância a esta questão inconveniente. Do seu ponto de vista ela era ociosa e não merecia exame; existia somente uma avaliação de possibilidades entre o rim móvel, o catarro crônico e uma afecção no ceco. Não se tratava da morte de Ivan Ilitch, o que existia era uma discussão entre o rim móvel e a afecção no ceco.<sup>87</sup>

Ivan Ilitch ao procurar o primeiro médico percebe algo em comum entre a profissão de médico e a de juiz: ambos vestem um personagem doutoral e bastante artificial, criam uma distância com o interlocutor, nada de pessoalidade, só podem falar sobre coisas que possam ir para o papel timbrado, fazem perguntas e esperam respostas previamente formuladas e principalmente só estão interessados em cumprir bem a função de “julgar” a situação e emitir um veredito. Tratando o interlocutor não como um ser humano único e especial, mas como mais um caso. A palavra de ordem, tanto para o juiz quanto para o médico, é objetividade.

Os médicos lidam com o corpo doente como seu instrumento de trabalho. Eles auscultam o coração, fazem perguntas e examinam o paciente, apresentam algumas hipóteses a serem confirmadas ou descartadas de acordo com a resposta à medicação, a dieta e aos resultados dos exames. Mas para eles a morte é uma questão inconveniente e ociosa<sup>88</sup>, eles oferecem fórmulas para ajudar a restaurar a saúde e assegurar a vida do paciente, indicando que o dever deste é apenas seguir bem as instruções e que tudo dará certo.

Ao fim da primeira consulta, o doutor decide que o problema de Ivan Ilitch era o ceco. Ivan pergunta da gravidade de sua situação, o médico ignora a preocupação dele, respondendo que já lhe dissera tudo o que considerava importante, que essas questões estavam fora dos limites da consulta

---

<sup>87</sup> Ibidem, p. 37

<sup>88</sup> Ibidem, p. 37

e saberiam mais com o tempo. Para o médico a questão da vida e da morte de Ivan era indiferente, ele era apenas um de seus pacientes.

Os meses se passaram desde a primeira ida ao médico e a saúde de Ivan piorara muito. A dor não diminuía, e piorava de modo que a cada consulta sentia que a piora tinha sido enorme. Cada vez que saía de um consultório ficava com mais medo, pois os médicos divergiam nos diagnósticos. E a dor crescia e era tão constante quanto o gosto ruim na boca, ele sentia que o seu hálito estava asqueroso, já não tinha apetite, nem forças. Sabia que algo terrível estava acontecendo. Mas os médicos continuavam com a mesma atitude do primeiro, completamente indiferentes ao seu sofrimento, tentando apenas fazer o seu trabalho: fornecer o diagnóstico e o tratamento corretos.

Todos os discursos são variações do mesmo, até que um dia, em que Ivan estava extremamente desesperado, ele vai a um médico que lhe diz algo diferente: “Havia uma coisinha, uma insignificância no ceco. Tudo isso podia se resolver. Reforçar a energia de um órgão, enfraquecer a atividade de outro, terá lugar uma reabsorção e tudo se restabelecerá.”<sup>89</sup> Passar a energia de um órgão para outro isso ele podia fazer. Saiu de lá confiante, participou alegremente do jantar e das conversações com a família e amigos, coisa que não fazia há tempos. Quando ficou sozinho, deitou-se para ler um romance enquanto imaginava que a cura estava sendo operada, se concentrou em mudar a energia de um órgão para outro, acreditou por um momento que a ordem e a saúde estavam se reestabelecendo em seu corpo, até que a dor, sua conhecida, volta com força. Ele se sentiu mais uma vez enganado pelo médico, sentiu que o médico não se importava com a sua dor.

O tempo passa, e Ivan só piora. Nenhum tratamento faz efeito. Ele sabe que a única coisa que o espera é a morte, já não é mais possível sentir esperança. Mas os médicos continuam fingindo e agindo como se tudo pudesse melhorar: “fresco, animado, gordo, alegre com uma expressão de quem diz: vocês aí se assustaram, mas num instante vamos dar um jeito em tudo. O médico sabe que esta expressão não serve ali, mas ele vestiu-a para sempre e já não pode tirá-la”.<sup>90</sup> Acostumado a vestir o personagem que aparece e resolve a situação, mesmo diante da deterioração da saúde de seu paciente, o médico mantém a mesma pose de que tinha tudo sob controle, mesmo sabendo que não tinha. Ivan Ilitch sentia que tudo era um grande teatro, os mesmos exames, auscultações, o pulso, a temperatura, as perguntas, tudo sempre igual e completamente inútil. De que adianta falar sobre o rim ou sobre o ceco, Ivan queria mesmo era falar sobre a única questão possível e real: a morte. Mas disso ninguém queria falar, todos evitavam o assunto, prometendo falsas melhoras que a essa altura era claro para todos que não aconteceriam. A única coisa que o médico podia fazer nesse

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 45

<sup>90</sup> - Ibidem, p. 59-60

momento era receitar mais ópio para que Ivan pudesse ter um pouco de conforto, e o fez.

Os médicos em todo o tratamento da doença de Ivan se esquivavam do assunto da morte, tentando descobrir objetivamente qual era o problema e como resolver, divergiam e em cada nova opinião Ivan tinha um pouco de esperança, mas assim que a dor voltava o desespero voltava. Os discursos dos médicos eram sempre de que era possível solucionar o problema. Mesmo quando todos viam que não era, continuavam repetindo a mesma fala sobre o ceco ou sobre o rim, não diziam nada nem sobre a vida nem sobre a morte de Ivan Ilitch, eram artificiais e vazios.

### **O discurso impessoal revelado na falação**

O sofrimento maior de Ivan Ilitch provinha da mentira, aquela mentira por algum motivo aceita por todos, no sentido de que ele estava apenas doente e não moribundo, e que só devia ficar tranquilo e tratar-se, para que sucedesse algo muito bom. Mas ele sabia que, por mais coisas que fizessem nada resultaria disso, além de sofrimentos ainda mais penosos e a morte.

Tudo o que Ivan mais queria era poder realmente conversar com alguém sobre o fato de que estava morrendo. Ele sabia que estava, todos ao seu redor também o sabiam, mas negavam. E isso doía tanto quanto a sua dor física. Ele sentia que ninguém se importava com ele, com a sua morte. Ele sentia que estava atrapalhando a família, que estava segurando inutilmente um cargo no tribunal, que a sua vida já estava acabada e ninguém ligava o suficiente para ter uma conversa honesta com ele, nem a família, nem os amigos e muito menos os médicos. Na tentativa de tranquilizá-lo, diziam que ele melhoraria, mas com isso apenas aumentavam o seu sofrimento.

Quando o cunhado vai visitá-los, por ocasião das festas de fim de ano, ele olha para Ivan Ilitch e, nesse segundo que durou o olhar, que durou o silêncio, Ivan pôde descobrir o que todos pensavam. Estava diferente, estava morrendo. Mas mesmo que o cunhado o tenha revelado na expressão de surpresa e de choque em seu olhar, ele se recusou a falar com palavras. Ivan tentou, perguntou, ele queria ouvir, mas mesmo diante de suas tentativas o cunhado calou-se. Mais tarde, Ivan Ilitch ouve atrás da porta a conversa entre a esposa e o cunhado:

“– Não, você exagera – dizia Prascóvia Fiódorovna.

– Como assim: exagero? Você não vê, mas ele é um homem morto, veja os seus olhos. Não tem luz.”<sup>91</sup>

A questão da falação não é que não se fale, pense, crie opiniões sobre determinado assunto, a questão é que falação fala muito sobre um assunto, mas é uma fala irrefletida e por isso superficial. É um tipo de fala que fecha a compreensão do objeto de que se fala, pois não é se falando muito da

---

<sup>91</sup> - Idem, p. 44-45

coisa que se compreende. E o discurso do impessoal se funda na falação, nessa fala que fala muito e não diz nada. Todos estavam falando acerca da morte de Ivan Ilitch, mas não com ele, por isso ele tem a sensação de que ninguém está falando disso. Era um assunto recorrente. A esposa e a filha falavam sobre a doença de Ivan e como se sentiam injustiçadas por estarem passando por isso. Os médicos falam o tempo todo da doença, mas de modo objetivo, buscando uma cura para a doença. Os amigos falavam da doença, mas ao fundo o que queriam saber era quando abriria a vaga no tribunal. Todos falavam sobre o assunto, mas com uma abordagem impessoal.

Nos discursos acerca da morte que lemos no conto, não vemos os personagens questionando a possibilidade de “se Ivan é mortal, eu também sou” e nas consequências de ser mortal. Vemo-las pensando e falando da morte sob um viés prático das consequências que decorreriam dessa morte para a vida de cada um. Pensavam e falavam sobre a morte, mas não compreendiam o que estava acontecendo com Ivan. Não se abriam para ter uma conversa com ele e perguntar o que ele estava sentindo, e quando perguntavam se referiam apenas às dores do corpo. Não era essa a conversa que Ivan queria ter. No geral as pessoas que o cercavam não se abriam para outro tipo de fala, um que abre o mundo e desvela o ser para a compreensão dele, queriam manter as conversas no âmbito do impessoal, queriam afastar a morte e a doença da cabeça tão logo deixavam a sala em que estava Ivan Ilitch. Já ele queria ter uma conversa existencial, em que pudesse se abrir e questionar o que aconteceria depois da morte, ou sobre a vida que vivera até aquele momento, uma conversa em que pudesse ser sincero, chorar e, sobretudo ser consolado. Para Ivan nada do impessoal bastava, ocupava ou consolava mais, ele ansiava por algo mais sincero e autêntico.

Havia instantes, depois de prolongados sofrimentos, em que Ivan Ilitch queria mais que tudo, por mais que se envergonhasse de confessá-lo, que alguém se apiedasse dele como de uma criança doente. Queria ser acarinhado, beijado, que chorassem sobre ele, como se costuma acarinhar e consolar crianças. Ele sabia que era um juiz importante, que em parte já tinha uma barba grisalha, e que por isto seria impossível; mas, assim mesmo, queria.<sup>92</sup>

Ivan estava sofrendo muito, sentia dores incessantes, e por vezes acreditava que a sua única companhia era a dor e a morte que parecia estar sempre por perto. Ele queria não se sentir tão solitário, ele queria que alguém tivesse uma conversa com ele sobre o que estava acontecendo, ele queria poder chorar e ser consolado. Estava com medo, estava com dor, e precisava passar por tudo isso sozinho. Ele passara grande parte da vida separando a vida familiar da vida prática, fugindo dos problemas de um e se lançando no outro. No tribunal seu dever era se distanciar o máximo possível das pessoas e travar com elas a relação mais distante que conseguisse e nesse momento de sua vida

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 57

gostaria de ter proximidade com as outras pessoas e não podia. Os outros não compreendiam o que ele estava passando e nem se abriam para compreender. Todas as outras pessoas ainda estavam vivendo impessoalmente, seguindo suas rotinas de trabalho, de estudo, de cuidar da casa e dos filhos, de ir à ópera e jogar uíste. Mesmo convivendo com Ivan e visitando-o em seu mundo de moribundo, os outros tão logo se distanciavam dele voltavam às suas atividades cotidianas.

Cotidianamente as pessoas criam discursos sobre a morte que mais encobrem a morte do que a revelam. E um dos discursos sobre a morte é dizer ao moribundo que ele escapará da morte e em breve estará reestabelecido e de volta às suas atividades<sup>93</sup>. As pessoas próximas não fazem isso com a intenção de enganar o moribundo e sim a com a intenção de tranquilizá-lo e também de tranquilizar a si mesmas e não se permitem pensar excessivamente no assunto, pois assim falando eles acreditam afastar a morte, deixando para pensar nela no dia seguinte. Mesmo em face da morte de alguém próximo, as pessoas tentam mascará-la numa tentativa de destituí-la de seu caráter real e inexorável, pois encarar isso é assustador demais.

Esse é o discurso impessoal sobre a morte. Que “percebe a morte dos outros como um desgosto e até mesmo como uma falta de tato social contra o que o público deve precaver-se”<sup>94</sup>. Vimos esse discurso no proêmio, por exemplo, em que as pessoas que estavam no velório de Ivan sentiam aquilo como um incômodo, pois a morte de Ivan mudara-lhes a rotina, ainda que por algumas horas – para os que conviveram com ele mudara consideravelmente a vida cotidiana ter que lidar com um moribundo, ouvir os seus gritos de dores, era considerado um enorme desgosto para quem o cercava. Viam a doença e a morte de Ivan como um aborrecimento, uma indelicadeza e uma falta de classe, pois atrapalhava a vida de todos que o cercavam. “Todos os circunstantes rebaixavam o ato terrível, horroroso de sua morte, ele via bem, ao nível de um acaso desagradável, quase uma inconveniência”<sup>95</sup>. E não se preocupavam em disfarçar isso. Ele se sentia um incômodo, sentia que a sua doença não só envenenava a sua vida como também envenenava a vida de todos a sua volta. O impessoal interpreta a morte como um grande inconveniente, como algo que interrompe a vida, nos dois sentidos, o da perda da vida biológica, experimentado por quem morre, e numa interrupção da vida cotidiana, do fluxo da rotina, experimentado por quem fica vivo.

“No âmbito público, ‘pensar na morte’ já é considerado um medo covarde, uma insegurança da presença e uma fuga sinistra do mundo. O impessoal não permite a angústia com a morte.”<sup>96</sup> No impessoal acredita-se que pensar na morte é uma fraqueza – coisa de quem está doente ou mal da

---

<sup>93</sup> - Heidegger, 2013,p 329

<sup>94</sup> Ibidem.p. 330

<sup>95</sup> Tolstói, 2009,p. 56

<sup>96</sup> Heidegger, 2013, p. 330

cabeça, gente feliz não deve pensar nesse assunto – e encorajam que não se dê muita atenção a esse tipo de pensamento, dizendo que é um medo e uma insegurança à toa, que se deve pensar na vida, na rotina, nas ocupações. Isso porque interpreta-se a morte apenas como a perda da vida biológica, pensando que ela só acontece no fim da vida e desconsiderando que ela pode acontecer a qualquer momento, e que na vida estamos vivendo diferentes tipos de fim todos os dias. Cotidianamente fala-se muito sobre a morte, mas pouco se compreende.

## **B) Os discursos da fala - Guérassim**

A doença de Ivan se agrava de tal modo que ele sequer consegue ir ao banheiro sozinho. Já não tinha forças para se sentar no vaso e nem para se limpar. Sentia-se terrivelmente humilhado e inútil por não conseguir cumprir uma tarefa que outrora fora tão simples. Mas dessa parte tão ignóbil de sua vida surge um consolo, pois o encarregado da tarefa era o mujique Guérássim.

– Guérássim – disse debilmente Ivan Ilitch.

Guérássim estremeceu, provavelmente assustado de ter cometido algum engano, e, com um movimento rápido, voltou para o doente o seu rosto fresco, bondoso, singelo, jovem, em que a barba mal despontava.

– O que deseja?

– Isto é desagradável para você, penso eu. Desculpe. Eu não posso.

– Imagine! – Guérássim fez cintilar os olhos e arreganhou os dentes jovens e brancos. – Por que não me esforçar? O seu caso é de doença.<sup>97</sup>

A citação acima mostra o primeiro contato (que aparece no livro) entre os dois. Ivan está sentado no vaso, incapaz de levantar-se, horrorizado com a própria situação. Nesse momento aparece o mujique para ajudá-lo. Ivan se desculpa por colocá-lo naquela posição desagradável, dizendo-lhe que realmente não conseguiria sozinho. “– Por que não me esforçar? O seu caso é de doença”. Em um mar de desespero e impessoalidade, em um momento em que Ivan está completamente frágil e vulnerável, aparece finalmente uma fala honesta. O mujique, ao reconhecer a doença de Ivan, ganha a confiança do patrão. A partir desse momento eles passam a ter uma relação muito próxima.

Ivan sentia-se muito bem junto dele, gostava da companhia, conversavam muito e, durante a noite, o mujique mantinha as pernas de Ivan sob os seus ombros, pois nessa posição o juiz pensava

---

<sup>97</sup> Tolstói, 2009, p. 53 - 54



sentir menos dor, ou só queria ter alguém por perto para não se sentir tão solitário. O que era certo é que a companhia o acalmava. Todas as outras pessoas agiam como se a sua situação não fosse grave, falavam que ele melhoraria e censuravam-lhe diante do agravamento de sua doença, como se ele tivesse culpa por estar morrendo, mas o mujique o trata diferentemente desde a sua primeira aparição no livro até a última. Ele sempre fala a verdade para Ivan e não esconde a gravidade de sua condição.

Guéráássim era o único a compreendê-la (a sua situação) e a compadecer-se dele. E por isso Ivan Ilitch sentia-se bem unicamente na presença de Gueráássim. Sentia-se bem quando Gueráássim segurava-lhe os pés, às vezes noites a fio, e recusava-se a ir dormir, dizendo: 'Faça o favor de não se inquietar, Ivan Ilitch, eu vou ter tempo de dormir'; ou então quando ele, passando ao tu, acrescentava: ainda se não fosses doente, mas do jeito como estás, por que não ajudar um pouco? Gueráássim era o único a não mentir, tudo indicava que era também o único a compreender do que se tratava, e que não considerava necessário escondê-lo e simplesmente tinha pena do patrão, fraco, em vias de se acabar. De uma feita, até disse francamente, quando Ivan Ilitch o mandava embora:

– Todos vamos morrer. Por que então não me esforçar um pouco?<sup>98</sup>

Em russo, existem dois pronomes de tratamento para a segunda pessoa do singular *ты* (ТЫ) e *ты* (ВЫ), em que a primeira é formal e expressa a distinção social (entre senhor e servo, por exemplo) e a segunda é informal, usada apenas para pessoas próximas. O fato de Gueráássim poder se referir a Ivan Ilitch usando o tu indica que a relação entre os dois já não era mais apenas de patrão e empregado e sim de amizade. O que diferenciava Gueráássim das outras pessoas que cercavam Ivan era o fato de que este não mentia, falava sempre com a simplicidade de um camponês. Falava das coisas usando o nome que elas tinham e não tentava suavizar o significado delas mentindo, ou usando palavras mais brandas. Ao falar da doença como doença, e chamá-la pelo nome próprio, Gueráássim se abre para a compreensão desse ente, a doença. Enquanto as outras pessoas falavam dela como uma situação, um problema e inventavam mil maneiras de falar sobre a doença sem chamá-la pelo seu nome, não conseguiam compreender o fenômeno, pois não se abriam para a compreensão. O mujique compreendia que Ivan não seria o único que iria morrer, compreendia que ele também morreria. E dava atenção ao patrão, pois ele tinha a esperança de que quando sua hora chegasse alguém cuidaria dele, assim como ele estava cuidando de Ivan. Entendia que a finitude da vida de Ivan não era a única em jogo, sabia que a relação entre eles acabaria, que o seu trabalho noturno cuidando de Ivan acabaria, sabia que a noite acabaria e que tudo o que começa termina, não só a vida.

---

<sup>98</sup> Ibidem, p. 56



A fala de Guerássim é a fala que desvela o ente e o abre para a compreensibilidade. O nome é a via de acesso que temos ao ser, e por isso as outras pessoas não conseguiam compreender a situação de Ivan, pois sequer conseguiam encará-la e chamá-la pelo próprio nome. Não compreendendo, não conseguiam ajudar e confortar Ivan Ilitch, não sabiam de que ele tinha medo. Falando sempre que ele melhoraria, velavam para ele e para si a compreensão do fenômeno do ser para a morte. Não é necessário que se fale muito sobre uma coisa para compreendê-la, os diálogos entre Ivan e o mujique são simples, objetivos e as respostas de Guerássim são curtas, mas são nessas conversas que o mundo se abre para eles.

Heidegger define empatia como a construção ontológica de uma ponte entre duas pessoas<sup>99</sup>. O juiz de instrução, mesmo querendo um abraço, ao receber uma visita veste a máscara de um rosto severo e sério e se fecha para o outro, corroborando a mentira dita continuamente pelos outros de que tudo vai ficar bem. Embora ele queira uma relação mais próxima com alguém, por hábito e inércia, não se permite. Já Guerássim, talvez por presenciar os seus momentos mais humilhantes, consegue transpor as barreiras criadas pela impessoalidade e cria uma ponte de comunicação com Ivan. Sente empatia por ele, sabe que aquela situação não foi escolha dele, e que todo mundo está sujeito a viver algo parecido. Compadece-se de Ivan, não por este ser o seu patrão, mas por ter respeito e pena. Cuida dele, o mantém limpo e sustenta as suas pernas durante a noite, mas, sobretudo oferece companhia e uma conversa honesta, tudo o que Ivan precisava nesse momento de sua vida. Guerássim, em sua simplicidade, sabia que também morreria, era o único que não falava impessoalmente, que chamava a morte de morte e, com isso, ajudou Ivan a compreender o que ele já sabia. Estava morrendo.

Não à toa a fala que abre o mundo para a compreensibilidade está justamente na boca do mujique, da pessoa mais simples que aparece no conto. Tolstói era um grande crítico da sociedade burguesa que o cercava e achava o modo de vida simples do campesinato muito mais autêntico que a vida impessoal que os burgueses viviam. Depois de concluir o romance *Anna Kariênina*, ele foca todas as suas energias em escrever cartilhas de alfabetização e abrir escolas para camponeses, pois a seu ver não fazia o menor sentido escrever romances longos, com temáticas burguesas aos quais apenas uma parcela muito pequena dos russos teria acesso. Ele gostaria que todos pudessem ler os seus romances. A última frase do romance é escrita em 1877 e ele só volta a escrever e publicar literatura em 1886, ano de publicação do conto em questão. Nesse meio tempo, ele trabalha na educação, formação e libertação dos camponeses e funda, com Tcherkóv, uma editora popular, que publica os seus textos a um preço acessível aos seus novos leitores. Com o passar dos anos o

---

<sup>99</sup> Heidegger, 2013. P. 181

próprio Tolstói abandona, gradativamente, os seus hábitos de dono de terras e vive mais como um camponês, abre mão da sua fortuna – em favor da esposa e dos filhos – lavra a terra, costura os próprios sapatos, abandona o tabaco, a caça e o consumo de carne. Assim, ao colocar a mentira, a vulgaridade e a impessoalidade como marcas do caráter da burguesia, e a empatia, a solidariedade na boca do campesinato, Tolstói deixa a sua forte crítica social ao modo de vida da sociedade russa de sua época.

## **2.5) O ser para a morte de Ivan Ilitch e os seus discursos sobre a morte**

Até agora vimos como a família, amigos e servos de Ivan Ilitch encararam a sua doença e morte. Neste subcapítulo veremos o ponto de vista de Ivan, a passagem do seu discurso de falação para a fala, o seu processo de compreensão do que estava acontecendo com ele. Acompanharemos o seu percurso desde o surgimento da doença até o seu último suspiro, construindo um panorama do ser para a morte de Ivan Ilitch.

Cuidando dos preparativos da casa nova, ao pendurar uma cortina, Ivan Ilitch caiu e bateu com as costelas na moldura de uma janela. Ele sentiu um pouco de dor, mas acreditou que ela passaria logo, não imaginou que tivesse sido sério. Algum tempo se passa e ele começa a sentir um gosto ruim na boca, uma sensação desagradável no lado esquerdo do estômago<sup>100</sup> e um crescente mau humor, que aparecia principalmente nas horas das refeições. Disso decorrem muitas brigas com a família e a esposa percebe que deve ser um problema de saúde, sugere que ele vá ao médico. Lá o médico fica em dúvida se o que está causando problema é o ceco ou o rim, decidindo em favor do ceco. Ivan concluiu da consulta que a sua saúde não estava nada bem:

Estou muito mal ou, por enquanto, não é grave? (...) E essa dor, uma dor surda, abafada, que não cessava um segundo sequer, parecia receber, em consequência das palavras imprecisas do médico um significado novo, mais sério. Ivan Ilitch prestava agora atenção a ela com um sentimento penoso diferente.<sup>101</sup>

Ivan Ilitch, como um bom juiz, consegue rapidamente julgar a situação observando a atuação do médico, prestando atenção no que estava não dito em tudo o que ele dizia. Reconheceu os seus gestos no tribunal sendo feitos pelo médico, estava ao mesmo tempo julgando e sendo julgado. E percebe que, embora o médico não tenha lhe dito, a sua saúde estava comprometida. Ao sair da consulta ele presta mais atenção na sua dor, antes quase não pensava nela e agora percebe que é uma dor surda, abafada, que não cessa. Começa a pensar na seriedade de sua condição. Toma todos os remédios e segue as prescrições gerais do médico, com a esperança de que o seu

---

<sup>100</sup> Tolstói, 2009, p. 36

<sup>101</sup> Ibidem, p. 38,39.

prognóstico estivesse errado.

Ivan passa a desenvolver uma curiosidade enorme a respeito da morte. Presta exagerada atenção em tudo o que fosse referente ao tema: se ouvia algum caso de doença, de cura e de morte ele fazia perguntas e ao fim da conversa comparava o caso com o seu, criando esperança ou desesperança, dependendo do ocorrido na história que ouvira. Em seguida, transferiu essa curiosidade para os diagnósticos do próprio caso: visitando muitos médicos, ouvindo muitas classificações diferentes para a sua doença, sendo aconselhado a seguir diferentes tratamentos. Chegou a ir a um médico homeopata e começou a tomar os remédios por ele indicados. Não notando nenhuma melhora, desiste desse método. Tantos tratamentos e médicos para nada, a dor não melhorava, ao contrário – piorava, junto com o mau hálito, o gosto ruim na boca, a fraqueza e a falta de apetite. Nada parecia ajudá-lo e ele começava a se desesperar. Desconfiava que algo terrível estava acontecendo. Queria dividir isso com alguém, mas não tinha com quem, todos à sua volta pareciam ignorar sua situação. Sentia-se triste, tentava conversar com a família, mas a esposa e a filha o tratavam com frieza, não queriam ser sugadas pelo seu pessimismo.

No tribunal começava a sentir que o tratavam com indiferença, faziam troça de sua hipocondria, sentia que todos o olhavam como alguém que em breve deixaria uma vaga. Irritava-se com a vitalidade dos colegas, com o ar *comme il faut* que todos os outros tinham e que ele perdera. Destoava da harmonia e decência geral, não sentia que pertencia mais àquele mundo. Nem o jogo com os amigos o alegrava – tornara-se incapaz de sentir prazer se tinha uma boa mão, tampouco se abalava se tinha um jogo ruim. Tudo o que sentia era a dor, era só nisso que pensava, todo o resto lhe era indiferente.

E era preciso ir para a cama com a consciência disso, acrescida da dor física e de horror, e frequentemente passar sem dormir a maior parte da noite, devido à dor. E de manhã, era preciso levantar-se de novo, vestir-se, ir para o tribunal, falar, escrever, ou então permanecer em casa, com as mesmas vinte e quatro horas de um dia, cada uma das quais era uma tortura. E sozinho tinha que viver assim à beira da perdição, sem nenhuma pessoa que o compreendesse e se apiedasse dele.<sup>102</sup>

Ivan já não podia viver no modo impessoal. Esse modo de vida se revelara vazio para ele. Diante das dores constantes, ir ou não ir ao tribunal, receber ou não receber a promoção, ganhar ou perder no uíste, nada disso importava – era tudo banal. Sentia que a sua vida mudara e que mais ninguém o acompanhara. Essa mudança não era como mudar de província, pois, apesar de ter ido

---

<sup>102</sup> Ibidem, p. 43

para um lugar novo, tudo permanecia praticamente igual e tinha pessoas que compartilhavam da mudança, com as quais poderia falar sobre os novos aspectos. Dessa vez a mudança era interna, ele passou de alguém que focava toda a sua energia na vida burocrática para uma pessoa que não se importava mais com essas questões. De que vale ser um juiz, um promotor importante, que tinha em seu poder obrigar qualquer um a ir ao tribunal, mudar a vida das pessoas com a sua assinatura em um papel timbrado, se não tinha saúde?

No fim de cada dia, ia deitar-se com a consciência de que estava sozinho com o seu medo, com a sua dor, condenado a passar a noite em claro. E no dia seguinte tudo recomeçaria: acordar às nove, ir ao tribunal, julgar algum caso, ser tratado com hipocrisia pelos colegas de trabalho que gostariam que ele vagasse logo o seu espaço, voltar para casa e enfrentar a indiferença da família, brigar com a esposa e com a filha, tentar comer e não conseguir, tentar dormir e também não conseguir. Já não conseguia levar a vida *comme il faut*. Não se sentia parte do seu grupo social, muito menos da sua família e não conseguia encenar o papel que lhe era devido nesse grande teatro da alta sociedade russa. Não podia mais ser igual a todos que o cercavam, cumprindo bem as obrigações e tarefas e os traquejos sociais, já não podia agir como esperado. O que o diferenciava de todos os outros era a dor, que se tornara sua única companheira.

Emagrecera muito. Em certa ocasião, ao comparar o seu rosto no espelho com uma foto antiga, ficara muito chocado ao notar a diferença. Ouvira dizer que já não tinha nem mais luz no olhar, e acreditara. Não havia mudado apenas interiormente, também mudara exteriormente. Sentia que a sua vida estava se esvaindo e os médicos ainda não haviam se decidido se a doença era no ceco ou no rim. Tanto faz o ceco ou o rim, o fato é que sabia que estava morrendo.

“O caso não está no ceco, nem no rim, mas na vida e... na morte. Sim, a vida existiu, mas eis que está indo embora, embora, e eu não posso detê-la”<sup>103</sup>. Ivan agora via com clareza que todos os médicos estavam usando a abordagem errada para a questão, por isso não conseguiam encontrar uma resposta. Não era o ceco, muito menos o rim. O caso era de vida e morte...De morte, ele não conseguia compreender. O que significa morrer? O que acontece quando se morre? Poderia doer mais do que já estava doendo? Ou será que, com a morte, a dor cessaria? Poderia ele parar o processo, interromper a sessão e julgar o caso a favor do réu, dele mesmo? Ele era o acusado e a sentença era a morte, a sua morte. Ele não compreendia o que tinha feito para merecer tal condenação: por que a vida lhe dera pena de morte? Não tinha nada que ele pudesse fazer, nem para parar o processo de deterioração da saúde até a morte e nem para entender o que é isso, a morte. Fora condenado, sem chance de apelação. Não havia ninguém que pudesse lhe explicar, para lhe

---

<sup>103</sup> ibidem, p. 47

ouvir as dúvidas. Estava morrendo e estava completamente sozinho. Tentou pensar logicamente em sua situação para tentar compreendê-la:

O exemplo do silogismo que ele aprendera na Lógica de Kieseewetter: Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal, parecera-lhe, durante toda a sua vida, correto somente em relação a Caio, mas de modo algum em relação a ele. Tratava-se de Caio-homem, um homem geral, e neste caso era absolutamente justo; mas ele não era Caio, não era um homem em geral, sempre fora um ser completa e absolutamente distinto dos demais.<sup>104</sup>

Um silogismo é uma conexão de ideias, em que é possível deduzir logicamente a conclusão a partir da conjunção de duas proposições: premissa maior (que contém um termo universal) e premissa menor (que contém um termo particular). Em outras palavras, o silogismo é, segundo Aristóteles, o perfeito raciocínio dedutivo, em que, dadas as premissas, a conclusão se segue necessariamente. Assim, se Caio é homem e todos os homens são mortais, Caio necessariamente é mortal e não existe para Caio a possibilidade de não ser mortal, visto que ele é homem. O silogismo serve para organizar logicamente o pensamento e o discurso, serve também para organizar as ideias em um texto, mas ele não ajuda a compreender a finitude. Uma fórmula matemática diz muito pouco sobre a vida e sobre a morte, em termos existenciais. De modo que é comum interpretar essa frase apenas como um exemplo de silogismo. Está formalmente correta, mas significa muito pouco. Na aula de Lógica, é muito pouco provável que ao ouvir tal silogismo um aluno tenha parado para pensar na própria morte.

Saber que Caio, o homem abstrato, é mortal, não significa saber que eu, a pessoa escrevendo este texto, ou a pessoa que está lendo, também seja. Ivan Ilitch também se sentia assim. Diante do acontecimento mais importante de sua vida o pensamento lógico dedutivo, que tanto o ajudara no tribunal, já não servia mais. Ele não era Caio, não era um homem abstrato. Ele acreditava ter uma vida completamente diferente das demais, ele beijara com muita ternura a mão da mãe, protestara na faculdade por conta da comida, havia se apaixonado e se tornado um juiz importante. Não era um ser abstrato, não cabia na premissa universal “todos os homens são mortais”, ele era Ivan Ilitch. Poderia ele morrer como Caio, o homem abstrato? Como compreender o fato de que estava morrendo? Nesse caso, o pensamento lógico não estava ajudando. Não era tão lógico assim o fato de que ele morreria. E se esse silogismo for formalmente correto e não se aplicar a todos os homens? Como no exemplo dos cisnes, que todos acreditavam que era correto: todos os cisnes são brancos, eis um exemplar de cisne, ele é branco. Essa certeza ruiu quando encontraram um cisne negro. E se existir algum homem que não seja mortal? Tentamos nos proteger da certeza

---

<sup>104</sup> ibidem, p. 49,50

de que a nossa vida chegará ao fim, acreditando que a morte é sim altamente provável, mas conservando uma esperança de que talvez exista uma pessoa que seja imortal e uma torcida para que “eu” seja essa pessoa.

Se eu tivesse que morrer, que nem Caio, bem que eu o saberia, a minha voz interior haveria de dizê-lo, mas nada disso ocorreu em mim; tanto eu como todos os meus amigos compreendemos que isso é bem diferente do que sucedeu a Caio. E eis o que acontece agora (...). Como compreender isso?<sup>105</sup>

Na maioria das vezes abordamos o assunto como impessoalmente se aborda, isto é, acreditando no “morre-se”. Em outras palavras: o sujeito do impessoal, que, como visto anteriormente, é todo mundo e ao mesmo tempo ninguém. Assim, ao pensar-se na morte como um “morre-se”, acredita-se que um sujeito indefinido morre, e não que “eu” morro. Ivan diz que tanto ele quanto os seus amigos compreendem que a o caso deles é completamente diferente do caso de Caio. Isso quer dizer que eles entendem que Caio é mortal, que um sujeito abstrato e impessoal morre, mas não compreendem que eles também vão morrer. Eles conseguem pensar objetivamente na morte do outro, mas, quando o assunto é o “eu morro”, esse assunto é postergado e deixado para o dia seguinte.

O impessoal, como dito anteriormente, é uma tendência que oferece tranquilidade, facilidade e familiaridade para as pessoas. Saber-se ser para a morte não é nada tranquilizador, muito ao contrário. Por isso, no impessoal, as pessoas se lançam no mundo das ocupações, pois sempre tendo o que fazer não sobra tempo para pensar na morte. Assim os amigos de Ivan se lançam no mundo das ocupações para não ter que lidar com o fato de que são ser para a morte – como o próprio Ivan o fez por muito tempo. Focam no trabalho, no uíste, nos jantares, na educação dos filhos, na convivência com a família e os amigos. Mesmo diante da doença de Ivan e, portanto, do lembrete de que homens são mortais, as pessoas que o cercavam continuavam trabalhando, jogando, saindo para jantar, passando de uma ocupação para a outra, numa fuga dos pensamentos sobre a morte. Mas por mais que se adie essa questão chega um momento na vida em que ela nos atravessa e nos atropela e nós somos obrigados a olhá-la de frente, e foi o que aconteceu com Ivan Ilitch.

A morte é um acontecimento conhecido. Pessoas morrem todos os dias e temos notícia disso – o próprio Ivan Ilitch teve três filhos que morreram<sup>106</sup>. Ele conhecia o fato de que as pessoas são

---

<sup>105</sup> Ibidem, p . 50

<sup>106</sup> Ibidem. p, 26 e 27 - A princípio em uma primeira leitura é de se estranhar que esse fato seja dito em duas frases no livro, sem sequer dizer as causas da morte das crianças. Talvez a nossa incompreensão de uma abordagem tão rápida e simples da morte das crianças se deva ao fato de que a mortalidade infantil no Brasil do século XXI é bem pequena quando comparada à da Rússia do fim do século XIX. Tolstói teve treze filhos, dos quais seis morreram quando

mortais, havia visto de perto. Mas por mais difícil que tenha sido essa experiência da perda dos filhos (e o conseqüente agravamento dos problemas no casamento), a ótica desse acontecimento foi diferente, pois não foi ele que sofreu a perda ontológica, ele perdeu a convivência, a chance de vê-los crescer, mas ainda estava vivo e podia se lembrar deles e tentar cuidar melhor dos filhos que ainda tinha. Mas dessa vez era a sua vida que estava em risco. A morte dos outros, apesar de nos lembrar de nossa própria finitude, não faz com que compreendamos o que é a morte e o morrer. Por isso, mesmo tendo sofrido a perda dos filhos, diante da própria morte dele, ele nada sabe.

Sabemos que somos mortais e que portanto vamos morrer em algum momento, mas esse saber é ambíguo. É um saber que não compreende. A ambigüidade reside no fato de que de algum modo sabemos que vamos morrer, mas ao mesmo tempo em que sabemos disso, não sabemos o significado disso. Falamos o tempo todo sobre a morte, sobre casos de morte, mas dificilmente refletimos acerca dela. Na ambigüidade reside tanto o saber autêntico quanto o saber impessoal. Diante da realização do que se pressentiu – nesse caso o saber-se mortal e estar prestes a morrer – a pessoa pode tomar duas atitudes: tentar compreender autenticamente o seu ser para a morte, ou se lançar no mundo das ocupações e sublimar essa questão, deixando para pensar nela depois. No capítulo anterior falamos que, diante da realização do que se pressentiu, a falação perde o seu poder, porque a pessoa se vê remetida a si mesma e a opinião pública perde a força.

Vimos aqui os estágios que Ivan Ilitch já passou até agora, a curiosidade em relação à doença e à morte, procurando diversos médicos, tratamentos e prestando atenção a absolutamente tudo o que se falava a respeito do tema perto dele, toda aquela falação: a falação e o discurso impessoal sobre a morte na forma de todas as vozes que diziam que ele melhoraria, que voltaria para o tribunal e que tudo seria como antes. Mas diante da possibilidade de realização do pressentimento de que um dia iria morrer, para ele, nesse ponto da doença, já não existia mais esperança, não havia mais tratamento além das drogas para aliviar a dor. E, diante disso, ele poderia ou acreditar na opinião pública de que melhoraria e se agarrar a essa ideia, ou ele poderia encarar o

---

pequenos. Em janeiro de 1886, ano de publicação do conto que estamos analisando, morre o filho de Tolstói, Aliocha (Alexei Lievitch Tolstói), de apenas quatro anos. E nessa ocasião Tolstói escreve em carta ao amigo Tcherkov que “outrora tinha considerado a morte de uma criança algo cruel e incompreensível, mas agora conseguia ver o acontecimento sob uma luz positiva”. (Bartlett, 2013, p. 401) Ele descobriu ser capaz de encarar com serenidade a morte de seu caçula. Já havia perdido quatro filhos. Para a esposa, a experiência de cada luto havia sido devastadora, e o seu sofrimento aumentava com a recusa do Tolstói em usar métodos anticoncepcionais e, em cada gravidez, parto e luto a relação dos dois se deteriorava. Assim, ao falar da morte das crianças Golovin e dos reflexos desse acontecimento no seio familiar, refletia a história da própria família.



fato e se abrir para compreendê-lo, uma vez que em breve se consumaria. E ele é tentado a acreditar que vai melhorar, ele se esforça para crer que isso é verdade, mas essa crença não se sustenta com a aproximação veloz da morte. Ele precisa saber mais, ele precisa compreender o que estava lhe acontecendo e dessa vez já não se importava mais com o que o impessoal dizia. Ele sabia que estava morrendo e só conseguia pensar nisso.

E ele convocava, um após outro, pensamentos que substituíssem aquele, na esperança de encontrar neles apoio. Tentava voltar aos velhos caminhos de pensamentos, que ocultaram para ele anteriormente a ideia da morte. Mas fato estranho, tudo o que antes ocultava, escondia, anulava a consciência da morte, não podia mais ter esse efeito.<sup>107</sup>

Na fala de Ivan Ilitch sobre o silogismo, vemos a incapacidade dele de compreender o que estava lhe acontecendo. A lógica falha, a voz da opinião pública já não serve mais. Nada parece ajudar na compreensão de que ele estava morrendo. Todas essas falas, que são na verdade falação, encobrem mais o fenômeno e dificultam o entendimento. Quando as vozes diziam para ele que ele melhoraria, colocavam mais véus sobre o fenômeno e o impediam de vislumbrar uma resposta. Ele se perguntava: como compreender? Como tirar os véus e poder olhar esse fenômeno e entender o que está para acontecer? As respostas para isso, ele não encontraria no discurso impessoal. Ele teria que descobrir sozinho. Era preciso outro tipo de discurso para poder entender o que era a morte. Mas isso não aconteceu tão rápido. Ele estava assustado com o fato de que só conseguia pensar na morte, e queria poder não pensar nisso – na verdade o que ele queria mesmo era não ter que morrer – e buscava desesperadamente que o impessoal pudesse consolá-lo outra vez. Tenta refazer os caminhos de pensamento que outrora puderam tirá-la de sua cabeça, mas nada mais é capaz de impedir a morte de voltar à sua mente, sentia que ela estava entranhada nele. O discurso impessoal já não tem mais poder, a vida pública já não podia ajudá-lo. Ele pensa: “vou ocupar-me do serviço, bem que ele já me fez viver”.<sup>108</sup> Ele ia, dava início à sessão e a dor voltava, então ele já não podia pensar no caso que estava julgando, pois só ela importava. Ele notava o olhar dos colegas, dos acusados e subalternos que se espantavam com os seus erros e confusões. Ele, um juiz tão brilhante, reduzido a isso, aos olhares de pena e ao julgamento dos outros. Mas nada importava, pois quando ele começava a pensar nisso, a dor voltava e era só ela que importava. Ele sentia “como se ela atravessasse tudo e nada pudesse encobri-la”.<sup>109</sup> O discurso impessoal, as ocupações, não havia nada que pudesse esconder a morte, para onde ele olhava havia um lembrete dela. Uma vez que os véus se abriram para ele, já não podia fechá-los. Ele só pensava nisso, mas sentia que, por mais que pensasse, ainda não conseguia compreender.

---

<sup>107</sup> Ibidem, p. 50

<sup>108</sup> Ibidem, p. 50

<sup>109</sup> Ibidem, p. 51



Mais algum tempo se passa e a condição de sua saúde se torna ainda mais frágil. Já não ia mais ao tribunal e ficava em casa o tempo todo, só acompanhado de sua dor, surda, constante, enlouquecedora. Não fazia mais diferença se era manhã ou noite, se era domingo ou terça feira, todos os dias eram iguais. Assustava-se na hora do banho quando tinha que encarar o seu corpo magro e quase sem vida. As dores eram extremamente fortes na hora de comer. Não havia mais nada fácil ou prazeroso em sua vida, só existia a morte que vinha em sua direção, e a cada dia sentia-a mais perto. Não conseguia palavras para explicar o que estava se passando, não podia explicar a angústia que estava sentindo. Tinha medo de ficar sozinho com a angústia e a dor que o sufocavam e mesmo se ele estivesse acompanhado elas continuavam com ele. Não havia jeito.

Dormia cada vez menos; davam-lhe ópio e começaram a injetar-lhe morfina. Mas isso não o aliviava. A embotada angústia, que ele experimentava no estado de semi-inconsciência, a princípio somente o aliviava como algo novo, mas depois ela se tornou igual ou ainda mais penosa que a dor pura e simples.<sup>110</sup>

Visto que nenhum tratamento funcionava, os médicos passaram a tratá-lo apenas com medicamentos paliativos, numa tentativa de diminuir os seus sofrimentos. Mas mesmo que os remédios aliviassem um pouco a dor, eles não aliviavam a angústia que, mesmo sob o efeito de ópio e morfina, estava sempre lá até se tornar ainda mais forte que a dor. Isso porque a angústia revelava para ele algo sabido por todos mas não falado por ninguém, pois colocava diante dele a sua finitude. Nada do que conhecia o ajudava a compreender e a angústia crescia dentro dele. Mas, como diria Hölderlin, “onde cresce o perigo também cresce o que salva”. Por mais penosa que fosse a angústia, ela lhe deu as ferramentas para começar a entender o seu ser para a morte. Ela coloca Ivan Ilitch como o ente a ser questionado, a ser pensado, fazendo com que ele repensasse toda a sua vida, desde a infância até aquele fatídico momento, ela o colocou diante de si como nunca estivera antes, e apenas olhando para a sua vida é que ele pode começar a olhar para a sua morte e assim a compreendê-la.

Tinha a impressão de que o estavam empurrando, causando-lhe dor, para dentro de certo saco estreito, negro, profundo que o empurravam cada vez mais longe e não conseguiam acabar de fazê-lo. E esta operação, terrível para ele, era acompanhada de sofrimento. Ao mesmo tempo, tinha medo, queria cair lá, lutava e ajudava na manobra. Mas eis que, de repente, ele se arrancou dali, caiu e voltou a si.<sup>111</sup>

Era um sonho, uma sensação, era a realidade, Ivan já não diferenciava. Era uma metáfora: o saco estreito era a morte, sentia-se como se estivesse sendo expelido da vida como fora expelido

---

<sup>110</sup> - Tolstói, 2009, p. 52

<sup>111</sup> Ibidem, p. 65

pelo útero para a vida. Começo e fim, nascimento e morte, juntos. Quando um bebê ainda está na barriga da mãe o pulmão fica cheio de líquidos e quando ele nasce o ar entra com grande intensidade em seus pulmões, expulsando o líquido amniótico que havia lá, e assim começa a troca gasosa nos pulmões, os vasos sanguíneos são dilatados e direcionam o sangue para o lado esquerdo do coração, o recém nascido sente dor e chora. Nascer dói muito, em um momento a criança está flutuando no líquido amniótico, dentro do saco amniótico, recebendo ar e alimento e, de repente, é empurrada para um mundo desconhecido e precisa respirar, comer, enxergar. O saco para dentro do qual Ivan sentia que estava sendo empurrado o fazia sentir que ele estava sendo expelido para fora da vida e, assim como acontece no nascimento, ele sentia muita dor. Ele estava se lançando pela última vez no desconhecido.<sup>112</sup> Sentia medo, sentia dor e, ao mesmo tempo, queria que tudo terminasse logo e no sonho ajudava na manobra e tentava entrar no saco. Abriu o olho e viu que Guerássim ainda estava lá. Cochilava tranquilamente, o acordou e pediu que se retirasse. Quando ficou sozinho, sentiu pena de si, teve medo e chorou muito, feito um bebê ao nascer, mas dessa vez não tinha a mãe por perto para consolá-lo e abraçá-lo, estava mais sozinho do que nunca. Chorou por não poder fazer nada que o tirasse daquela situação, por sua solidão, por não acreditar que existisse Deus, e se ele existisse como o teria condenado a tamanho sofrimento? Queria viver e ficar livre da dor, mas sabia que isso era impossível.

– Viver? Viver como? – perguntou a voz do espírito.

– Sim, viver como vivi antes: bem, agradavelmente.

Ele começou a examinar na imaginação os melhores momentos da sua vida agradável. Mas, fato estranho, todos estes momentos melhores de uma vida agradável pareciam agora completamente diversos do que pareceram então, tudo, exceto as primeiras recordações da infância. Lá, na infância, existia algo realmente agradável, e com que se poderia viver, se aquilo voltasse.<sup>113</sup>

Ele ouvia uma voz dentro de si questionando o que ele precisava: viver, ele respondia, desesperadamente. E então a voz perguntava se a sua vida teria sido realmente tão boa quanto ele pensara. Agradável, ele pensou. Sua vida fora agradável. Teria isso bastado? Quando era criança ele tinha sido muito feliz, o gosto da ameixa era melhor, era mais suculenta; o cheiro da bola de couro, as brincadeiras com os irmãos. Tinha tanta vida na infância. Mas sentia que quanto mais se afastava dos tempos de criança e se aproximava do momento em que estava vivendo, mais infeliz ele ia ficando. O casamento, as brigas com Prascóvia, o fingimento de todos à sua volta, aquele trabalho que ele tinha deixado se tornar o centro da sua vida, mas era vazio, era tudo vazio. Não era feliz há muito tempo, e mesmo assim pensava ter uma vida agradável, pois vivia como o esperado para

---

<sup>112</sup> Percorremos um círculo completo, do túmulo do útero ao útero do túmulo- Campbell, 2007, p. 23

<sup>113</sup> Ibidem, p. 67

alguém em sua posição social. Mas agora isso parecia tão pouco.

“Como se eu caminhasse pausadamente, descendo a montanha, e imaginasse que a estava subindo. Foi assim mesmo. Segundo a opinião pública, eu subia a montanha, e na mesma medida a vida saía de mim... E agora, pronto, morre!”<sup>114</sup> Ivan Ilitch agora via a farsa que fora a sua vida. Deixara ser levado pelo impessoal na voz da opinião pública. Ascendera na carreira, casara-se, tivera filhos, tudo que todos diziam que ele devia fazer e o aplaudiam acreditando que ele estava indo muito bem e tendo uma vida ótima. Mas agora ele via que estava decaindo, estava descendo a montanha ao invés de subi-la e que no fim a morte o esperava.

Na infância, ele fora o pequeno Vânia, e embora o processo de aculturação e impessoalidade tivesse começado lá, ainda havia felicidade e não apenas a correção da vida pública. Ele deixou de ser quem ele era, ou poderia ter sido e deixou-se controlar pelo impessoal e se transformar em um perfeito exemplar de um homem russo do século XIX. Foi se tornando um com a multidão e se perdeu lançado no modo de ser dos outros, agindo sempre como esperado e nunca tomou para si a responsabilidade de sua vida. Agora ele estava morrendo, não bastou ter sido igual a todo mundo, ter agido corretamente, ter vivido exatamente como se deve viver, nada disso servia agora, sentia como se tivesse desperdiçado toda a sua vida. Perdera a sua última e única chance.

“E o que tu queres agora? Viver? Viver como tu vives no tribunal, quando o meirinho exclama: ‘está aberta a sessão!’ Está aberta a sessão, a sessão – repetiu consigo. – Aí está o julgamento. Mas eu não tenho culpa!”<sup>115</sup> Fizera tudo tão corretamente e agora, no julgamento, a sentença: vivera impessoalmente. Mesmo acreditando que era completamente diferente de todas as outras pessoas, agora se dava conta de que não era. “Não tenho culpa”, pensava ele. Como não se entregar a essa tendência de facilitação, familiaridade e tranquilidade, em que tudo estava tão em ordem e a morte passava ao longe? Rendera-se a esse modo de vida, mas como lutar contra ele? Existe realmente algo fora do impessoal? Nos momentos de dor e de angústia tinha conhecido mais de si mesmo do que em todos os anos anteriores. Mas se a única possibilidade de viver autenticamente for viver mergulhado em dor, desespero e angústia, alguém escolheria isso? Agora era tarde, não tinha como saber as respostas. Estava condenado e não tinha outra chance. Percebera que não havia defesa possível para o seu caso. Morreria e a vida que tivera fora exatamente igual a todas as outras. Três meses durara a sua doença e tudo mudara para ele nesse tempo. Antes estava bem, em uma nova província, finalmente havia se entendido com Prascóvia e então a vida se esvaiu, não conseguira parar o processo, ninguém batera o martelo pedindo um tempo na sessão e agora ela

---

<sup>114</sup> Ibidem, p. 67

<sup>115</sup> Ibidem, p. 68

ia terminando. Fora julgado e condenado.

Quando ele viu de manhã o criado, depois a mulher, em seguida a filha, o médico, cada um dos movimentos deles, cada uma de suas palavras confirmavam para ele a terrível verdade que se revelara naquela noite. Via neles a si mesmo, tudo aquilo que vivera, e via claramente que tudo aquilo era não o que devia ser, mas um embuste horrível, descomunal, que ocultava tanto a vida como a morte. A consciência disso aumentou, duplicou os seus sofrimentos”.<sup>116</sup>

Ivan fora juiz por tempo demais e mesmo em seu leito de morte não podia deixar de sê-lo. Ao ver a família, os médicos e os servos, reconheceu neles a si mesmo e proferiu a sentença: todos estavam levando uma vida impessoal. Estavam desperdiçando a única chance que tinham e não percebiam. Ele sofreu diante dessa constatação, haveria salvação para eles? Eles não pensavam estar condenados, não notavam que a impessoalidade envenenava a vida deles, por isso não queriam absolvição. Acreditavam que estavam vivendo bem, agradavelmente e que esse era o modo correto de viver. Ele teve pena deles e teve mais pena de si.

As suas dores eram tão fortes que mesmo uma quantidade alta de ópio apenas o aliviava por algumas horas, e quando recobrava a consciência, estava lá a dor, que nunca o abandonava. Todos reconheciam que agora ele estava prestes a morrer e o convenceram a receber a extrema unção – mesmo nessa conversa continuaram na falação, incapazes de assumir para Ivan ou para si o que já estava claro para todos. Nessa ocasião Prascóvia lhe disse: “mesmo gente sadia muitas vezes...”<sup>117</sup>, não conseguiam abordar o assunto frontalmente ou analisar existencialmente o que estava acontecendo. Sabiam que ele morreria, que sua respiração e coração parariam, mas não sabiam o que significava a morte, para além da morte biológica. Ele recebe a comunhão, imaginou se realmente não conseguiria curar o ceco, ele queria que fosse possível, mas sabia que não era. Olhava para a esposa, tão saudável, e pensava: “Tudo aquilo de que viveste e de que vives é uma mentira, um embuste, que oculta de ti a vida e a morte.”<sup>118</sup> A vida da esposa, no seio da alta sociedade, preparando um casamento de alta classe para a filha, tudo era *comme il faut*, tudo era vazio. O impessoal encobria tudo de tal modo que ela sequer conseguia chamar as coisas pelos seus nomes e assim se abrir para compreendê-las, encobria para ela a vida e a morte. Ela acreditava que a morte é o fim da vida, que tudo acaba na última respiração, mesmo diante do leito de morte do marido não entendeu o que estava acontecendo. Não entendeu que ela também era um ser para a morte, que vivera ao longo de sua vida diversos fins, e que nesse momento estava vivendo o fim de seu casamento e passaria a viver como viúva. Sua filha se mudaria para a casa do marido e ela

---

<sup>116</sup> Ibidem, p. 72

<sup>117</sup> Ibidem, p. 73

<sup>118</sup> Ibidem, p. 73

ficaria sozinha com o filho. A vida como ela conhecera por muito tempo terminaria ali e para ela algo novo começaria. Para Ivan um diferente tipo de fim estava próximo, o derradeiro, ele se tornaria em breve um corpo morto, para ele também terminaria ali um modo de vida. Ele compreendia isso, ela não. O impessoal fechava para ela a compreensão desses fenômenos.

No decorrer de todos aqueles três dias, quando o tempo não existia para ele, ficou estrebuchando no saco negro para o qual o empurrava uma força invisível e invencível. Debatia-se como um condenado à morte debate-se nas mãos do carrasco, sabendo que não tem salvação; e a cada momento ele sentia que, não obstante todo o esforço na luta, ele estava cada vez mais perto daquilo que o horrorizava. Sentia que o seu sofrimento consistia também em que ele penetrava naquela fossa negra, e ainda mais que não podia esgueirar-se para dentro dela”.<sup>119</sup>

Três dias de dores horrendas. Sentia mais uma vez a sensação de estar entrando em um saco escuro, estava sendo expelido para fora da vida, como outrora fora expelido para dentro da vida. Contorcia-se, sofria, mas não havia nada que ele pudesse fazer para acelerar o processo. A morte chegaria ao seu tempo e tudo finalmente terminaria. Em certo momento desse dia sentiu que uma força empurrou-lhe o peito, comprimiu-lhe a respiração e ele finalmente caiu no saco. O filho estava perto, ouvindo os seus gritos de desespero, segurou a mão do pai, a levou até os lábios e chorou. Ivan abriu o olho, pela última vez, olhou para o filho, sentiu pena dele, a esposa também estava perto, também chorava e ele teve pena dela. Pensou que a família estaria melhor se ele morresse. Tentou dizer isso, mas não conseguiu, pediu que retirassem o filho do quarto. Sentiu que, para libertá-los do tormento, precisava libertar-se também.

‘Como é bom e como é simples’ – pensou. – ‘E a dor? perguntou em seu íntimo. – Para onde foi? Eh, onde estás, minha dor?’

Prestou atenção.

‘Sim, ei-la. Ora e então? Que se seja a dor.’

‘E a morte? Onde está?’

Procurou o seu habitual medo da morte e não o encontrou. Onde ela está? Que morte? Não havia nenhum medo, porque também a morte não existia”<sup>120</sup>

Para se libertar da dor ele precisou fazer as pazes com ela, ela que fora sua companheira inseparável nos últimos três meses. “Que seja a dor”, deixou que ela doesse mais uma vez. Procurou também o seu medo da morte e já não o encontrou, também fizera as pazes com a ideia de que iria morrer. Sentiu-se aliviado, tudo iria acabar logo. A morte não existe para quem morre, pois tudo

---

<sup>119</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 76

acaba. Para Ivan, isso tudo durou apenas um instante, mas para os demais presentes sua agonia durou mais duas horas. Até que ele “aspirou ar, deteve-se em meio a um suspiro, inteiriçou-se e morreu”.<sup>121</sup>

No seu último respiro Ivan Ilitch se inteiriça. Isso quer dizer que ele finalmente se torna o que ele era, ou o que fora. Agora já não era mais possibilidade para as possibilidades, era o que fizera com as possibilidades. Era Ivan Ilitch, pai, marido, jurista. Deixara esse mundo, mas deixara aqui os filhos e viveria na memória de todo aquele que o conheceu. Em seus últimos dias ele descobre que tivera uma vida impessoal e que não fora tão feliz. Ele viveu seus últimos dias em uma angústia colossal tentando compreender o que estava acontecendo. No fim ele descobre que, ao morrer, a morte deixa de existir e, por isso, perde o medo da morte. Mas também descobre que é a vida que importa e que ela acaba um pouco todo dia. No nosso próximo capítulo, vamos analisar o fenômeno da angústia para compreender como, através desse sentimento, o discurso do impessoal entra definitivamente em colapso.

---

<sup>121</sup> Ibidem, p. 76

### Capítulo 3: Angústia

Até agora fomos apresentados ao conceito de impessoal heideggeriano, que revela como a presença vive a sua vida na maior parte do tempo. Ela se dilui no modo de ser dos outros e se afasta de si mesma. Nesse modo, a presença fala e cria mundos a partir dessa fala, que mesmo na forma decaída – a falação – molda o mundo, isto é, ao expressarmos a nossa compreensão de mundo pela fala nós dizemos o mundo, criamos o mundo, pelo poder da palavra, do nome. O modo como falamos de algo revela o nosso entendimento sobre este ou aquele ente, cria a representação desse ente para nós. É o nosso modo de acesso ao ser desse ente. Em especial vimos o discurso que impessoalmente criamos acerca da morte, que é a nossa tentativa cotidiana de compreendê-la, mas o modo de fala do impessoal é a falação, que, em vez de desvelar o fenômeno, coloca mais véus sobre ele e dificulta a nossa compreensão, principalmente porque ela nos faz acreditar no morre-se, ou seja, ela nos faz pensar que os outros morrem, que os mais velhos, que os doentes morrem – por exemplo – e nos oferece uma falsa sensação de segurança, de que aqui e agora não morreremos. O morre-se nos engana, pois ele nos cega para o fato de que nós também morreremos, e, mais do que isso, não nos deixa ver que viver é estar morrendo, é ser para a morte. Vivemos finitudes em tudo o que empreendemos. Assim, ao falar do morre-se, mantemos obscura a realidade da possibilidade de nossa morte, que pode vir a qualquer momento, de todos os lugares.

O juiz Ivan Ilitch também acreditou no morre-se impessoal por muito tempo. Mesmo tendo sofrido com a morte dos filhos, e talvez com outras mortes que Tolstói omite no livro, permanece na ignorância acerca do que é a morte e o morrer, até que ele adoece e essa questão se torna o principal foco de sua existência. Saber que os outros morrem não esclarece em nada a nossa compreensão da nossa morte. Do mesmo jeito que o discurso do morre-se não nos ajuda a compreender o fenômeno da morte. Esse discurso precisa entrar em colapso para que possamos desvelar a morte e com isso compreendê-la, e só compreendendo a morte é que podemos começar a compreender a vida. Mas como esse discurso entra em colapso? Na experiência de Ivan, vimos que o discurso começa a colapsar quando ele percebe que nem mesmo a lógica pode ajudar a compreender esse fato, é quando ele analisa o silogismo “Caio é homem, todo homem é mortal, logo Caio é mortal”, ele começa a perceber que isso está formalmente correto, mas que ele não era Caio, ele era Ivan Ilitch. Então ele descobre que saber que os outros morrem não é saber que ele morre e que as ferramentas da lógica e da fala cotidiana não o estavam ajudando, ele descobre que ele precisa buscar um novo tipo de discurso, uma nova abordagem. Nesse momento a angústia se apresenta para ele e o ajuda a compreender a falsidade da vida impessoal, porque ela o remete a si mesmo, à vida que vivera até ali e à sua morte. Neste capítulo trataremos da angústia e de como é nela que o discurso do morre-se impessoal entra em colapso. Para tanto dividiremos o assunto em

dois subcapítulos.

### 3.1) O que é o medo para Heidegger?

O primeiro passo a darmos na direção da angústia é na verdade dar um passo atrás para conceituarmos o medo, pois comumente os dois são confundidos. Muitas vezes acreditamos sentir medo quando estamos diante da angústia, assim como por vezes chamamos de angústia quando na verdade estamos sentindo medo. Aquilo de que temos medo recebe o nome de ameaça. Ela tem sempre um caráter prejudicial, que se revela em um contexto que pode colocar a vida da presença em perigo. Ela é sempre um ente que se encontra no mundo – pode ser uma pessoa, um animal, um objeto ou ainda uma situação – que pode ser identificável, ou seja, ao sentir medo de algo eu sei do que eu tenho medo, eu conheço o que me ameaça, assim como eu conheço a região pela qual ele se aproxima. “É, porém, aproximando-se na proximidade que o prejudicial ameaça, pois pode chegar ou não”<sup>122</sup>. A ameaça reside na aproximação. Nela o ameaçador ainda não está efetivamente perto da presença, mas se movimenta em direção a ela, o aproximar-se é o que assusta, pois o perigo é crescente e é possível perceber o seu movimento em direção à presença e nesse momento a pessoa teme pela sua vida, no entanto permanece como ameaça na medida em que o ameaçador tanto pode chegar perto da presença e realizar a sua potência prejudicial, quanto pode desviar o caminho e não chegar a causar danos à vida da presença.

O ter medo ele mesmo libera a ameaça que assim caracterizada se deixa e se faz tocar a si mesma. Não se constata primeiro um mal futuro para então se ter medo. O ter medo também não constata primeiro o que se aproxima, mas, em seu ser amedrontador, já o descobriu previamente. É tendo medo que o medo pode ter claro para si o de que tem medo, ‘esclarecendo-o’.<sup>123</sup>

Diante de algo que pode colocar a vida da presença em risco ela sente medo. É o ter medo que libera a ameaça como ameaça, em outras palavras: é o ter medo que abre o significado de ameaça para o ameaçador. Por exemplo, uma pessoa que tem medo de mar olha para o mar e o enxerga como ameaçador, imaginando quantas pessoas já morreram afogadas, em todos os animais desconhecidos que se encontram naquela imensidão azul, na força das ondas e da maré, e quando parado diante do mar decide que é melhor não mergulhar, e se de repente a onda se aproxima essa pessoa se sente ameaçada e se afasta. Se, por outro lado, uma pessoa não sente medo do mar pode – sem ficar constantemente preocupada com os seus perigos – mergulhar, nadar, pescar, aproveitando as coisas boas e se abrindo para a diversão. Assim é o medo do mar que libera o sentido de ameaçador para o mar, e a pessoa passa então a encará-lo como algo perigoso. O mar de fato pode

---

<sup>122</sup> Heidegger, 2013, p. 200

<sup>123</sup> Ibidem, p. 200



pôr em risco a vida das pessoas, dependendo do contexto – uma forte tempestade, um maremoto, uma pessoa que não sabe nadar e é pega por uma correnteza mais forte etc – mas não basta a existência do mar para que ele surja como uma ameaça, para tanto é necessária a interpretação de uma pessoa sobre as possibilidades prejudiciais do mar que o desvelam como ameaça. Assim dizer que “é o ter medo que libera a ameaça que assim caracterizada se deixa e se faz tocar a si mesma” significa dizer que, como conceituado anteriormente, o discurso sobre uma coisa cria para a presença a compreensão desse ente e ele então se abre para a presença como tal. Assim, se eu acredito que o mar é assustador e o encaro como tal e ele se torna ameaçador para mim, eu liberei nele essa potência ao acreditar nisso. No entanto, não é apenas pelo fato de olharmos o mar com medo que ele se revela ameaçador, mas só podemos encará-lo dessa forma se ele se mostrar em um contexto que comprove essa ameaça. Se ninguém nunca tivesse morrido no mar, por exemplo, talvez não houvesse a possibilidade de interpretá-lo como assustador, essa potência prejudicial se deve ao fato de ela já ter se realizado antes. Assim, o ter medo descobre algo que já estava presente no ente que ameaça, que é a possibilidade de ser prejudicial, ainda que naquele momento ele não seja. É no medo que o ameaçador pode aparecer, pois é o medo que o desvela, que o faz revelar a sua face ameaçadora.

“O próprio ente que tem medo, a presença, é aquilo pelo que o medo tem medo”.<sup>124</sup> A presença é o único ente que, graças a estrutura do pre, pode pensar, falar e antecipar o futuro. Assim, ela pode, ao notar que outras pessoas morrem, perceber que, no futuro, ela também morrerá, mesmo não sabendo a radicalidade desse morrer. Assim, diante de uma ameaça, a presença pode prever a possibilidade de risco de vida, e diante disso ela sente medo. Diante de um ente que se aproxima e que nesse movimento faz com que a presença se sinta em perigo, ela sente medo. Em primeira instância<sup>125</sup>, a presença sente medo por si mesma, pela sua vida, justamente pelo fato de se saber mortal, e de querer viver.

Embora o homem tema por algo que é objetivo no mundo, o endereço último de seu temor não é o objeto fora dele, mas sim ele mesmo: o homem somente teme por algo determinado porque em última instância é ele mesmo afetado e o maior interessado, é como se o medo se voltasse para quem teme e não para o que se teme. O medo volta-se apenas aparentemente para “fora”;

---

<sup>124</sup> Ibidem, p. 201

<sup>125</sup> A presença pode sentir medo por outrem, “na maior parte das vezes, temos medo em lugar do outro justamente quando ele não tem medo e audaciosamente enfrenta o que o ameaça” (idem, p. 201). A presença é essencialmente ser- com, por isso ao ver outra pessoa em perigo ela pode sentir medo pela outra pessoa, mas esse sentir medo pelo outro não retira do outro a possibilidade de ter medo, como dito na citação à cima o medo por outro surge, normalmente, quando ele não sente medo em determinado contexto, mas pode sentir em outro.

na verdade, ele se dirige ao nosso ser íntimo.<sup>126</sup>

O objeto do medo engana, ele é caracterizado como algo externo à presença, que ao se aproximar pode pôr em risco a sua vida, no entanto o que realmente dá medo é a possibilidade de morte. O próprio ente que tem medo – a presença – é o objeto do medo. A presença, na verdade, sente medo por si, pela sua vida, porque se sabe mortal e finita. Segundo a interpretação heideggeriana, os seres simplesmente dados não sentem medo, principalmente porque eles não sabem que morrerão<sup>127</sup>, eles vivem em um eterno tempo presente e, mesmo diante da morte de outros animais da mesma espécie, de outras árvores na floresta, eles não se sabem mortais, por isso não temem pela própria vida.

“O desvio da decadência funda-se na angústia que, por sua vez, torna possível o medo.”<sup>128</sup> A decadência da presença é o estar lançado no modo de ser impessoal, nas ocupações, pois nesse modo a presença decaiu de si mesma e se lançou no modo de ser dos outros. O desvio dessa decadência acontece no fenômeno da angústia, que veremos mais à frente, pois nela a presença é remetida a si mesma. A angústia a coloca originalmente diante de sua finitude, de modo que o medo se funda na angústia de se saber mortal. É só por conhecer o nosso destino final que podemos sentir medo diante de algo que nos ameaça e que se aproxima em nossa direção, pois ao ver a nossa finitude tão perto de se realizar tentamos nos agarrar a vida, e com isso somos lembrados que somos ser para a morte.

### 3.2) O que é a angústia para Heidegger?

“A fuga da presença é uma fuga de si mesma. É justamente daquilo de que foge que a presença corre atrás”.<sup>129</sup> No modo de ser da decadência a presença se afasta de si mesma indo em direção aos outros, no entanto, é de onde se foge que se quer chegar. Assim ao ir ao encontro dos outros a presença empreende uma busca por si mesma, e como ela é ser com, o primeiro lugar a procurar é na convivência cotidiana, é buscando a si mesma nos outros, tentando agir como os outros, vestir-se como os outros, falar como os outros e até na tentativa de ser diferente, de buscar um estilo de vida alternativo, mesmo nesse caso a presença busca um grupo que participe desse

---

126 Werle, 2003, p. 105

127 Ser imortal é insignificante; com exceção do homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte – Jorge Luis Borges, conto o imortal.

128 Heidegger, 2013, p. 252

129 Ibidem, 251.

estilo para se agrupar. No entanto ao buscar o seu ser no modo de ser dos outros ela acaba por se perder mais, pois está decaída de si mesma. Como ser reconduzida a si mesma, se desde a infância foi inserida no modo de ser impessoal? Se, ao nos lançarmos no impessoal, estamos na verdade buscando uma via de acesso ao nosso ser mesmo, como desviar da decadência? A resposta heideggeriana a essa questão: a angústia é a via de recondução da presença para si mesma. Assim, para descobrirmos como a presença pode ter uma vida, ou ainda alguns momentos, em um modo não decadente, precisamos primeiro conceituar a angústia.

A angústia é “uma possibilidade ontológica da presença que deverá 'descortinar o horizonte' ôntico e explicar a própria presença como ente.”<sup>130</sup> A angústia é uma possibilidade que se abre somente para a presença e por meio dela acontece o fenômeno do desencobrimento da presença para si mesma. Nela a própria presença surge como o ente a ser questionado, explicado e entendido, o que acaba por remeter a presença a si mesma. Uma das características do mundo impessoal é o esquecimento do ser, pois nesse modo a presença está sempre lançada no mundo das ocupações, no ter de fazer coisas, de lidar com as outras pessoas, de passar de uma ocupação para outra e acaba pensando o mundo apenas onticamente, isto é, ela lida sempre com o ente lançado no mundo já sendo, já no uso ou na convivência e nesse esquecimento do ser, ela também esquece o próprio ser – mesmo ela sendo o ente que em sendo está em jogo o próprio ser, ela não pensa nisso todos os dias, ela vive, escolhe, age e se molda a cada nova atitude que tomar, sem dar muita atenção a esse processo de auto- construção que está acontecendo. A angústia faz com que a presença pare por alguns momentos e tenha uma experiência diferente do que ela vive no cotidiano, que vai tirar os véus da impessoalidade, descortinando algo mais original, apresentando a própria presença para si.

A angústia, embora se pareça com o medo, não surge advinda de um ameaçador externo, presente no mundo, que se encaminha em direção à presença e nesse encaminhar-se faz com que ela se sinta em perigo. No entanto são fenômenos que estão relacionados, pois tanto a angústia quanto o medo desvelam para a presença aquilo que a cotidianidade impessoal tenta velar: o seu ser para a morte. A diferença é que no medo o ameaçador é conhecido e na angústia não se sabe de onde ele pode atacar.

“A angústia também não vê um aqui e um ali determinados, de onde o ameaçador se aproximasse. Que o ameaçador não se encontre em lugar nenhum, isso é o que caracteriza o referente da angústia. Ela não sabe o que é aquilo com que se angustia.”<sup>131</sup> O primeiro passo para

---

130 Ibidem, p. 250

131 Ibidem, p. 253

compreender a angústia é saber que o seu referente não se aproxima de um lugar determinado, ele não pode ser conhecido, isto é, ao angustiar-se a presença não consegue distinguir o que está causando essa sensação. “Em lugar nenhum, porém, não significa um nada meramente negativo.”<sup>132</sup> O fato de não se poder ver onde o ameaçador se encontra ou ainda a impossibilidade de descobrir quem ou o que é o ameaçador, não significa que a presença está segura e que não existe nenhum ameaçador, ao contrário, isso é o mais angustiante, saber que existe uma ameaça mas não saber mais nada acerca dela. “O ameaçador dispõe da possibilidade de não se aproximar a partir de uma região determinada, situada na proximidade, e isso porque ela já está sempre ‘por aí’, embora em lugar nenhum. Está tão próximo que sufoca a respiração e, no entanto, encontra-se em lugar nenhum.”<sup>133</sup> O ameaçador na angústia é algo que deixa um rastro constante, que embora não esteja sendo visto ou ouvido, está sempre rondando. Pode estar à espreita em qualquer lugar, vindo de qualquer direção, pode estar, inclusive, silenciosamente dentro do corpo de uma pessoa. “É na disposição da angústia que o estar lançado na morte se desvela para a presença de modo mais originário e penetrante.”<sup>134</sup> O ameaçador da angústia é a morte.

A angústia coloca a pessoa em um estado de alerta para o fato de que ela é ser para a morte e de que a morte, que é possível a cada momento, está sempre próxima, em todos os contextos – ela pode vir de um acidente, em forma de uma doença que aparece devagarinho e quando a pessoa recebe o diagnóstico já está tarde ou pode vir tranquilamente na velhice, mas ela sempre virá. A morte está em todos os lugares e por isso sufoca. Na vivência da angústia o ser para a morte é desvelado, essa possibilidade se abre para a presença não apenas como possibilidade, mas como algo que está pronto para se tornar realidade a qualquer momento.

A angústia não se angustia com nenhum ente presente no mundo, ao contrário, ela se angustia com o seu próprio ser no mundo. O ameaçador na angústia não é um ente com que podemos nos relacionar no mundo, diante desses – um acidente, um avião, um leão, etc. – nós sentimos medo, que pode se realizar ou não – a coisa que nos ameaça pode se aproximar o suficiente e causar danos à vida da presença, podendo até levá-la à morte – mas o medo se funda em saber que podemos morrer, e esse saber se abre originariamente no fenômeno da angústia.

“Quando a angústia passa, diz-se costumeiramente: ‘propriamente não foi nada.’ De fato, essa fala refere-se onticamente ao que foi. A fala cotidiana empenha-se em ocupar e discutir o que

---

132 Ibidem, p. 253

<sup>133</sup> Ibidem, p. 253

<sup>134</sup> Ibidem, p. 326

está à mão. O com quê a angústia se angustia nada tem a ver com o manual intramundano.”<sup>135</sup> Ao fim da experiência da angústia a pessoa não tem palavras para descrevê-la, e se precisar explicar o que lhe aconteceu dirá que não foi nada, isso justamente porque a fala cotidiana não pode dar conta de explicar o acontecido na angústia. A falação propaga um falso saber, uma falsa sensação de conhecimento. E no caso do ser para a morte é o discurso que diz “morre-se” – os outros morrem, os velhos morrem, os doentes morrem, os descuidados morrem – e oferece a ilusão de que, se a pessoa é saudável, ela está segura. O discurso impessoal sobre a morte esconde o fato de que a morte não se encontra em um momento no futuro, ao contrário, ela está sempre perto no presente, em todos os lugares. Basta que se esteja vivo para que se possa morrer, ela pode acontecer a qualquer momento. Ser para a morte é saber que todos os dias vivemos finitudes, as células do nosso corpo morrem, os cabelos caem e voltam a nascer. Todos os dias vivemos nascimentos e mortes, inclusive dentro de nós, mas no impessoal nós ignoramos isso, vivemos a ilusão de que temos muito tempo, que podemos fazer as coisas amanhã, quando não existe amanhã para todas as pessoas que morreram hoje. O filósofo pré-socrático Heráclito nos diz que “nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.”<sup>136</sup> Segundo ele é impossível entrar duas vezes no mesmo rio, pois as águas do rio são outras e a pessoa que está entrando também é outra, mesmo que o tempo entre o primeiro mergulho e o segundo seja curto isso bastou para que uma mudança ocorresse. Assim é o ser para a morte, é viver as suas finitudes e mudanças, ter cada experiência como a última e como a única, pois não se vivenciará jamais nada igual. Isso o impessoal mantém na obscuridade, mas a angústia desvela a possibilidade de ser si mesmo para cada presença.

“O ‘mundo’ não é mais capaz de oferecer alguma coisa, nem sequer a copresença dos outros. A angústia retira, pois, da presença a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesma a partir do ‘mundo’ e da interpretação pública.”<sup>137</sup> A decadência é o fenômeno da presença ir buscar a compreensão de si no modo de ser dos outros, e ao se misturar com as outras pessoas ela acaba decaindo de si, vivendo no impessoal, e tem a ilusão de ter se encontrado, quando na verdade se perdeu. No entanto a experiência da angústia rompe, nem que seja por um momento, com a impessoalidade, ao revelar para a presença a própria finitude. O mundo da ocupação deixa de oferecer consolo, pois quando confrontada com o ser para a morte nem o trabalho, nem o estudo, nem uma caminhada, nem as drogas, nada pode fazer a presença esquecer-se do que se abriu para ela na angústia. Ela até tenta não pensar na sua morte e se lançar no que outrora a distraía, mas já

---

<sup>135</sup> Ibidem, p. 253

<sup>136</sup> fragmento 49a . Heráclito, 1996, p. 101

<sup>137</sup> Ibidem, p. 254

não consegue. Enquanto estamos angustiados o ser com já não basta para oferecer consolo, a facilidade do discurso impessoal já não tem mais força. A angústia não pode ser explicada pela fala cotidiana, pois esse é um tipo de fala que fecha o mundo para a compreensão e que o encarcera na opinião pública, que mantêm a presença em uma sensação de familiaridade e facilidade, que entra em colapso durante esse fenômeno. Para compreender o que se abriu na angústia é preciso de uma fala originária, que consiga assumir o “eu morro”, em vez de se utilizar do recurso do morre-se impessoal.

Mesmo sabendo que vamos morrer, temos muita dificuldade em assumir isso e criamos o discurso impessoal sobre a morte, falamos, lemos, escrevemos, vemos filmes sobre a morte, é uma temática constante em nosso cotidiano, mas isso tudo nos diz muito pouco sobre a nossa morte. No discurso do “morre-se”, lançamos a certeza da nossa finitude em um futuro distante e com isso nos sentimos seguros do hoje, do amanhã, da semana que vem, imaginando que esse dia demorará a chegar. E por isso a resposta ao ‘diante de que te angustiaste?’, normalmente, é ‘diante de nada’. Esse nada é, no entanto, toda a abertura do mundo, pois a morte é possível em todo o tempo e em todos os lugares. Se tudo o que conseguimos dizer depois de nos angustiarmos é ‘nada’, como compreender que esse fenômeno desvelou para nós o nosso ser para a morte? Como compreender isso que não conseguimos falar? A falação nada pode dizer sobre o que a angústia revelou, para entender precisamos adotar um novo tipo de discurso, precisamos chamar as coisas pelos seus nomes para convocá-las à compreensão, temos que abandonar o discurso do morre-se e assumir o “eu morro”. Pois é apenas apropriando-se do ser para a morte que se pode acolher o “eu vivo”, e isso acontece abraçando a experiência da angústia, tentando compreender-se como ser para a morte, lembrando-se de que a morte é possível a cada momento.

“A angústia singulariza e abre a presença como ‘solus ipse’. Esse solipsismo existencial, porém, não dá lugar a uma coisa sujeito isolada no vazio inofensivo de uma ocorrência desprovida de mundo. Ao contrário, confere à presença justamente um sentido extremo em que ela é trazida como mundo para o seu mundo e assim, como ser no mundo para si mesma.”<sup>138</sup> A presença é sempre ser com, assim dizer que a angústia singulariza a presença não significa dizer que ela vá se tornar uma pessoa isolada, ela vai continuar convivendo com as outras pessoas, vai continuar lançada no mundo das ocupações. O que pode mudar é que a presença vai estar ciente de seu ser para a morte e tendo em mente a finitude da vida ela vai perceber mais as finitudes que ela vive todos os dias. Ela vai se ater ao fato de que é o ser que, em sendo, coloca em jogo o próprio ser, isto é, que tem a tarefa de se construir e vai se empenhar nessa construção, não apenas seguindo a

---

<sup>138</sup> Ibidem, p. 255

multidão e fazendo as coisas como se faz, mas vai tomar posse dos passos que dará ao longo da vida.

Em vista do predomínio da decadência e do público, é rara a angústia ‘propriamente dita’. Com frequência, a angústia é condicionada ‘fisiologicamente’. Em sua facticidade, esse fato é um problema ontológico e não apenas no que respeita a sua causalidade e processamentos ônticos. O irromper fisiológico da angústia só é possível porque a presença, no fundo de seu ser, se angustia.<sup>139</sup>

Se olharmos no dicionário a angústia é definida como “a sensação psicológica que se caracteriza pelo sufocamento, pelo peito apertado, ansiedade, insegurança, falta de humor, e com ressentimentos aliados a alguma dor. No campo psiquiátrico a angústia é considerada uma doença e precisa ser tratada.” Na decadência, a presença está lançada na tendência de facilitação e, diante da angústia, que abre a presença para o seu ser para a morte, as pessoas que a cercam, se percebem que ela está pensando na sua morte, rapidamente a julgam como doente e tentam medicá-la, ou tentam desviá-la desse assunto. Buscam uma explicação ôntica para esse fenômeno e dizem que é uma patologia, que é um problema psicológico e que, como tal, precisa ser tratada e curada, para que a pessoa volte ao seu “estado normal”. Isso porque, “no âmbito público, ‘pensar na morte’ é considerado um medo covarde, uma insegurança da presença e uma fuga sinistra do mundo. O impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte.”<sup>140</sup> A interpretação impessoal do morre-se existe como um decreto mudo que diz que as pessoas devem sentir-se tranquilas em relação à morte, uma vez que ela é a única certeza da vida, e confere uma sensação de naturalidade para a morte. O impessoal aliena a presença de seu ser para a morte, a desviando para uma falsa compreensão da morte que faz crer que a morte é apenas o fim da vida e que vai acontecer com muitas outras pessoas até que aconteça com o “eu”. Ao investigar a angústia analisando apenas a sua manifestação física, os seus sintomas, e a ao caracterizá-la como algo ruim que precisa ser tratado e evitado, o impessoal tenta reconduzir a presença para o seu domínio, a mantendo na medianidade. A angústia se manifesta no corpo, ela sufoca e silencia, mas ela não é só isso, ela é um fenômeno ontológico que desvela para a presença o seu ser, desvelando o seu ser para a morte. “Na presença, a angústia revela o ser para o poder ser mais próprio, ou seja, o ser livre para a liberdade de escolher e acolher a si mesma.”<sup>141</sup> E com isso liberta a presença para as possibilidades. Em outras palavras: ao mostrar a finitude da presença, a angústia revela que a morte não acontece só no fim da vida, mas que ela acontece um pouco todos os dias e por isso a presença é chamada a responsabilizar-se por si mesma, por suas escolhas, por suas ações, ela pode tomar o controle de seu ser e deixar de ser guiada pelos outros.

---

<sup>139</sup> Heidegger, 2013, p. 256-257

<sup>140</sup> Ibidem, p. 330

<sup>141</sup> Ibidem, p. 254

Ao fim da experiência da angústia, a presença pode tanto assumir a responsabilidade por seu ser, prestando atenção nas finitudes que vive ao longo da vida, aprender com elas e se apropriar do seu ser para a morte e com isso ser livre para ser o que ela é, ou pode apenas fingir que o que aconteceu foi uma experiência ruim e não buscar entender o que se abriu para ela e continuar dizendo que se angustiou com nada e voltar para a vivência impessoal, se distraíndo com as ocupações e com a falação. Nesse caso ela ainda vai estar lançada em um mundo de possibilidades sempre finitas, mas não irá se apropriar delas e seguirá vivendo decaída de si no modo de ser dos outros.



## Conclusão

Outra vez te revejo,  
Cidade de minha infância pavorosamente perdida...  
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...  
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e que aqui voltei,  
E aqui tornei a voltar, e a voltar.  
E aqui de novo tornei a voltar?  
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,  
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,  
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim.<sup>142</sup>

Começamos a nossa dissertação com a pergunta: quem é a presença? A presença é tempo, é ser no tempo, é a experiência de um ciclo completo de nascimento e morte, mas não apenas no início e no fim da vida, e sim ao longo de acontecimentos sucessivos em que nascemos e morremos. A presença é um ser a cada vez, que assume um determinado modo de ser de acordo com o contexto, que está sempre se transformando, se construindo, se criando e assumindo diferentes modos de ‘eu’ e todos esses modos constituem a presença. E ela experimenta a temporalidade fundamental no modo de ser para a morte. Ser para a morte é na verdade ser para a vida, pois a morte é um fenômeno da vida, é justamente a experiência desse ciclo em que estamos sempre nascendo, aprendendo a ser, ensaiando os modos possíveis de ser, e morrendo, são todas as finitudes que vivemos. Ao longo do nosso texto, fizemos uma análise da nota de rodapé 140 de *Ser e Tempo*, que consistiu em uma tentativa de compreender a presença em seu modo de ser cotidiano e em sua interpretação e seus discursos acerca da morte. O propósito, finalmente, foi o de mostrar como o discurso impessoal pode entrar em colapso, para no fundo tentar compreender esse ente que nós mesmos somos.

Não nos compreendemos direito. Estamos sempre passando de uma atividade para outra, de um assunto para outro, de um interesse para outro e raramente paramos para pensar no nosso ser. Quando o fazemos, estamos de tal modo mergulhados no impessoal que temos muitas dificuldades. Por isso, a pergunta sobre o quem da presença permanece enigmática. Não sabemos quem nós somos. Talvez por sermos um ser a cada vez e todos eles ligados por um fio de corpo, de memória, de rosto – e tudo isso também está em constante transformação, já não somos os mesmos que erámos quando iniciamos a leitura desse texto. Quem nós somos? Como descobrir?

Partiremos da nossa investigação a respeito da presença feita nos capítulos anteriores para tentar obter algumas respostas. Até agora sabemos que a presença é ser com, que ela possui

---

<sup>142</sup> Pessoa, 1976, p. 255

linguagem, que ela passa a maior parte do tempo sendo impessoalmente si mesma e que ela é constituída por uma temporalidade específica. Usaremos essas ferramentas. A presença é o ente que pode se projetar no tempo e antecipar o seu ser para a morte. O modo como interpretamos o nosso ser para a morte, os nossos discursos sobre a vida, sobre a morte e sobre nós mesmos nos ajudarão a descobrir esse ente que nós mesmos somos.

A presença tem a estrutura de ser com. Ela vive em sociedade, e por isso precisou desenvolver a linguagem para poder se comunicar com as outras pessoas. É através da linguagem que a presença descobre o mundo, que o mundo surge como mundo. A presença se torna a presença ao poder exprimir em linguagem o seu ser e assim se compreender. No entanto, cotidianamente usamos a linguagem de modo decadente, a usamos no modo da falação, modo esse em que repetimos o que nos é passado sem refletir sobre o que aprendemos. Na falação nós apenas repetimos o mundo em vez de usar a linguagem para recriá-lo. É a possibilidade de se compreender sem ter previamente se apropriado do ente de que se fala. A questão da falação é que ela enclausura o conhecimento em um status mediano, e, portanto, mantém a nossa compreensão de mundo numa medianidade. “A falação é, pois, por si mesma, um fechamento, devido à sua própria abstenção de retornar à base e ao fundamento do referencial.”<sup>143</sup> Ela é a expressão do impessoal, pois ela se recusa a pensar os fundamentos, as essências e trata apenas do ente já dado. Nos comunicamos, escrevemos, compartilhamos nas redes sociais, fazemos fofoca, falamos muito, mas compreendemos pouco. Isso porque, ao aceitar a orientação do impessoal de manter tudo fácil e tranquilo, não nos lançamos nas profundezas e nos contentamos em falar das superfícies. Ao dizer o mundo apenas superficialmente, nós nos limitamos a conhecê-lo assim. O mesmo acontece quando o assunto é o quem da presença, o quem sou eu. Estamos de tal modo acostumados a falar impessoalmente, que muito dificilmente conseguimos romper com a falação e usar a fala. Ao pensar no quem da presença, pensamos na voz da opinião pública que desde o início de nossas vidas nos apresenta fórmulas de como devemos ser para sermos aceitos e que nos enforma de acordo com tais regras. Até mesmo nossa auto-imagem é controlada pelo impessoal, é distorcida, de modo que estamos sempre tentando alcançar os padrões, e até quando tentamos nos desviar dele, ele ainda está lá, como referência. Estamos sempre nos mirando no outro e tentando nos buscar no ser com, de modo que acabamos por nos perder de nós mesmos, no modo da decadência.

Na maioria das vezes nos entregamos ao modo de ser dos outros, no impessoal, sem nenhuma reflexão, somos inseridos, desde a mais tenra idade, e podemos passar a maior parte de nossas vidas sob sua tutela. Nesse modo ninguém assume a responsabilidade e vamos todos sendo

---

<sup>143</sup> Heidegger, 2013, p. 233

conduzidos, nos deixando levar pela força da multidão. Essa é uma tendência muito sedutora, que nos oferece o conforto de nos sentirmos iguais a todo mundo, de nos sentirmos familiarizados e confortados. No impessoal existe um encorajamento silencioso e imperioso que mantém todo mundo em um estado mediano. “Essa medianidade, designando previamente o que se pode ou deve ousar, vigia e controla toda e qualquer exceção que venha a impor-se.”<sup>144</sup> A diferença é tolhida, e, se ela surge, tão logo aparece, já existe uma força que a torna comum. De modo que quase tudo o que fazemos está previamente prescrito. Fazemos tudo exatamente como deveríamos fazer. Pensamos ser livres, quando na verdade estamos levando a vida tal qual nos disseram que deveríamos levá-la. Passamos a vida de tal modo misturados à multidão que temos dificuldade de nos definirmos como seres singulares.

Mesmo quando o assunto somos nós mesmos, falamos impessoalmente, de modo que não conseguimos uma via de acesso ao nosso ser, pois não conseguimos – no geral – abrir mão dessa tendência de facilidade. Ao perguntar ‘quem tu és’, geralmente, respondemos com a ocupação, nos fechando nesse conhecimento mediano. Eu não sou apenas uma estudante, eu posso estar sendo uma nesse momento, mas isso não define o meu ser, justamente pelo fato de a presença ser um ser a cada vez e de assumir um novo modo de ser a cada contexto. Assim, o que eu faço, com o que eu me ocupo, não é suficiente para responder à questão pelo quem da presença que sou eu. E se não for possível conhecer o nosso ser? Heidegger nos diz que a essência da presença é a existência. Assim, somos tal qual nos fazemos, como nos criamos. Enquanto estivermos inseridos no impessoal seremos como todas as outras pessoas o são, nos definiremos pelo que fazemos e consideraremos uma tolice pensar excessivamente nesse assunto. O sujeito do impessoal é ao mesmo tempo todo mundo e ninguém, desse modo cada um individualmente está isento de assumir a responsabilidade sobre si. Isso porque falamos impessoalmente sobre nós, mas se o discurso revela o modo como o mundo se desvela como mundo para nós, talvez seja pela linguagem que nos compreenderemos. Existe outro modo de linguagem, chamado em *Ser e tempo* de fala, que é originária e poética, e que, ao dar nomes aos entes, os abre para a nossa compreensão: é a experiência criadora da linguagem. Mas como passar da falação para a fala? Como deixar de pensar o mundo impessoalmente? A mudança pode ocorrer pela interpretação que fazemos do nosso ser para a morte

É através da linguagem que a presença pode lançar-se no futuro. É graças à nossa estrutura do pre que sabemos que somos ser para a morte, isso é um dos fatores que nos separa dos demais animais. Sabemos que vamos morrer e, no entanto, passamos a maior parte de nossas vidas tentando acreditar que esse é um acontecimento muito remoto. Assumimos cotidianamente essa possibilidade

---

<sup>144</sup> Ibidem, p. 184

impessoalmente, e criamos discursos impessoais a respeito da nossa finitude. Comumente acreditamos no “‘morre-se’ porque, com isso, qualquer outro e o próprio impessoal podem dizer com convicção; mas eu não; pois esse impessoal é o ninguém.” Com essa interpretação, até mesmo a morte se torna algo impessoal, retirando a força de se saber ser para a morte. Ao assumir que o outro morre, o que se perde não é a possibilidade de ter uma morte única, que vai singularizar a pessoa, o que se perde é a chance de se singularizar em vida. Pois a morte é o que existe de comum para todo mundo, não existe escapatória. Fala-se do morre-se, pois assim não se assume a responsabilidade com a própria vida, acreditando que esse dia pode ser adiado e até o pensamento sobre ele pode ser postergado e com isso se fecha para a compreensão de que a morte pode acontecer a qualquer momento.

Mas como a mudança de discurso sobre o nosso ser para a morte pode desvelar para nós o nosso ser? Ao pensar na morte como um acontecimento futuro, acreditamos que sempre teremos outro dia, outra chance, quase como se fôssemos eternos. Diante disso, nos permitimos ficar entregues ao impessoal, sem ter responsabilidade sobre os nossos atos ou sobre nós mesmos, sem precisar refletir sobre as ações. No impessoal, vivemos a vida como se ainda fôssemos uma criança, cujos pais decidem onde vai estudar, o que vai comer e a que horas, que a conduzem pela mão e que ela só precisa seguir obedientemente. Quando essa criança comete um ato de rebeldia, é castigada, perde privilégios, até voltar a se comportar bem. É assim que somos tutelados pelo impessoal, deixando que nos guiem e que ditem todas as normas, como se não tivéssemos forças ou autonomia para nos libertarmos desses grilhões. A criança cresce, conquista a linguagem e passa a dialogar com os pais, numa tentativa de se libertar deles aos poucos, de se tornar mais independente. Ela precisa se inserir no tempo, aprender a articular os tempos verbais no passado e no futuro, e nessa articulação ela vai perceber que todas as ações se encerram – que algumas pessoas estavam em sua vida e já não estão mais, que aquele cachorro da família sumiu – e ela vai perceber que tudo o que existe é finito. A princípio vão suavizar a finitude e falar que aquele parente querido que deixou esse mundo virou estrela; que aquele cachorro legal não vai mais voltar para casa pois se mudou para uma fazenda, e para o resto da vida essa pessoa vai tentar copiar esse padrão e tentar suavizar a finitude. Vai pensar na própria morte como um acontecimento tão distante e tão absurdo, quase inacreditável, e muito dificilmente vai tomar posse do que é realmente saber-se ser para a morte. A criança cresce, domina a linguagem e ganha autonomia, mas experimenta uma sensação falsa de liberdade, pois mesmo não sendo tutelada pelos pais, ela o é pelo impessoal. Sempre agindo de modo controlado e como o esperado. Se a autonomia da criança começa pela linguagem, talvez esse seja o caminho para nos libertarmos do impessoal. E descobrir-se ser para a morte, conseguir falar sobre isso, é um dos caminhos.

Heidegger nos diz em *Ser e Tempo* que Tólstoi expõe em seu conto “A morte de Ivan Ilitch” o colapso do discurso do morre-se impessoal, e ao longo de nossa dissertação pudemos conhecer a fundo o burocrata russo. Ele teve uma vida comum a todas as pessoas de sua classe social e de sua época. Ele também acreditava que sempre teria o dia seguinte. Que quilo de que realmente precisava era de status, de ser promovido na carreira, de ter o poder de escrever em um papel timbrado de modo que qualquer pessoa – da mais importante a menos – deveria se apresentar em seu tribunal. Os seus valores morais eram baseados nos comportamentos daqueles que o cercavam, e especialmente daqueles que estavam em posição mais elevada que a sua, se abstendo até de sentir culpa por certos atos, afinal todo mundo os fazia. Ele segue uma rotina rigorosa de acordar cedo, comer, trabalhar, se divertir. Sentia-se muito valoroso. Mas tudo isso muda quando ele percebe que é ser para a morte. Ivan Ilitch, que diante da morte dos filhos não parou para refletir sobre o que era a morte, um dia teve um encontro com uma moldura de janela, adoeceu e percebeu que a morte estava vindo em sua direção. Ele descobre que ela não só surgiu ali, mas que ela sempre esteve presente e possível, à espreita para atacar a qualquer momento. E diante disso ele precisa parar de acreditar no ‘morre-se’, porque dessa vez não vai ser o outro que vai morrer, dessa vez será ele. A linguagem cotidiana, jurídica e lógica não o ajudava a compreender esse fato justamente por sempre interpretar esse fenômeno como sendo um atributo do outro. Para compreender o que estava para acontecer, ele precisou chamar a morte de morte, a doença de doença e deixar de se levar pela facilidade do impessoal e ter uma nova relação com a linguagem.

Quando ele finalmente passa a chamar as coisas pelos seus nomes e assim a convocá-las ao entendimento, ele pode compreender um nome: Ivan Ilitch. Ele se angustia e se vê colocado diante do grande nada – que é o tudo, que é a vida, que é a morte, que é possibilidade para possibilidade – e ele se vê. A angústia o abre como o foco para o seu pensamento. Ali, diante da morte, ele consegue saber quem foi o Ivan, e que ter sido juiz, ter oferecido bailes, ter sido campeão de uiste, que nada disso era ele. Ivan Ilitch era um homem comum, de carne e osso, sujeito a qualquer doença. Apesar de todos os sucessos que obtivera em sua vida, ele era frágil e finito. Ele percebe que gastara a única chance de sua vida sendo igual a todos os outros. Ele olha para seus amigos e familiares e pensa: eles estão fazendo o mesmo, estão entregues ao impessoal. Mas ele não fala isso para ninguém, esse segredo ele leva para o túmulo.

O que impressiona no fim da obra é que o fim da vida de Ivan é extremamente doloroso, que ele grita de dores, e, no entanto, ele faz as pazes com a sua dor, com a sua vida e com a sua morte e quando isso acontece ele se inteiriça e finalmente morre. Quando ele para de temer a morte, a aceita como inevitável, quase como a uma antiga conhecida que o esperava há muito tempo, ele finalmente para de sofrer. Ao inteiriçar-se, ele se tornou inteiro, ele já não era mais possibilidade

para as possibilidades, mas sim se transformara finalmente em algo que não mudaria, no que foi feito de suas escolhas e de sua caminhada pela vida.

Ivan Ilitch entra em contato com o seu eu diante da angústia. É ela que abre a presença como conteúdo e foco para o pensamento. Mas o que é isso, a angústia? Ela é uma disposição fundamental da presença que faz surgir para a presença, pela primeira vez, a sua finitude, não como uma possibilidade remota, mas em sua imanência. Nós somos ser para a morte, isso faz parte da nossa constituição, e sabemos que o somos – mesmo que no modo da negação ou do discurso impessoal. Na experiência da angústia descobrimos que a morte é possível em qualquer lugar, em qualquer momento, que a ameaça está sempre rondando, espreitando e que pode atacar. No impessoal interpretamos esse fenômeno como se ele fosse medo, só sentimos medo diante de algo que se aproxima e que nos coloca em risco porque sabemos que vamos morrer. Mas a angústia retira da presença a possibilidade de interpretar esse fato como uma possibilidade remota e a obriga a olhá-la de frente. E, quando confrontados com a nossa morte, tão próxima, nos sufocando, nos remetemos a nós mesmos, à vida que levamos e, sobretudo, nos vemos. A angústia revela para a presença o seu próprio ser, fazendo que ela reflita sobre as suas ações, sobre as suas escolhas. É um chamado à responsabilidade.

O colapso do discurso do morre-se impessoal acontece no fenômeno da angústia. Ao nos revelar o nosso ser para a morte, a angústia faz com que tenhamos uma experiência nova com a linguagem, em que temos duas opções: (1) quando confrontados com a nossa marcha inexorável para a morte e com o fato de que ela pode acontecer a qualquer momento, podemos continuar mascarando essa possibilidade, seguindo com a falação para interpretar o fenômeno, acreditando que nada aconteceu, pois ao fim dessa experiência ainda se está com vida, e acaba-se imaginando que foi um devaneio ou uma patologia e seguindo decaído no impessoal, se fechando para o significado dessa experiência e o reduzindo ao nada; (2) ou a pessoa pode perceber que a linguagem cotidiana não pode ajudá-la a compreender a própria finitude e com isso tentar buscar novas ferramentas que a ajudem nessa compreensão. Nesse caso falar sobre a morte como o morre-se e com isso acreditando que os outros morrem ou que você só vai morrer em um dia muito longínquo não basta, é necessário assumir o eu morro para que com isso outras palavras também possam vir à claridade, como a vida e o eu. A angústia singulariza a presença na medida em que ela a faz pensar sobre si mesma e sobre os caminhos que percorreu e que construíram quem ela é naquele momento, ela também percebe, ao analisar esse processo, que para tornar-se quem é ela deixou de ser de muitos outros modos e que é um ser em constante transformação. Quando alguém assume a o seu ser para a morte, essa pessoa é liberta para a possibilidade de se saber possibilidade para possibilidade, então pode tomar posse de suas decisões e não apenas ir seguindo os outros

impessoalmente. Assim a palavra vida surge com o significado de que é breve, única e sua, que ninguém mais pode vivê-la em seu lugar. O eu se desvela como esse a ser criado por si, que pede responsabilidade nessa construção. E assim a linguagem pode revelar todos os outros entes sob uma nova luz, pode revelar um mundo novo para a presença em que ela, ao dizer o nome das coisas, tem ao mesmo tempo a experiência do ser e do ente, de instauração de significado. A angústia liberta a presença para a liberdade de ser si mesma, de viver cada uma das finitudes que a vida oferece e de poder refletir sobre elas, aprender com elas, e não apenas ir passando por elas enquanto espera a morte chegar, passivamente, acreditando que vai ter outro dia. Ser para a morte é saber que existe a possibilidade de não acordar amanhã e de fazer do hoje um grande dia, antes de viver para a morte poder viver para a vida, enfrentando cada fim.

As crianças, na verdade nunca se libertam dos pais, especialmente por não quererem. É ótimo ter pais, ter com quem nos aconselharmos e nos aconchegarmos, ter alguém que nos conheça há mais tempo que todo mundo, ter laços fortes, ter chão, e eventualmente até nos tornamos os nossos pais, ou os pais de outras pessoas e tomamos para nós esse papel de segurar pela mão e carregar pela vida. Assim também nunca nos desvencilhamos completamente do impessoal, de algum modo sempre estaremos sujeitos à opinião pública, às vezes julgando, outras sendo julgados, às vezes criando moda, outras seguindo modas, sempre falaremos muito sobre muitas coisas e nem sempre teremos fundamento sobre o que falamos. E mesmo tendo a consciência de que somos ser para a morte e de que, por sermos no tempo, eventualmente o nosso tempo na terra acabará, sempre deixaremos alguma coisa para amanhã. O que pode mudar, depois da experiência da angústia, é nos relacionarmos mais livremente com a linguagem, que é a clareira do ser, e nos abriremos à compreensão de mundo não só como nos dizem que ele é, mas como nós dizemos. Pela palavra nós criamos o mundo que nos cerca, e por ela nós construímos a pessoa que nós somos. O quem da presença é uma estrutura aberta mas que é fundamentalmente capaz de poder dizer quem é, mesmo que isso esteja em constante transformação.



## **Posfácio: Eu e Ivan Ilitch**

O que significa escrever sobre o colapso do discurso do morre-se impessoal? Quando eu comecei a escrever essa dissertação, eu tinha acabado de passar por uma situação muito traumática: no dia 2 de novembro de 2016, recebi a notícia da morte de uma amiga da graduação. Seu nome era Aline Pais. Certo dia, ela estava em uma festa na Lapa, quando um bueiro explodiu e ela teve cerca de setenta por cento do seu corpo queimado, jamais se recuperou e veio a óbito. Ela era uma pessoa que eu encontrava sempre, ríamos, dançávamos, bebíamos e comíamos banana split. Ela era uma jovem, recém-formada em filosofia e queria ter entrado no mestrado. Ali, a morte se apresentou para mim como um tema, não só de pesquisa como de pensamento. Tem uma frase no *Ser e Tempo* que diz: “basta nascer para já estar velho o suficiente para morrer”. A vida é uma coisa muito frágil e pode simplesmente acabar, sem aviso prévio, existe a real possibilidade de andar na rua, um bueiro explodir, e eu morrer, nada está assegurado. Achei que havia compreendido isso com a morte de Aline. Eu sou ser para a morte – pensei na época –, mudei de hábitos, de amigos, passei a beber bastante água e a desviar sempre dos bueiros. Encontrei a nota de rodapé 140 e, como pensava ter compreendido a finitude da vida, decidi que estudaria o tal discurso impessoal sobre a morte e descobriria como ele entra em colapso. Não havia compreendido nada nem sobre a morte, nem sobre o ser para a morte, nem sobre a vida e muito menos sobre o tal discurso. Comecei a escrever a dissertação, o primeiro capítulo mais teórico, o segundo mais focado no conto de Tolstói e o terceiro sobre a angústia foi mais difícil, não conseguia escrever. Estava falando do discurso impessoal sobre a morte, acreditando que eu mesma não estivesse nele, mas, quanto mais eu escrevia, mais me afundava nele.

Por uma coincidência absurda, quis a vida que eu tivesse um problema no ceco, tal qual o Ivan Ilitch, e isso colocou todo o edifício da dissertação, bem como da vida, em colapso. No dia 10 de julho de 2018, estava eu sentada no escritório da livraria em que trabalhava, quando começo a sentir dores no abdômen muito fortes, noto aterrorizada que não consigo levantar, ligo para o meu namorado, Francisco, ir me buscar e seguimos para o hospital. Chegamos lá, com muita dor e muita dificuldade. Quando me atenderam, apenas me deram um analgésico na veia e me mandaram para casa. Aquela noite foi interminável, as dores estavam fortíssimas, mal conseguia me levantar para ir ao banheiro e quando conseguia não podia ficar ereta pois a dor não me permitia. No dia seguinte, assim que acordamos, seguimos para o posto de saúde, pedindo uma indicação de um remédio mais forte contra a cólica, mas, diante do meu estado, os médicos decidem que seria melhor me encaminhar para o hospital, chamam uma ambulância, eu entro mas fico pensando que aquilo era um exagero, que eu não poderia estar tão mal.

Ao chegar lá, fui rapidamente atendida, a médica começa a me examinar, o abdômen estava



muito distendido, uma hemorragia interna, ela declara. Ela levanta duas hipóteses: uma gravidez ectópica, isto é, na trompa, e isso teria provocado a ruptura da trompa, ou o apêndice tinha rompido. Em ambos os casos, a indicação era cirúrgica. Tomamos um susto, nunca teria passado pela minha cabeça que poderia ser algo tão grave. Fomos fazer uma ultra e, no caminho, ligamos para a minha família. Antes de terminar o exame, eles já tinham chegado ao hospital. Entregamos o exame para a médica, que já estava vestida para a cirurgia, e ela confirmou que se tratava de uma gravidez ectópica seguida de rompimento da trompa. Eu estive grávida, sofri um aborto e a médica dizia: vamos entrar em cirurgia. Não havia tempo para pensar, de repente eu estava de roupa cirúrgica, sendo levada de cadeira de rodas e pensando em como uma quarta feira normal tinha se transformado naquele desespero. Entro na sala de cirurgia: luzes, mesa, bisturi, anestesia, um médico comentando que a Croácia tinha ido para a final da copa do mundo. Será um sonho? Acordei confusa, com muito frio, em um quarto estranho. Vejo a minha irmã sentada ao meu lado. Percebo que tenho uma sonda, um dreno e que estou recebendo alguma medicação pela veia. Era verdade e não pesadelo, voltei a dormir sentindo que nada daquilo tinha nenhum sentido, tudo parecia irreal.

No dia seguinte, os médicos me acordam para explicar sobre a cirurgia e sobre a recuperação. Quando me abriram, a trompa já estava rompida, mas acharam algo que pode ter sido o saco gestacional, ou pode ter sido um tumor (a biópsia só ficaria pronta no dia dez de setembro), colado entre o que sobrou da trompa e o ceco. Fizeram uma cesárea e retiraram a trompa, parte do ceco e parte do íleo. Lembro-me do Ivan Ilitch, penso na coincidência, fico com medo, questiono se a minha situação ainda apresentava perigo – afinal ele morreu de um problema no ceco –, me tranquilizam e explicam que a operação fora feita no tempo certo, que, apesar das intercorrências, eu ficaria bem. Graças à cirurgia no intestino eu passaria três dias numa dieta zero, não comeria nada e me nutriria apenas de soro. Tomaria antibiótico, anti-inflamatório e muitos analgésicos, todos intravenosos.

No primeiro dia eu não conseguia pensar direito, não conseguia entender bem o que estava acontecendo, a medicação para a dor estava muito forte e eu passei o dia deitada, meio sonolenta. Recebi a visita de minha família, namorado e amigos. Descobri que tinha muitos pontos, penso na cicatriz, penso nos perigos de inflamação e infecção, tudo me assusta. Além de todas essas surpresas, eu estava internada na maternidade, e isso foi muito estranho, eu que nunca pensei seriamente na possibilidade de ter filhos, de repente estava vivendo toda aquela confusão por conta de uma gravidez cuja existência eu ignorava. Muitos gritos ecoavam nos corredores e de repente eles cessavam e surgia um chorinho ao fundo, e isso acontecia muitas vezes durante o dia e a noite. O nascimento e a morte pareciam coexistir o tempo todo ali: não a morte biológica – enquanto eu

fiquei lá ninguém morreu –, mas era nítida a mudança em uma mulher nas horas que antecediam o parto e nas horas que o sucediam, o olhar, a força, aquilo era ser para a morte, era o fim de um modo de ser e o surgimento de outro. Com o nascimento da criança, nascia uma mãe, com um olhar apaixonado e uma força descomunal. Sentia que eu estava sendo gerada de novo, como se eu estivesse grávida de mim, de um futuro, de todas as possibilidades e ao mesmo tempo sentia a fragilidade desse momento, tudo podia dar errado, tudo podia acabar, mas eu sentia como se tudo estivesse recomeçando.

Eu me sentia mais como um dos bebês, assistida, acarinhada e encorajada em cada pequena conquista. Sentia-me renascida, especialmente porque eu precisei aprender todas as funções do meu corpo. Teve um momento, ao fim da segunda madrugada, em que a minha coluna doía muito, porque eu estava deitada há muito tempo. Como ainda estava com a sonda urinária e o soro na veia, era difícil para as enfermeiras me levantarem. Nessa hora eu tentava sentar e não conseguia, tentava falar com as enfermeiras e não conseguia, mandei mensagem para a minha irmã pedindo ajuda. Quando ela chega ao hospital, não a deixam entrar, pois ainda faltava muito para o horário de visitas. Eu fico esperando pela ajuda do lado de dentro e ela fica esperando para me ajudar do lado de fora. A enfermeira daquela manhã a deixa entrar e começam os preparativos para que eu pudesse sentar: primeiro precisei tirar a sonda, depois tomar um banho e aí sim consegui sentar um pouco. Senti um grande alívio nas costas. Ao longo do tempo que passei lá eu precisei reaprender a sentar, a andar, a tomar banho, a ir ao banheiro e, ao fim do terceiro dia, precisei reaprender a comer, primeiro apenas alimentos líquidos, aos quais se seguia o vômito e a medicação para proteger o estômago, depois um pouco mais sólidos, com uns pedaços. Foi nessa parte que a minha história e a de Ivan se cruzaram de novo. Quando fizeram a reintrodução alimentar, o foco começa a mudar, a questão da trompa já estava resolvida, os pontos que doíam pareciam sarar bem, e era hora de começar a pensar no funcionamento do intestino.

Tiraram um raio-x para acompanhar a evolução do tratamento e a alça inferior do meu intestino estava distendida. No primeiro exame, isso não causou espanto, pois havia sido uma cirurgia invasiva, era esperado o inchaço. Repetiram o exame dois dias depois e estava ainda mais inchado. Eu tinha voltado a comer, mas ainda não havia conseguido evacuar, os médicos começaram a ficar muito preocupados, começaram a falar em desobstruir cirurgicamente, eu fiquei apavorada com essa possibilidade. Passei a focar o meu pensamento em fazer o que restou do ceco funcionar para eu não precisar ser operada de novo, fiquei mentalizando e desejando que tudo voltasse a funcionar normalmente. Decidiram então me transferir para a ala de cirurgia geral. Os médicos dizem que uma possibilidade era de um dos pontos dados no intestino ter ficado apertado demais e obstruído o caminho e, neste caso, a indicação era cirúrgica. A possibilidade de entrar em

uma nova operação e recomeçar tudo era desesperadora. Pedem uma tomografia, volto para a dieta zero, dessa vez tomando apenas água com o remédio do contraste. Passei o dia inteiro muito tensa, o que aumentou as dores. Nesse dia, o Francisco desmarcou todos seus compromissos e ficou ao meu lado, me ajudando a relaxar e a me readaptar ao novo quarto. O pensamento e as conversas giravam sempre em torno do funcionamento do intestino. Será que vai ficar tudo bem? Faço o primeiro exame, que dá erro, o contraste ainda não havia percorrido o intestino e, portanto, a parte mais importante não aparecia no resultado. Precisei esperar o contraste chegar, as horas não passavam, estava muito ansiosa. Será que o segundo vai dar? Francisco segurava a minha mão, me acalmava, vai dar certo, ele dizia. No segundo exame, funciona, o contraste passou pelo local dos pontos, sinal de que não estava obstruído, e descartam a cirurgia.

No dia seguinte inicio uma nova dieta, os médicos, nutricionistas, amigos e familiares, todos me perguntando se o intestino estava funcionando. No hospital eu recebo a notícia de que passei para o doutorado na Universidade Nova de Lisboa, o que aumenta a minha vontade de ter alta, tinha a burocracia para encarar, precisava terminar a dissertação, resolver a minha situação na livraria e lá estava eu, internada, tentando fazer o intestino funcionar. Eu tentava me concentrar e canalizar energia para que ele funcionasse bem, ficava o dia todo pensando no ceco e no intestino. Três dias depois tudo volta a funcionar regularmente. O dreno diminui a quantidade de líquido e as minhas funções intestinais estavam boas, era hora de ir para casa, doze dias depois. Dia 23 de julho.

Ao voltar para casa, acreditei que tudo estaria resolvido e que eu melhoraria imediatamente. Engano meu, o processo de recuperação foi bastante complicado, não conseguia caminhar direito, andava o mínimo e já sentia dores, então passei quase um mês em casa, entre a cama e o sofá. Nos primeiros dias eu ainda estava com os pontos e precisava tomar cuidados extra, mas, depois de tirá-los, eu ainda passei um bom tempo sentindo dores na barriga, não conseguia posição para ficar muito tempo e por isso também não conseguia escrever a dissertação, fui ficando muito ansiosa com essa situação, mas isso não me ajudava na recuperação. Resolvi aceitar que estava doente e tentar me restabelecer com muita calma. Com o tempo as dores passaram, eu voltei a caminhar com mais facilidade e agora estou bem melhor.

As semanas foram passando e eu fui conquistando mais mobilidade, começava a voltar para a minha rotina, planejava a viagem a Lisboa, me preocupava com o visto, até que chega o dia de buscar a biópsia no hospital. Acordo confiante e sigo com o Francisco para lá. Vai ser benigno, eu pensei, não tem motivos para ficar preocupada. Não era. O resultado da biópsia revela um tumor neuroendócrino de alguns milímetros alojado no ceco. Começa mais um capítulo do cruzamento do meu caminho com o de Ivan. Você precisa ir a um oncologista, sentencia o médico, poucas frases podem ser tão assustadoras quanto essa. Na consulta oncológica a confirmação: é câncer. Um tipo

sem sintomas, com crescimento lento, mas nas margens do nódulo que mandaram para o laboratório ainda haviam células ruins, vai ser necessária outra cirurgia para tirar uma parte do tecido saudável do intestino, imagino que vão retirar o ceco. Depois dessa primeira consulta, tiveram muitas outras, inclusive no inca, onde sigo em tratamento. A nova cirurgia será no dia 18 de outubro, a princípio, e esse é assunto para o futuro. Acredito que tive muita sorte em ter tido essa gravidez nas trompas, caso contrário só descobriria o câncer quando estivesse tarde demais.

Eu sento como se tivesse recebido um beijo da morte em uma bochecha e um beijo da vida em outra. No período em que fiquei no hospital, pude compreender melhor o conceito de ser para a morte e experimentar como ele está muito mais relacionado com a vida do que com a morte. Eu passei por muitas transformações durante esse tempo. Mas o que eu mais aprendi com isso é que a minha vida e o meu corpo são iguais aos de todo mundo, que existe uma ciência e muita gente que se dedica a fazer o corpo humano funcionar bem, mas que a vida não é só essa vida biológica, o coração pulsando, o ar circulando e o intestino evacuando – embora tudo isso também seja a vida. A vida é algo que está em transformação o tempo todo e que é muito frágil, ela passa e escapa das mãos e, quando nos damos conta, ela já passou. Ser para a morte é ser para a vida, agora que eu quase morri eu quero muito viver. Eu me demiti da livraria, estou concluindo o mestrado e vou começar uma nova aventura em Lisboa. Enquanto eu escrevia essa dissertação, passei por muitas finitudes. No começo trabalhava em um hostel, depois mudei para uma livraria e agora estou desempregada. Eu era solteira e agora tenho o Francisco, eu tinha duas trompas e agora tenho uma e metade do ceco, e quem sabe até o fim do ano qual vai ser o tamanho do meu intestino, eu morava no Rio e agora estou me mudando para Lisboa... O que restou da Sarah que começou esse texto? Eu não sei, talvez o nome. Hoje eu encaro a vida como um bem preciosíssimo, como liberdade para as possibilidades. E não, eu não virei um ser autêntico e especial, eu continuo vivendo, falando e agindo como impessoalmente se faz, mas pude compreender que a morte não está localizada em um ponto do futuro, mas sim que ela é uma possibilidade à espreita em todos os momentos. Estamos morrendo um pouco a cada dia, mas, enquanto é só um pouco, temos mais é que viver. Assim escrever sobre a nota de rodapé 140 de *Ser e Tempo* e sobre *A morte de Ivan Ilitch* é um pouco contar a minha história nesses dois anos e contar como o discurso do morre-se impessoal entrou em colapso na minha vida.

Bibliografia:

- ARIES, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo, Ed. 34, 2017
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo. Martins fontes, 2006.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura*. Editora brasiliense, 1987
- BARTLETT, Rosamund. Tostói, a biografia. Editora: Biblioteca azul. 2013
- BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2011.
- CASSIRER, Ernst. Ensaio Sobre o Homem. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo : Martins Fontes, 1994
- DANTO, Arthur. *A transfiguração do lugar comum: uma filosofia da arte*. São Paulo, cosac naify, 2010.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos. Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 2001.
- FLEW, antony. *Tolstoi and the meaning of live*. In. Ethics, vol 73. N°2. University of chicago, 1986
- FOGEL, Gilvan. Da solidão perfeita. Petrópolis : Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor*. Rio de Janeiro : Mauad X, 2010.
- GAGNEBIN, jeanne marie. Da dignidade ontológica da literatura. In Paul Ricoeur: ética, identidade e nascimento. São Paulo, Loyola, 2013.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. *O ser e a morte*. Anuário de filosofia São João del rei n°10. 2003
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2013
- \_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. Petrópolis : Vozes, 2012 (a). 6° edição.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. Petrópolis : Vozes, 2012 (b). 8° edição
- \_\_\_\_\_. *Heidegger: coleção Os pensadores*. São Paulo : Abril cultural, 1979.

\_\_\_\_\_ *Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, finitude e solidão*. Rio de Janeiro, 2015, ed. forense universitária.

\_\_\_\_\_ O conceito de tempo. In *Cadernos de tradução* n. 2, DF/ USP. 1997

\_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Lisboa : Edições 70, 1990.

HOUAISS. *Dicionário da língua portuguesa*. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 2004.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Ed. Martins fontes, 1989.

LIMA, Paulo Alexandre Pinto dos anjos da Silva: *Heidegger e a fenomenologia da solidão humana*. Universidade Nova de Lisboa, 2012 - Tese de doutorado,

LUCKÁCS, GEORG. *A teoria do romance*. Editora 34. 2000.

LUIZA, Almeida. *A representação da morte na obra de Tolstói*. Usp, 2012. Dissertação de mestrado.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio – Que a filosofia é aprender a morrer*. Editora LP&M, 2017, Porto Alegre.

NUNES, Benedito. *Heidegger e a poesia*. In: REVISTA NATUREZA HUMANA, V2 NI, SÃO PAULO, JUNHO DE 2000.

OLIVEIRA, claudio. *Do tudo ou do todo uma nota de rodapé do parágrafo 48 de Ser e Tempo (uma discussão com Heidegger e os gregos)*, 2012, UFRJ, Rio de Janeiro – tese de doutorado

PACHMUSS, Temina. *The theme of love and death in Tolstoy's the death of Ivan ilytch*. In. *American slavic and est european review*. Vol 20, n°1.

PESSOA, Patrick. *A segunda vida de Brás Cubas*, Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2008.

\_\_\_\_\_ Heidegger e o tédio: sobre a gênese do conceito do dasein. UFRJ, 2001. Dissertação de mestrado.

PISSETA, ECIO: *Tolstói e Heidegger: Da morte indiferente à morte própria*. Dissertatio revista de filosofia. Universidade de Pelotas, p. 44-80. 2016.

\_\_\_\_\_ *Morte e totalidade: Um estudo acerca da morte como possibilidade privilegiada do homem e suas remissões para a compreensão da totalidade no pensamento de Martin Heidegger*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2005 - tese de doutorado

RICOEUR, paul. *O si mesmo como outro*. São Paulo, Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_ *La vida: um relato em busca de narrador* In: àgora, 2006.

ROHDEN, Luiz. *Entre a filosofia e a literatura recados do dito de do não dito*. Relicário edições. 2015, Belo horizonte.

RONAI, Paulo. Posfácio de “A morte de Ivan Ilitch”. São Paulo ,Editora 34, 2009.

SCHUMACHER, Bernard N. *Confrontos com a morte*. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

STEINER, George. *Extraterritorial – A literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo : editora Schwarczs, 1990.

\_\_\_\_\_ *TOLSTOI OU DOSTOIEVSKI UM ENSAIO SOBRE O VELHO CRITICISMO*.  
Perspectiva, 2006

SCHNAIDERMAN, Boris. Leão Tolstói: antiarte e rebeldia. In. Posfácio *Khadji-Murát*. São Pauo, Ed. 34, 2017

TOLSTÓI, LEON. *A morte de Ivan Ilitch*. Ed. Nova fronteira, Rio de Janeiro, 2013. e São Paulo ,Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_ *Khadji-Murát*. São Pauo, Ed. 34, 2017.

\_\_\_\_\_ *Anna Kariênina*. Ed. Companhia das letras, 2017.

\_\_\_\_\_ *Guerra e paz*. Ed Relógio d’água, 2013.

\_\_\_\_\_ *Infância, adolescência e juventude*. Ed Relógio d’água, 2012

WERLE, Marco Aurelio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. In: *Trans/ form / ação* , São Paulo. 26 (1) p. 97 – 113. 2003